

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Aline Mendes Lima

**Além do carnaval: O negro nas imagens da *Revista do Globo*
(1955-1956)**

Porto Alegre
2014

Aline Mendes Lima

**Além do carnaval: O negro nas imagens da *Revista do Globo*
(1955-1956)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciada em História

Orientador: Prof. Me. Adolar Koch

Porto Alegre
2014

Aline Mendes Lima

**Além do carnaval: O negro nas imagens da *Revista do Globo*
(1955-1956)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciada em História

Orientador: Prof. Me. Adolar Koch

Aprovado em: 8/12/2014

Conceito: A

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alessandro Mário Kerber
(UFRGS)

Carolina Martins Etcheverry
(UFPEL)

Prof. Me. Adolar Koch (Orientador)
(UFRGS)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como foram representadas as pessoas negras nas fotografias publicadas na *Revista do Globo* nos anos de 1955 e 1956. O periódico ilustrado, impresso em Porto Alegre, tinha como uma de suas características dedicar um espaço significativo para as imagens fotográficas. Sabendo-se que o mais recorrente destaque para o povo negro costumava ocorrer nos festejos de carnaval, buscou-se compreender se, e de que forma, a revista expandiu essa perspectiva e apresentou a imagem desse grupo étnico-racial ligada a outras temáticas. Assim, também foi analisado de que forma as fotos que não abordavam o carnaval figuravam na revista e a que contexto elas estavam associadas.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, Negros, *Revista do Globo*

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto1- Folias de Reis e Macumba em nome de São Sebastião.....	34
Foto 2- Os traidores do futebol.....	35
Foto 3- Uma caixa de raça (negra).....	36
Foto 4- Por que é frágil a democracia brasileira?.....	46
Foto 5- A bíblia vai ao povo.....	50
Foto 6- Cavalhada dos pretos.....	52
Foto 7- Ogum baixou no terreiro da Mãe Apolinária.....	54
Foto 8- Boite Brasileira em Paris.....	56
Foto 9 - Um pintor gaúcho em Paris.....	57
Foto 10- Orfeu da Conceição.....	60
Foto 11- Eles tem direito a um lugar ao sol.....	62
Foto 12- Aburguesou-se a Lapa.....	64
Foto 13- Flores de Nina Rosa.....	64
Foto 14- Demolidores.....	66
Foto 15- Vem aí a Seleção Permanente.....	67
Foto 16- O Rio vive no século XX as Sete Pragas do Egito.....	68
Foto 17- É deles o reino da praia.....	70
Foto 18: Broto em negativo.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	14
1.1 Os estudos envolvendo fotografia e história	14
1.2. Os anos de 1950 e suas mudanças	20
2. OS NEGROS NA REVISTA DO GLOBO	27
2.1 A revista e suas representações	27
2.2 Análise das imagens	42
2.3. Considerações sobre as aparições negras nas edições de 1955 e 1956.....	44
2.3.1 Política.....	46
2.3.2. Manifestações Religiosas.....	50
2.3.3. Artes.....	57
2.3.4. Trabalho.....	63
2.3.5 Esportes.....	67
2.3.6 Problemas Sociais/Desenvolvimento Urbano.....	68
2.3.7 Lazer.....	69
2.3.8 Opinião	70
2.3.9 Moda/Beleza	70
2.3.10. Internacional	71
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS:.....	76
ANEXOS.....	81

INTRODUÇÃO

A *Revista do Globo* surgiu na cidade de Porto Alegre em 1929 e circulou quinzenalmente até o ano de 1967, propondo-se a ser um periódico de “Cultura e Vida social”. A obra impressa afirmava ter como alvo o público em geral; embora se restringisse aos que contassem com recursos para comprá-la, e reunisse dentre os membros da elite letrada grande parte de seus consumidores. Ela apresentava um número significativo de fotografias e ilustrações, que educaram olhares e formaram opiniões sobre temas referentes ao Rio Grande do Sul e ao mundo. Nas imagens dessa publicação foram divulgados modos de viver e pensar sobre as cidades, em processo de modernização, que influenciaram nos sentidos construídos pelos leitores acerca desse espaço, das práticas sociais ali estabelecidas e sobre seus habitantes.

Cumprir enfatizar que uma fotografia é construída de acordo com os códigos e filtros culturais da sociedade que a produz e como objeto que é, carrega significados que variam de acordo com a forma como os leitores se apropriam de cada representação. Assim, a imagem fotográfica não é neutra. Ela é uma construção e, desta forma, sua produção, leitura e circulação estão permeadas de discursos e interesses. Logo, infere-se que a *Revista do Globo*, por meio de suas fotografias, contribuiu para a construção de um imaginário acerca de diferentes grupos sociais, interferindo e/ou reforçando posições morais já existentes.¹

O presente trabalho se propõe a estudar como os negros foram eternizados nas fotografias publicadas nesta rica fonte de pesquisa. Questiona-se, dentre outros tópicos, se esses homens e mulheres foram apresentados como sujeitos que atuam em diferentes esferas sociais ou restringidos à participação nos festejos de carnaval. Em virtude disso, o foco da análise se dará nas imagens que não possuam o carnaval como temática.

O tema desta pesquisa foi motivado por estudos que relatavam a rara ou incômoda aparição ² desse grupo em fotografias produzidas entre o final do

1 Segundo Susan Sontag(1986, p.26) :“As fotografias não podem gerar posições morais, mas podem reforçá-las e contribuir para consolidar as que se iniciam”.

2 Define-se como incômoda aquela representação que carrega a perspectiva do exotismo

século XIX e início do XX, tanto nas imagens disponíveis em arquivos públicos quanto em publicações impressas³. A partir desses estudos percebeu-se que os negros foram motivos de poucas imagens e quando o foram estavam muitas vezes ocupando o “espaço do outro”, uma vez que a maioria dos retratos eram encomendados por sujeitos, de outros grupos étnicos e sociais. O fato é que a posse da imagem é garantida àqueles que poderiam pagar por ela, os negros durante muito tempo não faziam parte desse grupo.

As imagens publicadas no início do século XX costumam apontar apenas uma aparição discreta desses sujeitos, e especialmente em fotografias de espaços públicos, que retratam a modernização das cidades.⁴ É possível dizer que o negro participou timidamente da construção dessas imagens uma vez que ao perceber que estava sendo registrado pelo fotógrafo, por vezes olhou para a câmera ou fez pose. Entretanto, é necessário ratificar que essas representações, ao serem encomendadas por outro grupo social, a ele pertenciam. Para Boris Kossoy e Maria Luiza Carneiro (2002):

Nesta trajetória do negro enquanto modelo de representação, pôde-se constatar que estamos diante de cenas construídas onde o negro se viu embelezado por uns e animalizado por outros; (...) estigmatizado em seu traje de escravo ou trajado aristocraticamente no cenário do estúdio fotográfico, no momento em que, já liberto, pode optar por um estilo de representação. (KOSSOY; CARNEIRO.2002. p.212)

No que tange especificamente a *Revista do Globo*, Machado Júnior (2009) observou a falta de afrodescendentes nas fotografias de crianças, tema frequente na publicação, durante a década de 1930. Além disso, percebeu que

como, por exemplo, o retrato de “tipos humanos” produzido no pequeno formato *carte de visite*.

³ Ver mais em :KOSSOY, Boris; CARNEIRO, Maria Luiza. *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002; KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *No estúdio do fotógrafo: representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*. Campinas: UNICAMP, 2006. (Tese de Doutorado em Multimeios); MARROCO, Beatriz. Linhas paralelas: os negros e os jornais na fotografia do século XIX. In: *Quaderns-e*. Número 16, Ano 2011 p.13-115. Disponível em: [http://www.antropologia.cat/files/Quaderns-e16\(12_Marroco_2pdf](http://www.antropologia.cat/files/Quaderns-e16(12_Marroco_2pdf). Acesso em: Jun. 2014.

MICHELON, Francisca Ferreira; LIMA, Aline Mendes. Mulheres afro-descendentes no século XX, Pelotas-RS: imagens silenciosas e esquecimento. In: *Stadium: Projetos especiais Stadium Representação imagética das africanidades no Brasil*, novembro de 2007. Disponível em: <http://www.stadium.iar.unicamp.br/africanidades/index.html>. Acesso em: Jun.2014.

⁴ Ver mais em: CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

as pessoas da etnia negra figuraram de forma restrita constituindo uma ausência notória nas páginas da *Revista* durante esse período.

O contexto dos anos 1950 foi marcado pela modernização e crescimento das cidades e por organizações do movimento negro. O Brasil vivenciou nesse período um expressivo crescimento urbano e industrial e assistiu a mudanças na paisagem por meio de uma verticalização e modernização de cidades como Porto Alegre. Torna-se importante ratificar que, como afirma Naida D'Ávila, ao lado desse crescimento persistiam as desigualdades sociais uma vez que “[...] desenvolveu-se um programa governamental basicamente desenvolvimentista, marcado pela centralização no aspecto industrial; menosprezando programas de solução para problemas sociais básicos.” (D'ÁVILA, 2002.p.71)

No âmbito cultural destacava-se a expansão dos meios de comunicação, que “assumiam cada vez mais o papel de formadores da moda e da moral”. (D'ÁVILA, 2002.p.76). Dentre eles, estavam o rádio, os periódicos e a televisão—cuja primeira transmissão foi em 1950—difundindo o *American Way of Life* e, conseqüentemente, incentivando o consumo.

Vale lembrar que o rádio, que vivia sua chamada “época de ouro”, assim como o teatro e o cinema mostraram uma produção significativa nesses tempos. Cita-se rapidamente alguns elementos que compunham esse cenário cultural: na dramaturgia, o Teatro Brasileiro de Comédia, fundado em São Paulo no ano de 1948 e o Teatro de Arena, fundado na mesma cidade nos anos 50; no cinema, as chanchadas produzidas pela Atlântida; nas rádios, despontavam os programas de auditório e ascenderam as estrelas radiofônicas, impulsionadas pelo predomínio da radiodifusão comercial. (AVANCINI, 1996).

O recorte temporal deste trabalho foi delimitado na década de 1950 - especificamente nos anos de 1955 e 1956 - em virtude de dois fatores. O primeiro se deve aos avanços técnicos destes tempos que possibilitaram: a democratização do acesso à fotografia, a expansão do fotojornalismo e a modernização da imprensa ilustrada brasileira. Cabe ressaltar que em estudos desenvolvidos a partir de acervos privados e álbuns fotográficos de famílias negras gaúchas foi encontrado um número significativo de imagens produzidas nos anos de 1940 e 1950 o que indica que essa democratização foi vivenciada

pelo grupo negro também⁵. Assim, buscar-se-á saber se a ausência relatada por Machado Júnior (2009) durante os anos de 1930 persiste nas imagens da *Revista do Globo* em anos seguintes, após os já mencionados avanços técnicos.

O segundo elemento delimitador do recorte foi a significativa atuação de organizações políticas e culturais negras – estas influenciadas pelas lutas por direitos civis –, ocorrida nos anos de 1950. Pode-se mencionar, dentre tantos outros, alguns elementos importantes para compor esse mosaico: o Primeiro Congresso Nacional do Negro, ocorrido em 1958; a primeira lei contra discriminação racial do Brasil, assinada por Afonso Arinos no início dos anos 50⁶; a atuação do Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias do Nascimento em 1944. Nesse sentido, também merecem destaque alguns clubes negros atuantes em Porto Alegre⁷ na época: Clube Náutico Marcílio Dias, Sociedade Floresta Aurora e Satélite Prontidão.

Na área cinematográfica, os negros estavam representados em algumas das produções. Destaca-se *Rio, 40º graus* - de Nelson Pereira dos Santos- que enfocava a população dos morros cariocas. Este é considerado o primeiro filme brasileiro a utilizar o modelo de produção cinematográfica independente (FERREIRA,2012). Merecem menção também a premiação do filme Orfeu Negro no Festival de Cannes, em 1959 e a atuação de Grande Otelo em películas como *Matar ou correr (1954)* e *Rio Zona Norte (1957)*.

O movimento negro durante a República – considerado um tema pouco explorado por Petrônio Domingues (2007) – tem grande influência no contexto que permeia essa pesquisa; em virtude disso considera-se importante tecer algumas considerações sobre o assunto. Segundo Domingues (2007,p.101): “ em todo o período republicano, esse movimento vem empreendendo, dinamicamente, diversas estratégias de luta a favor da população negra.”. O autor divide o movimento negro em quatro fases:

5 Ver mais em :LIMA, Aline. “*Ofereço minha foto como recordação*”: representações negras em álbuns familiares: (Pelotas 1930-1960). Porto Alegre: PUCRS, 2009. (Dissertação de Mestrado em História); SANTOS, Irene dos (org.). *Negro em Preto e Branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre*. Porto Alegre: Edição do Autor, 2005.

6Cabe salientar que essa lei de 3 de julho de 1951 considerava o preconceito de raça apenas uma contravenção penal. O racismo só veio a configurar-se como crime na Constituição de 1988.

7 Urge salientar que os clubes negros foram atuantes em diversas cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Primeira República ao Estado Novo (1889-1937), Segunda República à Ditadura Militar (1945-1964), Redemocratização à República Nova (1978-2000) e Movimento Negro Organizado na República (2000- ?). Focar-se-á nos dois primeiros períodos em razão do recorte temporal da presente pesquisa.

A primeira fase foi caracterizada pela criação de grêmios, clubes ou associações (de cunho assistencialista, recreativo e/ou cultural) pelos libertos e ex-escravos. Ao considerar as cidades de Porto Alegre e Pelotas – a partir dos dados das pesquisas de Müller⁸ (1999) e Loner (1999) –, somam-se mais de cem associações existentes no período. Ainda durante a Primeira República surgiu a *imprensa negra* – com jornais em diversas partes do país – que buscavam abordar os problemas que afetavam a “população de cor”, como: *O Exemplo* (1892), em Porto Alegre e *A Alvorada* (1907), em Pelotas. Em 1931, fundou-se a Frente Negra Brasileira (FNB), em São Paulo, considerada “a mais importante entidade negra do país”(DOMINGUES. 2007,p.106) durante esse tempo. Cabe salientar que a FNB transformou-se em um partido político a partir de 1936, mas foi extinta em 1937 com a instauração do Estado Novo, momento em que foi reprimido qualquer movimento de oposição.

A segunda fase é marcada pela fundação da União dos Homens de Cor na cidade de Porto Alegre em 1943. Essa entidade tinha uma atuação “marcada pela promoção de debates na imprensa local, publicação de jornais próprios, serviços de assistência jurídica e médica, aulas de alfabetização, ações de voluntariado e participação em campanhas eleitorais.”(DOMINGUES, 2007,p.108) A União possuía representantes em vários estados brasileiros e no início dos anos 1950 chegou a apresentar suas demandas diretamente a Vargas durante uma reunião com o presidente. Importante lembrar que com o golpe civil -militar os movimentos se enfraqueceram.

Nesses tempos, entre a Segunda República e a Ditadura, estavam sendo publicados diversos periódicos da imprensa negra dentre os quais pode-se ressaltar a *Revista Senzala*⁹ (1946), e o jornal Quilombo (1948 - 1951), do

8 MULLER, Liane S. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornais e associações negras em Porto Alegre (1889-1920)*, Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, IFCH, PUCRS, 1999; LONER, LONER, Beatriz Ana. Negros: organização e luta em Pelotas. In: *História em Revista*, n5, Pelotas/RS, 1999, p.7-28.

9 Foram encontradas poucas informações acerca dessa Revista. Sabe-se que existem exemplares no Arquivo Público de São Paulo, entretanto o link de acesso para o material digitalizado apresenta problemas. O que pode-se perceber é que era um publicação que contava com seções sobre literatura e eventos e possuía fotografias impressas.

TEN, em São Paulo. Quanto ao Teatro Experimental, convém destacar que, assim como outras manifestações será retomado no segundo capítulo deste trabalho.

Não há como deixar de citar, ainda que brevemente, a atuação de Carlos Santos, primeiro deputado negro da história do parlamento gaúcho – eleito em 1935 – que, depois de afastar-se no Estado Novo, voltou a ocupar um cargo na Assembleia estadual nos anos 50 e 60 e defendeu a valorização dos sujeitos cor de ébano.¹⁰ Referente ao terceiro período focado por Domingues (2007), destaca-se a atuação do Grupo Palmares, criado em 1971 na capital gaúcha.

Assim, ao considerar a importância da *Revista do Globo* na construção de uma memória do Rio Grande do Sul e do Brasil, julgou-se importante perceber: se na década de 1950 o periódico fez referência a esse contexto de organização e movimentação; se divulgou e valorizou de alguma forma os negros nas fotografias que publicou; por fim, se esses sujeitos foram vistos em contextos diferentes do carnaval, festa na qual o grupo costumava protagonizar as representações. Importante ratificar a importância das organizações carnavalescas negras, como demonstram diferentes estudos acadêmicos¹¹, e salientar que busca-se apenas problematizar as representações de carnaval; supostamente as mais recorrentes.

Inevitável pensar que dentre as organizações supracitadas estão periódicos da chamada *imprensa negra*, incluindo uma revista: a *Senzala*, criados porque os “homens de cor” não sentiam-se contemplados nos meios de comunicação existentes. Assim, provavelmente a *Revista do Globo* não contemplasse o referido público mas, julga-se interessante refletir sobre como eram essas representações feitas pelo “outro” que acabavam por não favorecer os sujeitos de pele negra.

Como aportes teórico-metodológicos serão utilizados os estudos que

10 Ver mais em: CLEMENTE, Elvo. *Carlos Santos: uma biografia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

11 Alguns, dentre muitos, estudos que abordam essa importância: GERMANO, Íris. Rio Grande do Sul, *Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930-1940*. 1999. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; ROSA, Marcos Vinícius de Freitas. *Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940* 2008. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

remetem a pesquisas envolvendo fotografia e História, a serem apresentados no primeiro capítulo, além de subsídios que possibilitem traçar um contexto da década de 1950. Por ora é importante dizer que esse trabalho se pauta pela concepção de que ao trabalhar com fotografias é importante considerar os aspectos que envolvem os momentos de sua produção bem como a sua circulação/publicidade e suas leituras. Desta forma é necessário que o pesquisador, como ressalta Mauad (2005), ao considerar as imagens visuais reflita sobre: a *produção* como “dispositivo que media a relação entre o sujeito que olha e a imagem que elabora” (MAUAD,2005, p.135); a *recepção*, “associada ao valor atribuído à imagem pela sociedade que a produz mas também a recebe.”(MAUAD,2005, p.135); e a questão do *produto* pois “[...] a imagem visual engendra uma capacidade narrativa que se processa numa dada temporalidade.”(MAUAD,2005, p.135).

A pesquisa que originou esse trabalho de conclusão iniciou-se com o levantamento das imagens publicadas na *Revista do Globo* entre os anos de 1955 e 1960. Nesse levantamento preliminar foram encontradas algumas presenças de indivíduos negros em fotos referentes a temas diversos como, por exemplo: cinema, música, esportes, eventos sociais, rua, manifestações religiosas, dentre outros. Em virtude do tempo disponível para a análise dos dados e síntese dos resultados obtidos, optou-se por diminuir o recorte temporal de cinco para dois anos: 1955 e 1956. A partir disso, as imagens foram catalogadas em uma ficha na qual eram seguidas de um resumo do texto e /ou legenda que as acompanhavam na revista e de informações referentes aos elementos visuais identificados (pessoas, espaços, objetos e temas representados). Assim, foram especificados padrões e definidas palavras-chave e categorias que permitissem um melhor entendimento dessas representações. Depois, essas imagens foram analisadas dentre essas categorias e em meio de um diálogo com outros textos (visuais ou não) que foram produzidos ou que fizessem referência à época de sua publicação.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro, são elaborados alguns apontamentos teórico-metodológicos sobre os estudos envolvendo fotografia. No segundo, realiza-se uma discussão sobre a presença dos negros nas imagens da *Revista do Globo* durante o período tema desse trabalho, a ser melhor contextualizado também nesse capítulo,

problematizando as questões mencionadas anteriormente.

1. APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1.1.OS ESTUDOS ENVOLVENDO FOTOGRAFIA E HISTÓRIA

A pesquisa histórica com imagens passa por alguns movimentos e linhas de pensamento importantes que envolvem desde os questionamentos da concepção de documento histórico até os estudos da cultura visual. Em virtude disso, realizar-se-á alguns apontamentos sobre a temática.

Jaques Le Goff (1993, p.44) aborda a perspectiva de uma nova História, responsável por ampliar a noção de documento, caracterizada “pelo aparecimento de novos problemas, de novos métodos que renovaram os domínios tradicionais da História e (...) pelo aparecimento de novos objetos”. Foram fundamentais para essa mudança os pensadores da chamada Escola dos Anales - movimento do início do século XX- que por meio de diferentes desdobramentos contribuíram para transformar a ótica tradicional da História. (CARDOSO; VAINFAS, 2011).

Dos Anales nasce a chamada Nova História Cultural a qual, segundo Roger Chartier (1990, p.17), possui “como principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Essa nova maneira de olhar a disciplina acabou acarretando uma outra relação entre imagem e História. Ao invés de um uso pedagógico em que a figura confirmava ou ilustrava o que estava escrito, passou-se a entendê-la como um documento em si.

A noção de representação, de Roger Chartier, também auxilia a refletir sobre estudos envolvendo fotografias. Segundo o autor a representação seria entendida como o relacionamento de uma imagem presente com um objeto ausente. Através das representações os indivíduos e grupos dariam sentido ao mundo. (CHARTIER, 1993, p.17)

Ana Mauad e Ciro Flamarion Cardoso afirmam que:

Ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos — homens e signos — interagem dialeticamente na composição da realidade. Uma realidade que se formula a partir do trabalho de homens como produtores e consumidores de signos; um trabalho cultural, cuja compreensão é fundamental para se operar sobre esta mesma realidade. (CARDOSO; VAINFAS, 2001.p.573)

Convém trazer aqui alguns referenciais sobre a relação entre História e fotografia. Roland Barthes (1984), em seu livro *A câmara clara*, entende a fotografia como o resultado de práticas que envolvem três elementos: o fotógrafo, o objeto fotografado e o receptor da foto. O primeiro realiza escolhas, motivado por razões pessoais ou profissionais. O segundo elemento da tríade seria aquele que deseja ser eternizado da melhor maneira possível; não necessariamente como é, mas como gostaria de ser. Por fim, o terceiro fornece significados às imagens de acordo com suas vivências. Essa divisão entre o momento de produção da fotografia, o assunto e a sua circulação aparece, embora de maneira distinta, em grande parte dos autores utilizados como referência, sendo elemento importante a ser considerado na pesquisa.

Merecem destaque ainda os estudos de Philippe Dubois (1994). Para ele, a compreensão da fotografia se altera em diferentes tempos. Inicialmente foi percebida como um *Espelho do Real*, visto que, teoricamente, seria um processo mecânico sem a intervenção direta da mão do artista. Em um segundo momento, foi vista como uma *Transformação do Real*, já que era fruto de algumas opções do fotógrafo e não um espelho neutro da realidade. Por fim, foi compreendida como um *Traço do real*, por ter uma conexão física com seu referente, uma vez que ela seria formada por marcas deixadas pela luz de um objeto. Para ele, a imagem é, antes de tudo, um índice só depois disto ela pode tornar-se um ícone – por ser parecida com o referente – e adquirir um sentido que a conceba como um símbolo. (DUBOIS, 1994, p.53)

André Rouillé (2009) tece críticas à noção de índice pois ela relaciona as imagens à existência prévia de coisas (cujas marcas registra passivamente). Uma abordagem sobre a perspectiva do paradigma indiciário, desta forma,

recusaria singularidades e contextos e reduziria a fotografia à sua “*mera expressão de impressão luminosa.*” (ROUILLÉ, 2009,p.17). Para Roiullé (2009,p.18) : “ o dogma de 'ser rastro' mascara o que a fotografia, com seus próprios meios, faz ser: construída do início ao fim, ela fabrica e produz os mundos”. O referido autor aborda a imagem fotográfica através de três definições buscando debater o caminho traçado pela fotografia ao longo do tempo: *fotografia - documento, fotografia- expressão e a arte- fotografia.* A discussão a seguir se deterá mais na primeira delas.

Para o autor (ROUILLÉ, 2009), o status de documento da imagem fotográfica estaria ligado à utilização de um dispositivo técnico que produz um objeto que possui semelhança com o referente, principalmente quando comparado a desenhos e pinturas que possuíam uma intervenção mais direta da mão do artista. Durante mais de um século a função da *fotografia-documento* foi a de uma mediadora, tida como imparcial, que serviu para “ tecer novos elos entre o aqui e o longínquo, entre o acessível e o inacessível, o visto e o não visto.” (ROUILLÉ, 2009,p.82)

Segundo Rouillé (2009) *informar* foi a função mais importante atribuída à *fotografia - documento* principalmente dos anos de 1920 até a década de 1960, período em que “ a fotografia criou um forte vínculo com a mídia impressa [...] dominado pela figura mítica do fotorrepórter, período que teve fim com o avanço da televisão”(ROUILLÉ, 2009,p.126)

A *fotografia – documento*, que fora entendida como fruto do progresso industrial e aceita como ferramenta que transmite a verdade, entrou em crise na medida em que diminuiu, paulatinamente, a crença de que ela poderia dominar o mundo moderno. Segundo Rouillé (2009.)

Já antes de 1970, os principais setores econômicos substituíram a fotografia por imagens em tecnologias muito mais sofisticadas, incomparavelmente mais rápidas. [...] O declínio histórico de seus usos práticos acelera-se a medida que a fotografia se revela técnica e economicamente incapaz de responder às novas necessidades de imagens na indústria, na ciência,na informação,no poder.(ROUILLÉ, 2009,p.138)

Ao abordar a *fotografia- expressão* o autor destaca que desde o anos de 1970 assistimos, ao lado dos constantes aperfeiçoamentos do dispositivo

fotográfico, um declínio do valor documental das imagens. A *fotografia-expressão*:

[...] não recusa totalmente a finalidade documental e propõe outras vias, aparentemente indiretas, de acesso às coisas, aos fatos, aos acontecimentos. Tais vias são aquelas que a *fotografia-documento* rejeita: a escrita, logo, a imagem; o conteúdo, logo, o autor; o dialogismo, logo, o outro” (ROUILLÉ, 2009, p.161)

O autor aborda ainda a *arte-fotografia* situação em que a fotografia passa do *status* de ferramenta para o de material da arte contemporânea, não sendo mais um mero efeito do referente.(ROUILLÉ, 2009)

Para Boris Kossoy (2002, p.42) “a fotografia se conecta fisicamente com seus referentes, mas através de um filtro cultural, estético e técnico articulado no imaginário de seu criador”. Segundo o autor, a imagem fotográfica possui duas realidades uma interior e outra exterior: a primeira seria o próprio passado, a realidade do assunto, independente das representações que foram feitas dele; a segunda referir-se-ia ao conteúdo explícito da imagem ao assunto selecionado para ser representado. Para o autor, não são raros os casos em que a realidade exterior se conflita com a realidade material, pois existe a construção de uma nova realidade no momento em que a fotografia é tomada. Ainda de acordo com Kossoy (2002):

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre, tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação. (KOSSOY, 2002.p.20)

Ulpiano Bezerra de Menezes (2005) em seu texto *Rumo a uma História Visual*, defende que o visual seja incorporado a todo estudo histórico e critica o uso da imagem como ilustração ou comprovação pelo historiador. Segundo o autor, dever-se-iam considerar três eixos para pensar a dimensão visual

presente no todo social: o *visual*, o *visível* e a *visão*.

Por meio do estudo do *visual* se procuraria identificar o conjunto de imagens-guia de um grupo em determinado momento, as imagens tidas como referência. A esfera do *visível* representaria o domínio do poder e do controle, o dar-se ou não a ver, os critérios que condicionam a visibilidade ou a invisibilidade. A *visão* seria uma construção histórica formada pelos “instrumentos e técnicas de observação, o observador e seus papéis, os modelos e modalidades do olhar.”(MENEZES, 2005,p.43).

Convém mencionar ainda a perspectiva da Cultura Visual. Paulo Knauss (2006) coloca que os primeiros Estudos Visuais surgem do envolvimento contemporâneo com a interrogação sobre a imagem. Tal envolvimento veio a constituir um novo campo interdisciplinar nos EUA, a partir da década de 1990. O autor destaca os estudos realizados por W.J. Mitchell e Nicolas Mirzoeff¹² como significativos às pesquisas sobre a Cultura Visual. Conforme Mitchell a cultura visual “pode também ser entendida como estudo da construção visual do social, o que permite tomar o universo visual como terreno para examinar as desigualdades sociais”.(KNAUSS, 2006,p.108).

Charles Monteiro (2012), em um de seus estudos sobre fotografia coloca:

Os estudos sobre cultura visual problematizam a forma como os diversos tipos de imagens perpassam a vida social cotidiana (a visualidade de uma época), relacionando as técnicas de produção e circulação das imagens à forma como são vistos os diferentes grupos e espaços sociais (os padrões de visualidade), propondo um olhar sobre o mundo (a visão), mediando a nossa compreensão da realidade e inspirando modelos de ação social (os regimes de visualidade). (MONTEIRO, 2012.p.10)

Ainda considera-se elucidativos os trabalhos de LIMA; CARNEIRO (1997) e MAUAD (2005), principalmente pela metodologia de trabalho desenvolvida pelas autoras. Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro (1997) desenvolveram uma metodologia voltada para a interpretação dos padrões visuais de representação da cidade de São Paulo nos Álbuns Fotográficos desse município referentes aos anos de 1887 e 1954. Buscando identificar

12 MIRZOEFF, Nicholas (ed.).The visual culture reader. London/New York: Routledge, 1998; MITCHELL,W.J.T. *Picture theory: essays on verbal and visual representation*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1994.

padrões e tendências mais gerais, elas criaram descritores (tipos de vista, tipologia urbana, enquadramentos, etc) e a partir daí dividiram as imagens em categorias. As duas autoras ressaltam ainda que as fotografias foram consideradas como parte de um processo simbólico que busca dar sentido a determinadas formas de relações sociais, de práticas sociais e de espaços urbanos. A ênfase de sua interpretação não seria desta forma nos álbuns, mas sim na sociedade que os produziu e fez circular.; (LIMA; CARNEIRO, 1997)

Ana Maria Mauad (2005) ao pesquisar a construção de uma visualidade nas revistas ilustradas *Careta* e *O Cruzeiro* “ cruzou os padrões técnicos envolvidos nas formas de expressão das imagens com padrões de conteúdo para elaborar a sua interpretação dos códigos de representação social da classe dominante carioca”(MONTEIRO, 2008,p.177). A autora categorizou, para a análise das fotografias, cinco tipos de espaço, criando em alguns casos subcategorias. São eles:*Espaço fotográfico* (tamanho, formato, nitidez, produto);*Espaço geográfico* (espaço físico representado na foto); *Espaço objeto* (todos os objetos fotografados tomados como atributos na imagem fotográfica,) *Espaço figuração* (pessoas e animais retratados); *Espaço da vivência* (atividades, vivências e eventos que se tornam objeto do ato fotográfico). (MAUD, 2005)

Ana Mauad (2005) salienta ainda que a compreensão de uma imagem fotográfica pelo leitor se dá em dois níveis: um interno à superfície textual (estruturas espaciais que constituem o texto) e outro externo a superfície textual (a partir de aproximações e inferências com outros textos da mesma época).Para a autora, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois segmentos: *expressão* (escolhas técnicas e estéticas, como enquadramento e iluminação, cor) e *conteúdo* (pessoas objetos, vivências e lugares que compõem a fotografia).(MAUAD, 2005).

Convém salientar que o método de identificar padrões e a criação de descritores e categorias foi utilizado no presente trabalho sobre a *Revista do Globo*, sendo que as divisões criadas por Mauad (2005) serviram de base, embora tenham sido adaptadas para dar conta do tema de pesquisa e do nível de profundidade exigido em um trabalho breve como é o de conclusão de

CURSO.

1.2 OS ANOS DE 1950 E SUAS MUDANÇAS

Os anos de 1950 foram marcados por um contexto pós Segunda Guerra e pela polarização do mundo através da Guerra Fria. Os Estados Unidos exigiam que o maior país da América Latina escolhesse um lado e o Brasil posicionou-se pelo lado capitalista, importando o modelo de vida norte-americano pautado na lógica do consumo e por uma indústria cultural que começava a se desenvolver .

Nesses tempos observou-se um país marcado pela modernização e expansão das cidades bem como por um crescimento industrial que provocou migrações do campo para as cidades. Durante esse início da segunda metade do século XX o Brasil assistiu à volta de Getúlio Vargas, que alcançou a presidência em eleições de voto direto, em um governo marcado por tensões com os movimentos sindicais e também com a elite que acabaram finalizando com o suicídio do presidente.

Nessa década o Brasil também foi governado por Juscelino Kubitschek cuja estratégia defendia um nacionalismo desenvolvimentista que manifestava-se por meio de “uma política econômica que tratava de combinar o Estado, a empresa privada nacional e o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento, com ênfase na industrialização.”. (FAUSTO,1995.p.427).

Naida D'Ávila (2002) coloca que para os porto-alegrenses a representação da modernidade trouxe a ideia de um consumo farto de novidades e facilidades para o dia a dia. E ainda:

De formas concretas ou simbólicas, a modernização entra nas cidades, nas casas e nas mentes de cada brasileiro. Ela está nos jornais, nas revistas, nas indústrias emergentes, nos modernos eletrodomésticos e automóveis”(D'ÁVILA, 2002,p.72)

No âmbito da cultura e das comunicações essa modernidade veio acompanhada da criação de um novo padrão de consumo e do acesso aos

avanços tecnológicos, fruto de novos conhecimentos científicos desenvolvidos com a guerra. Lembra-se que a publicidade se inseriu de forma significativa nas comunicações durante esse período.

Além disso, procurava-se inovar e experienciar. A arte brasileira também experimentava novas possibilidades e buscava outros rumos, a fundação do Museu de Arte de São Paulo (1947) e o Museu de Arte Moderna (1949) bem como a 1ª Bienal de São Paulo (1951) são significativas no sentido de fomentar essa agitação. Convém salientar brevemente que a fundação desses espaços museológicos foi financiada pelos empresários Assis Chateaubriand (dono de um verdadeiro império na área das comunicações) e Raymundo de Castro Maya

Na campo da fotografia, é interessante citar a prática do fotoclubismo. Em São Paulo, existia o Foto Cine Clube Bandeirante (1939), do qual faziam parte Geraldo de Barros e José Oiticica Filho¹³, nomes significativos da fotografia moderna brasileira, que realizaram experimentações em suas imagens, como a múltipla exposição do negativo ou a interferência direta sobre ele, por exemplo, chegando a imagens caracterizadas pela abstração. Para Massia (2008) a fotografia moderna brasileira, que até a década de 1940 continuava presa aos cânones da foto de estúdio, obteve expressivos resultados em relação ao seu status artístico, na medida em que “buscava dar vida ao fotógrafo, mostrando a sua intervenção na escolha do enquadramento e dos elementos fotografados”. (MASSIA, 2008 ,p.57)

Especificamente no campo da fotografia “de imprensa” Munteal (2005) destaca que nos anos de 1950:

A adequação pela qual passaria a imprensa brasileira consistia em adotar formatos que inserem o jornalismo na modernidade, traduzida na busca de técnicas que levassem o leitor a acreditar na notícia como verdade em si, e daí a importância da fotografia.”(MUNTEAL, GRANDI,2005, p91)

Considera-se interessante realizar uma breve abordagem sobre os antecedentes da fotografia de reportagem. Jorge Souza (2004) aponta a

¹³ Ver mais em: Etcheverry, Carolina Martins. *Fotografia e arte* : Geraldo de Barros e José Oiticica Filho (1950- 1964). Tese (Doutorado em História). FFCH/PUCRS. Porto Alegre, 2012.

Alemanha (no período pós Primeira Guerra) como berço do fotojornalismo moderno em virtude do avanço que o país vivenciou no campo das artes, letras e ciências durante esse período, assim como pelo significativo número de revistas ilustradas que ali circulavam no início do século XX. Nestas publicações, as fotos não interessavam isoladamente e sim como um “mosaico”, imagens que compunham uma narrativa, uma história visual. Desta forma, elas dialogavam com o texto ao invés de simplesmente ilustrá-lo.

Helouise Costa (1993) ressalta que o uso da fotografia na imprensa já era viável com a invenção do processo de impressão em tons de cinza, no século XIX, quando foi utilizada para documentar acontecimentos considerados de interesse coletivo, como a Guerra do Paraguai (1864 - 1870). Entretanto, em virtude da baixa qualidade técnica, acabava passando por vários retoques que distanciavam essa imagem de sua semelhança com o referente e a situavam na condição de ilustração. A medida que os avanços técnicos, como a impressão *offset* e a heliogravura, foram se consolidando a impressão contou com maior nitidez o que reforçou seu caráter de *foto-documento* (ROUILLÉ, 2009) e a valoriza aos olhos dos leitores da época.

Assim como a qualidade da impressão valorizou a fotorreportagem, as máquinas fotográficas mais leves e menores, como a Leica e a Rolleiflex (produzidas a partir dos anos 20), e a possibilidade de utilizar um rolo de filme com 36 poses, no caso da Leica, trouxeram a agilidade na atividade fotográfica que as revistas ilustradas precisavam. Surgiu ainda dentro da fotografia jornalística a proposta de uma foto que conjugasse os elementos significativos do acontecimento em uma única imagem, em primeira mão, em oposição às fotografias posadas.(SOUZA, 2004). Desta forma, passou-se a trabalhar com a ideia do fotógrafo como um observador que espera o momento certo para fazer o registro e não como um sujeito que “monta” a cena. Uma de suas características mais valorizadas nesse ramo passa a ser a discrição.

Para Souza (2004,p.22) “ a partir dos anos 50 nota-se uma importante inovação estética em alguns fotógrafos da 'imprensa' - documentaristas ou fotojornalistas - que cada vez mais fazem confundir sua obra com a arte e a expressão.” Assim, o movimento mencionado anteriormente, no qual os fotógrafos experienciavam nos fotoclubes também atinge as publicações ilustradas a partir do momento em que esses sujeitos repensam sua concepção

do que é fazer fotografia.

As revistas ilustradas possuem um papel significativo nas primeiras décadas do século XX no processo de circulação/divulgação de fotografias. Nesse momento em que os recursos técnicos ainda não tornavam viável utilizar largamente a fotografia nas publicações diárias, fato que começa a mudar depois da década de 1950, publicações como a *Revista do Globo* tinham periodicidade quinzenal. Com mais tempo para preparar a versão impressa, essas revistas trouxeram a sociedade uma variedade de imagens ainda sem precedentes.(COSTA,1993)

Convém enfatizar que com a expansão da fotorreportagem nas publicações, seguindo a proposta de mínima interferência na cena a ser registrada, a fotografia apresenta seu próprio ponto de vista sobre os acontecimentos. Para Costa(1993,p.79): a imagem neste momento constrói-se:“ segundo estruturas ideológicas nem sempre explícitas, respaldadas na sua pretensa imparcialidade”

Como já mencionado, as décadas de 1940 e 1950 vivenciaram o surgimento das associações e foto cine clubes (reunião de grupos profissionais e amadores em torno da prática fotográfica). Destes, pode-se destacar no Rio Grande do Sul os seguintes: Associação Rio-Grandense de Fotógrafos Profissionais(ARFP)(1946); Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos (ARFOC-RS) (1956) e Foto Cine Clube Gaúcho (FCCG) (1951) que cumpria importante papel como instituição de ensino na fotografia. (STUMVOLL; MENEZES, 2007).

Segundo Massia (2008), a Associação dos Fotógrafos Profissionais do Rio Grande do Sul (1946-1954): foi um espaço de representatividade dos fotógrafos que atuavam no Rio Grande do Sul responsável por eventos ligados à arte fotográfica como concursos, salões e cursos de aperfeiçoamento. Mesmo que a primeira vista parecesse buscar a profissionalização da fotografia, suas atividades ficaram restritas ao desenvolvimento da arte fotográfica. Para o mesmo autor:

O FCCG aglutinou os fotógrafos que exerciam a atividade sem fins profissionais, seguindo a tradição dos Fotoclubes de início do séc. XX. Contudo isso não impediu que fotógrafos profissionais obtivessem formação técnica nesse espaço, a

princípio destinados aos amadores. (MASSIA, 2008, p.125)

Importante considerar que nesse período, Porto Alegre contava com fotógrafos imigrantes e também com outros oriundos do interior, além dos que eram provenientes da própria capital. Rodrigo Massia (2008) cita dentre os mais representativos: Ed Keffel, Flávio Damm, Salomão Scliar e Erno Schneider – que conseguiram destaque no centro do país e integraram a equipe da revista *O Cruzeiro* -, Sioma Breitman, Olavo Dutra, Pedro Flores e Léo Guerreiro, entre outros.

Dentre as revistas ilustradas que figuravam nacionalmente nos anos 50, é possível destacar a *Manchete* (1952) e a *O Cruzeiro* (1928). Essa última, será utilizada para refletir acerca de algumas questões também presentes na *Revista do Globo*. Cabe ponderar que a *O Cruzeiro* foi pioneira na implantação do modelo de fotojornalismo no Brasil durante a década de 1940 e contou com alguns ex- fotógrafos da *Revista do Globo* dentre sua equipe.(COSTA; BURGI, 2012). Nota-se várias semelhanças entre as duas - embora a *O Cruzeiro* tivesse maior projeção e também um melhor padrão técnico de impressão¹⁴ - uma vez que ambas se inspiravam em revistas internacionais como a americana *Life* (1936) e a francesa *Match* (1938).

Observe-se que adaptar sessões, temas ou simplesmente copiar conteúdos de publicações de mesmo gênero era prática muito utilizada pelas revistas ilustradas. (COSTA; BURGI, 2012). Escolhe-se, desta forma, tecer algumas considerações acerca da *O Cruzeiro* por entender que essa publicação permite abordar certas características que faziam parte das revistas ilustradas, incluindo a *Revista do Globo*, de forma mais geral.

O surgimento de revistas ilustradas como *O Cruzeiro* esteve ligado : “[...] à industrialização da imprensa, à comercialização da notícia e a expansão da publicidade.” (COSTA; BURGI, 2012.p.11). Ressalta-se que a publicidade tinha um papel muito importante nas publicações chegando a representar, por vezes, um lucro maior do que a venda dos exemplares em si. Tais periódicos ilustrados costumavam dispor de reportagens com temas diversos (política, esportes, problemas sociais, lazer, arte, ciência, personalidades, vida urbana, dentre outros) tratados em âmbito nacional e internacional. As reportagens

¹⁴ Massia (2008) relata que em entrevista concedida à Ana Maria Mauad em 24/04/2003. .

Flavio Damm :relata que quando comparada à *O Cruzeiro* , a *Revista do Globo* era limitada.

internacionais contavam com correspondentes estrangeiros, fotógrafos que tinham suas estada na Europa custeada durante algum período de modo a registrar acontecimentos e lugares que pudessem interessar ao público leitor.

No que tange a representação do Brasil e de sua cultura nas páginas da *O Cruzeiro* merece destaque o fato de que:

Entre os temas mais recorrentes das fotorreportagens ligados à realidade do país, encontramos os contrastes entre o Brasil arcaico e o Brasil moderno, os tipos humanos regionais, as religiões, a vida urbana, os problemas sociais, o carnaval e o futebol [...] Aqui a natureza desconhecida encontrava-se no interior do próprio país, o que tornava a realização de muitas reportagens uma tarefa extenuante e perigosa.” (COSTA; BURGI, 2012,p.25)

A respeito da linha de trabalho dos fotojornalistas, Costa; Burgi (2012) identificam durante a década de 1940, estendendo-se na década seguinte, duas concepções de jornalismo: a primeira partilhada por fotógrafos que priorizam as demandas do mercado buscando se pautar pelo sistema de comunicação de massa. De outro ponto de vista, partilhavam os fotógrafos de abordagem humanista que buscavam produzir fotografias menos sensacionalistas. O fotojornalismo da *O Cruzeiro* tendeu para esse viés durante os anos de 1950 por meio do trabalho de fotógrafos como José Medeiros e Flávio Damm, dentre outros, que viajaram produzindo ensaios marcantes sobre diversos temas brasileiros. Entretanto é preciso refletir sobre o fato de que :

O contexto das revistas ilustradas, portanto, em que o trabalho original do fotojornalista é normalmente difundido por meio de uma estrutura de relações precisas e cuidadosamente editadas entre textos e imagens, transformará muitas vezes, de forma contraditória, a intenção original da comunicação direta e objetiva do fato pelo fotógrafo em uma mensagem de forte caráter simbólico e ideológico” (COSTA; BURGI, 2012,p. 38)

Dentro dessa linha de fotografia humanista, José Medeiros retratou o negro em fotorreportagens sobre o candomblé, o samba e o teatro negro (que destacava-se com a peça *Orfeu Negro*). Com o intuito de enriquecer a análise, cabe aqui abordar, brevemente, algumas representações dos negros

encontradas na *O Cruzeiro* ¹⁵ durante os anos de 1950.

A primeira aparição a ser citada remete aos negros africanos e destaca o trabalho humanitário desenvolvido pelo Dr. Albert Schweitzer, em reportagem publicada em 2 de abril de 1955. Nessa, as imagens mostraram, além do médico, uma rua chamada de *Rua da Esperança*, onde os doentes do vilarejo africano aguardavam uma consulta.

Quanto aos negros brasileiros, o “Anjo Negro” que chefiava a guarda de Getúlio Vargas, Gregório Fortunato, foi destaque em mais de uma edição da revista *O Cruzeiro*. Atenta-se para o fato que na publicação de 16 de maio de 1953 Gregório protagonizou uma grande fotorreportagem na qual foi registrado em diferentes atividades diárias.

Os negros ainda aparecem em destaque em imagens sobre o carnaval como uma foto do ano de 1951 em que homens se divertem ao lado de Luiz Gonzaga. Destacam-se ainda nas páginas da revista os jogadores da seleção brasileira de futebol, em um especial sobre a Copa de 1958. Verifica-se que os registros fotográficos de grandes eventos públicos - como as comemorações de 7 de setembro - também contemplaram o negro em suas imagens.

A religiosidade foi outra temática na qual o grupo negro foi agraciado na *O Cruzeiro*. Parecem ter sido registradas com certa frequência festas religiosas populares, como a Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, fotografada no estado da Bahia na década de 1950.

Ainda no campo da religiosidade, possui grande destaque, inclusive em nível internacional uma fotorreportagem de José Medeiros sobre o candomblé, mais especificamente sobre o ritual de iniciação das filhas de santo (iaôs). Publicada em 1951 a reportagem intitulada “As noivas dos deuses sanguinários” gerou polêmica ao registrar o ritual afro-brasileiro e levou Medeiros a, anos mais tarde, compor o livro *Candomblé*, publicado em 1957.

Deve-se ratificar o fato de que a maioria dos temas tratados acima se repetem na *Revista do Globo*, e serão aprofundados no próximo capítulo.

15 De forma a ter um breve panorama, foi consultado o catálogo de uma exposição em que o Instituto Moreira Salles mostrou 400 obras de seu acervo de fotografias da revista *O Cruzeiro*, referentes às décadas de 1940 a 1960. Ver mais em :COSTA, Helouise; Burgi, Sergio (orgs) *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro: 1940/1960*. São Paulo: IMS, 2012.

2. OS NEGROS NA REVISTA DO GLOBO

2.1. A REVISTA E SUAS REPRESENTAÇÕES

A *Revista do Globo* é considerada por Castro (2002, p.10) “um dos mais importantes veículos de comunicação que circulou no Rio Grande do Sul de 1929 a 1967.”. Editada pela Livraria do Globo, que pertencia a Barcellos, Bertaso & Cia, a revista veio para suprir a necessidade de uma publicação que promovesse e divulgasse atividades culturais numa época em que grupos de intelectuais liam muito e se reuniam na entrada da referida livraria para discutir sobre política e questões culturais. (CASTRO, 2002). As publicações ilustradas anteriores publicadas no Rio Grande do Sul, como a revista *Máscara* (1918-1928), sofreram com a falta de sustentação econômica e vieram a deixar um vazio na medida em que foram perdendo forças até desaparecer. A *Revista do Globo* assumiu esse espaço e foi crescendo em tiragem e circulação, tornando-se a principal revista do gênero no sul do país. (MOREIRA, 2004). Ao analisar as revistas ilustradas MAUAD (1990) traça um perfil das publicações que, segundo ela, teriam como alvo a camada alfabetizada da sociedade com recursos para consumir itens supérfluos, no qual a *Revista do Globo* parece se encaixar:

Tanto as temáticas de curiosidade nacionais e internacionais, tinham como finalidade a transferência do leitor de seu espaço conhecido para um outro distinto, alienando-o de seu universo de representações e impondo-lhe um novo repertório de assuntos que lhe serviria de conteúdo para o seu lazer como para as suas reflexões mais profundas. (MAUAD, 1990, p.284).

Para Maria Helena de Castro (2002, p.17): “A revista funcionou como um laboratório onde comunicadores, escritores e artistas expressavam suas ideias com total liberdade.” Segundo a autora, a publicidade representava um aspecto importante neste quinzenário, sendo que nos anos de 1950, período pós

guerra, foi intensificada a percepção por parte dos críticos da propaganda como um grande negócio. Cabe salientar que foram encontradas três aparições negras em anúncios da revista nos anos de 1955 e 1956.

Igualmente, duas dessas associam a mulher negra ao trabalho doméstico. A primeira publicada em abril de 1956 ¹⁶ divulga uma marca de Azeite por meio do slogan “Tem razão a cozinheira”, a trabalhadora em questão é representada pela ilustração de uma mulher negra que segura o produto nas mãos. Por conseguinte, vê-se ainda no ano de 1956 um anúncio de lençóis ¹⁷ ilustrado pelo desenho de uma moça lavando roupas. ¹⁸.

O último anúncio encontrado nos dois anos que foram tema desta pesquisa merece menção por valorizar o sujeito negro. A publicidade¹⁹, que divulga o novo trabalho do cantor Agostinho dos Santos, se utiliza de três fotos do artista e o anuncia como a grande revelação do ano.

Nesse período, a *Revista do Globo*, segundo Castro (2002, p.36): “modificou-se radicalmente, colocando gente jovem na redação, trabalhando com novos temas em reportagens e artigos, realizando experiências pioneiras, também em fotografia.”. No periódico apresentava-se, dentre outros, assuntos ligados à política, literatura, cultura, esportes, moda, artes e beleza.

Ao abordar a *Revista do Globo*, Monteiro (2012) descreve que:

“De forma geral, uma edição possuía cerca de 100 páginas e estava dividida entre as seções: ‘Reportagens’, ‘Assuntos Gerais’, ‘Literatura’, ‘Cinema’ e ‘Passatempo’. As ‘Reportagens’ abordavam assuntos internacionais, nacionais e locais, entremeados de publicidade e crônica social, visando dar maior leveza à leitura da revista. (MONTEIRO, 2012, p.21)”.

Como já mencionado no capítulo anterior, os anos 1940 e 1950 foram marcados pela expansão das fotorreportagens. Nesse período a *Revista do Globo*, que inclusive destinava um papel de maior qualidade para as suas reportagens fotográficas, passou a ser um dos principais espaços de produção

16 Revista do Globo nº661, 7/4/1976. s/p.

17 Revista do Globo nº665, 2/6/1959, p.53.

18 Nesta mesma edição repete-se a propaganda do azeite, desta vez com a ilustração de um homem branco e o dizer: “Seu marido tem razão”. Tal imagem leva a intuir que a marca construiu uma série de anúncios direcionados à dona de casa e que conseqüentemente, a cozinheira negra citada anteriormente trabalharia na casa da família branca, público alvo do anúncio.

19 Revista do Globo nº680, 25/12/1956, p.73.

da fotografia na cidade. A *Revista* que chegou a evidenciar em suas páginas uma intenção de uso pedagógico da fotografia, passou a usá-la crescentemente, com este fim, nos anos de 1940 (MASSIA, 2008). Nesse sentido, é possível citar como “ato inaugural”, dessa valorização do retrato na reportagem, em uma extensa matéria fotográfica sobre a enchente de 1941 em Porto Alegre. (MASSIA, 2008).

Cabe enfatizar que os fotógrafos Léo Guerreiro, Pedro Flores e Thales Farias foram responsáveis pelo maior número de fotorreportagens da *Revista do Globo* na década de 1950 (MONTEIRO, 2012), período em que focará a análise das próximas páginas. Durante os anos de 1955 e 1956, especificamente, além dos três sujeitos citados acima figuravam no Expediente da revista: Roger Pardini, F.C. Henriques, Ivo Barreti, Paulo Dutra e Wilson Lopes. Importante salientar que o periódico também contava com fotógrafos que faziam trabalhos eventuais para a publicação, tanto em Porto Alegre quanto em outros lugares do Brasil e do mundo.

Neste período o quinzenário era dirigido por José Bertazo Filho, que cumpriu essa tarefa de 1952 a 1967. Ele teria se dedicado a administrar a *Revista* como órgão publicitário para divulgar as publicações da Editora Globo e deixado a cargo do chefe de redação, Waldivia Marchiori, a escolha sobre as matérias e também sobre a sua edição²⁰. Como será citado mais adiante Marchiori possui dentre as reportagens de sua autoria uma sobre o preconceito racial.

Se refletirmos sobre as já citadas palavras de Claudio Machado Júnior (2009) que destacam a ausência dos negros na publicação durante a década de 1930, percebe-se que nos anos de 1950 essa ausência foi se transformando em uma sutil presença. Ao analisar, brevemente, os exemplares dessa década, foi possível identificar até mesmo algumas aparições que apresentaram os “homens de cor” como protagonistas das reportagens.

No que tange à valorização da presença do negro nas imagens fotográficas, Arilson Gomes (2007) relata, a partir de uma entrevista que realizou com o fotógrafo Léo Guerreiro, que nos anos de 1950 existiam em Porto Alegre “tipos populares” muito requisitados pelos retratistas da época.

20 Informação retirada do site do Delfos, espaço de documentação ligado à PUCRS que mantém acervo referente à *Revista do Globo*: <http://www.pucrs.br/delfos/?p=globo>. Não foram encontradas maiores informações sobre Waldivia Marchiore.

Esses fotógrafos participavam de salões de fotografias e os convidavam para posarem em seus estúdios. Para o autor:

Esses negros eram artistas, esportistas e personalidades da cidade, o que demonstra a inserção desses homens, que certamente negociavam e participavam das escolhas dos retratos que lhes agradava e, não aos que agradecem somente o fotógrafo de posse da máquina ou ao público receptor dessas imagens. Situação bem diferente das produzidas por ocasião da Galeria Grotesca do século anterior. (GOMES, 2007, p.17)

Alguns textos do quinzenário remetem a inserção social dos afrodescendentes. Considera-se interessante citá-los aqui, ainda que brevemente, uma vez que fazem parte do conjunto de produções que dialogam com as imagens e pelo fato de que podem dar pistas sobre a concepção dos redatores da *Revista do Globo* sobre as diferenças de cor.

Em um artigo publicado em 1955 ²¹, Limeira Tejo ²²relatou que ao participar de uma palestra nos Estados Unidos - na qual o escritor Waldo Franck²³ divagava acerca da democracia racial que observara na Bahia - veio a discutir com o conferencista. Neste caso, Franck acabou por concordar que o conflito racial só ainda não explodira no Brasil porque o negro não progredira o suficiente para locomover-se através de todas as camadas sociais. Segundo Tejo, o escritor:

[...] ainda estaria também de acordo com a existência de nossa crueldade; a de impedir que os homens de cor progredissem. Preconceitos raciais nós temos – e tão forte quanto os dos americanos (Revista do Globo, nº635, 2/4/1955, p.1).

Deste trecho tiram-se duas ideias interessantes: a primeira remete a

21 Revista do Globo nº 634, 19/3/1955, p.1.

22 Tejo volta a abordar os negros em junho de 1956, na edição nº666. Em um texto em que relembra a “Negra Sebastiana” a quem chamava de babá, o autor declara seu afeto pela recém-falecida. Neste momento, traz elementos de uma sociedade na qual o negro livre é marginalizado. Segundo ele, a preta velha “rude e primitiva”, que trabalhava de lavadeira para a família juntamente com a filha, era filha de ex-escravos e ficou viúva quando o marido sofreu um acidente trabalhando na máquina da fábrica do avô de Tejo. Mesmo assim, divertia o menino contando histórias de uma forma especial.

23 Ver mais sobre o escritor em: Lino, Sonia Cristina. (2009). Onde está Waldo Frank? God bless a América Hispânica. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 22(44), 522-538. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862009000200011&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-21862009000200011>. Acesso em Novembro de 2014.

concepção de que haveria uma democracia racial na sociedade brasileira; informação contraposta pelo autor que reconheceu a existência de um preconceito racial em nosso país. Convém ponderar que, o conceito de Democracia Racial²⁴ abordado em obras como a de Gilberto Freire consiste em uma construção permeada de interesses. Florestan Fernandes (FERNANDES, 1989, apud ALBERTO, 2002) defende que o mito, baseado na mestiçagem cultural e biológica das três raças (tendendo para o branco europeu como modelo), dificulta a percepção das desigualdades raciais existentes na sociedade.

Paulina Alberto (2002) salienta que na segunda metade do século XX representantes do movimento negro, juntamente com intelectuais da academia e ativistas, começaram a argumentar que a ideia de democracia racial consistia em um mito perpetuado pelos grupos hegemônicos como estratégia para dissolver mobilizações antirracismo mais efetivas. Essas organizações ainda salientavam o fato de que essa democracia não poderia ser observada pois os afrodescendentes, mesmo sendo a maioria da população brasileira, se encontravam pobres e marginalizados vivenciando um cenário onde a discriminação racial seria ainda mais difícil de combater devido à sua sutileza. A mesma autora ainda destaca que no contexto pós Segunda Guerra Mundial:

A medida que organizaciones internacionales como las Naciones Unidas reclutaban a científicos sociales para analizar el racismo y proponer soluciones posibles, Brasil fue ganando visibilidad a nivel mundial como un modelo a seguir: una sociedad multirracial, posesclavitud, sin discriminación institucionalizada. (ALBERTO, 2002, p.128)

Assim, era frequente na época a comparação entre a discriminação racial nos EUA e no Brasil, sendo este apresentado como modelo a ser seguido. Perreira (2010) afirma que, no início do século XX, era comum encontrar nos jornais negros norte-americanos, *The Baltimore Afro-American* e *Chicago Defender*, matérias sobre as relações raciais no nosso país que o apresentavam como um “paraíso racial”.

24 Para Joel Rufino Santos (SANTOS 1985 apud PEREIRA, 2010): O mito da democracia racial seria composto pelas ideias de que: nossas relações de raça são harmoniosas; a miscigenação é nosso aporte específico à civilização planetária e o atraso dos negros se deve exclusivamente ao seu passado escravista.

Entretanto, nas décadas de 1940 e 1950 também foram relatados nesses periódicos casos em que estadunidenses sofreram discriminação racial no Brasil. Um exemplo seria o caso do hotel que se recusou a registrar a conhecida dançarina negra Katherine Dunham devido à cor de sua pele. Em virtude de sua significativa repercussão, este caso teria impulsionado a aprovação da Lei Afonso Arinos em 1951, contra a discriminação, pelo Congresso Nacional. (PEREIRA, 2010)

A *Revista do Globo* publicou em 1956 uma grande reportagem, assinada por Waldivia Isabel Marchiori, sobre os problemas enfrentados pelos negros norte-americanos que viviam em uma sociedade, onde rapazes poderiam ser presos por simplesmente olhar “maliciosamente” para uma moça branca.²⁵ A matéria também trouxe músicos, atores, esportistas e intelectuais que, por meio de sua persistência e talento, venceram preconceitos como, por exemplo: a educadora e líder feminista Mary McLeod Bethune, o lutador de boxe Sugar Ray Robison e Ralph Bunche, primeiro negro a receber o Prêmio Nobel da Paz.

Pode-se dizer que essa reportagem internacional, de certa forma, dialoga com as imagens fotográficas publicadas no periódico sobre o povo brasileiro, nas quais os negros de destaque costumam figurar nos ramos das artes e esportes. O artigo ainda remete à organização desses grupos que “com armas típicas de sua raça – a paciência do prêto, a eficiência e a perseverança do americano [...] trabalham para que o racismo nos Estados Unidos não seja mais que uma lembrança [...]” (*Revista do Globo*, nº 656, 28/1/1956,p.39.)

Não cabe aqui julgar o passado com os olhos do presente, mas é importante registrar que embora Marchiori pareça ao longo do texto concordar com o fim da discriminação racial, acaba reforçando a ideia do negro como sujeito que não se revolta, que não se organiza enquanto grupo. Na verdade os autores da *Revista do Globo* parecem contraditórios em muitos momentos na medida em que valorizam o negro por um lado e por outro reproduzem, talvez, sem se dar conta, preconceitos correntes em sua sociedade.

Foi realizado um breve levantamento nas edições publicadas em diferentes anos da década de 1950 buscando ter uma noção inicial das

25 *Revista do Globo*, nº 656, 28/1/1956,p.39.

representações negras presentes durante toda essa década. Nesse sentido, tece-se a seguir algumas considerações sobre constantes encontradas nessa investigação bem como acerca de matérias que dão pistas sobre o modo como o grupo étnico em questão foi visto pelos olhos da *Revista do Globo*.

Convém salientar que se busca apenas destacar alguns aspectos mais gerais, pois, seria necessário um trabalho de maior abrangência e a ampliação do recorte temporal para aprofundar a questão. Assim, inicia-se destacando alguns temas que figuraram com certa frequência dentre as imagens ou fotorreportagens onde homens e mulheres negros estavam presentes.

Primeiramente, indicam-se as reportagens fotográficas sobre a religiosidade do povo brasileiro publicadas no quinzenário. Dentre essas, observou-se a presença de negros em algumas que remetiam a encontros da religião católica, sendo geralmente, clicados em meio a grandes grupos de pessoas em eventos de grande porte.

Além dessas, cabe mencionar as matérias que enfocavam manifestações que estariam, a princípio, distantes do público leitor. Não raro, os afrodescendentes possuem maior destaque nesse tipo de fotografias como é possível perceber, por exemplo na matéria intitulada “Folias de Reis e Macumba em nome de São Sebastião”²⁶, na qual dentre as nove fotos que compõem a reportagem têm-se uma de folha inteira, onde se veem homens e mulheres movimentando o corpo em louvor aos orixás Exu e Oxóssi – o último representando São Sebastião, em uma demonstração de sincretismo religioso. (Foto 1).

Os esportes, principalmente o futebol, valorizaram o negro como sujeito nas imagens da revista, chegando a destacar alguns atletas individualmente em certas reportagens. Em 1954, o quinzenário trouxe em suas páginas o esportista Tesourinha e declarou que o Grêmio, ao admiti-lo no quadro de jogadores deste time de futebol, teria quebrado com uma tradição racista de 48 anos²⁷. Por ocasião, foi publicada uma série de cinco imagens que mostraram o jogador se integrando ao clube. Outro exemplo interessante, é a matéria sobre o lutador porto-alegrense Oswaldo Winchinewski, que trabalhava como modelo para os alunos do Instituto de Artes²⁸. Nas imagens o “lutador

26 Revista do Globo nº530, 17/3/51, p.18

27 Revista do Globo nº557, 29/03/1952, p.25.

28 Revista do Globo nº510; 10/6/1950, p.54.

sentimental” é visto em três momentos distintos: no ringue, cuidando do filho e posando para produções artísticas.



Foto 1: “Folias de Reis e Macumba em nome de São Sebastião”
Fonte: Revista do Globo nº 530. 17/3/1951. p.18

Aliás, o campo das artes (música, teatro, cinema, artes plásticas) parece ser um dos espaços onde os negros são mostrados de forma mais positiva na revista. Embora, em algumas vezes, as reportagens ressaltassem que esses homens e mulheres “fizeram-se por si mesmos”, devido ao seu talento, e insistissem no fato de que são pessoas simples, sem recursos e sem estudo. Compositores, cantores e cantoras de rádio, atrizes, atores e artistas plásticos foram assunto de fotorreportagens ou figuraram em matérias sobre outros temas mais genéricos. Cita-se, brevemente, a existência de uma matéria publicada sobre o músico gaúcho *Caco Velho*²⁹, no ano de 1955, ressaltando o feito do cantor que iniciou a vida trabalhando como auxiliar nas oficinas da *Revista do Globo* e acabou fazendo fama no Rio de Janeiro.

Outra reportagem, que merece destaque, trouxe a pintora Cenira Alves Miranda³⁰, segundo a revista “um anjo negro” que trabalhava como empregada doméstica e nunca havia ido à escola, mas sabia pintar. A moça, que posou ao

29 Revista do Globo nº572; 1/11/1952, p.23.

30 Revista do Globo nº682; 29/1/1957, p.89.

lado de suas produções para o fotógrafo Léo Guerreiro, chamou a atenção do repórter Lineu Martins por não ter namorado nem gostar de samba e sim de músicas internacionais.

Acerca dessa questão, convém citar a reportagem sobre os “traidores do futebol”³¹, publicada em 1954, a qual registrou os trabalhadores do *Caxangá Golf and Country Club* – em Pernambuco.(Foto 2). O fato que conferiu um caráter singular a esses rapazes, eternizados por Armando Cunha em uma reportagem com oito fotografias, é que em seu dia de folga eles jogavam golfe. Os personagens das duas reportagens citadas e outras pessoas que apareceram na publicação, em outros momentos, parecem ter causado estranheza à equipe da *Revista do Globo*, quando quebraram os estereótipos que conectavam os negros ao futebol e ao samba. Dessa forma, talvez, tirando redatores e leitores de uma espécie de zona de conforto na qual não reconheciam os negros como sujeitos que transitam por outros espaços.



Foto 2: “Os traidores do futebol”
Fonte: Revista do Globo nº 550. 20/12/1954. p.27

Contribuem para a compreensão do tema as fotorreportagens que remetem às “festas de negros”. Uma delas apresentou as “Debutantes de

31 Revista do Globo nº550; 20/12/1954, p.27

ébanos”³² publicizadas por meio de oito fotografias de Léo Guerreiro, em baile ocorrido na Sociedade Floresta Aurora³³. As imagens deram grande destaque às moças e a festa ocupando grande parte da página ou mesmo a página inteira e trouxeram como subtítulo: “A graça e a beleza não têm cor”.

Ponto de vista um tanto diferente foi apresentado em matéria publicada seis anos antes, intitulada “Uma boite de raça (negra)”³⁴. A reportagem contava com 15 fotografias de Jack Pires, nas quais homens e mulheres apareciam aproveitando a festa.(Foto 3). As legendas e o texto citavam o processo de miscigenação e enfatizavam a ideia de democracia racial, anunciando a confraternização entre brancos e negros em uma “deliciosa mistura própria de um Brasil democrático, tolerante e humano.”(Revista do Globo nº527, 3/2/1951, p.35.) O repórter Gustavo Renó mencionou ser possível às “famílias respeitadas” irem lá para assistir “essa invenção dos pretos”.



Foto 3: “Uma boite de raça (negra)”
Fonte: Revista do Globo nº 527. 2/2/1951. p.37

Lembra-se que, como já foi mencionado nesse trabalho, os clubes sociais negros existiam há várias décadas. Um exemplo da presença desse

32 Revista do Globo nº681; 12/1/1951, p.46.

33 Fundada no ano de 1872 em Porto Alegre a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora ainda está em funcionamento, sendo o clube social negro mais antigo do Rio Grande do Sul.

34 Revista do Globo nº527, 3/2/1951, p.35.

tipo de organização é a Sociedade Floresta Aurora, onde foram tiradas as fotos das debutantes citadas no parágrafo anterior. De tal forma, talvez, seja interessante refletir que seja ao contrário, a “invenção” possa se referir a descoberta desses espaços pelas “famílias respeitadas” (e brancas).

Em alguns ensaios, por exemplo, o que recebeu o título de “Bonecas de Pixe”, a beleza das mulheres negras foi salientada³⁵. Essa fotorreportagem trouxe seis fotografias: duas de página inteira, de mulheres cariocas consideradas como atraentes e bem educadas pela redação da *Revista do Globo*. A referida publicação salientava também que essas moças estavam impondo-se no cenário artístico-cultural brasileiro.

Por outro lado, a imagem do negro também se encontrava associada a problemas sociais, como os detentos do sistema carcerário ou as pessoas que viviam em situação de pobreza. Eram recorrentes as aparições de crianças em reportagens sobre menores abandonados e lares administrados por benfeitores. Sobre esse tema destaca-se uma matéria que abordou a situação dos moradores do bairro Imperador, no estado da Bahia³⁶. Essas pessoas que tiravam sua sobrevivência do lixo, incluindo a alimentação, foram registradas por Ariovaldo Matos, na reportagem que contava com seis fotografias nas quais se via tanto jovens como adultos mexendo no lixo, rodeados de corvos.

Com certa frequência eram publicadas imagens que remetiam aos habitantes do continente africano, essas abordavam, geralmente, problemas humanitários trazendo a ideia da África como um lugar onde não se queria estar.

Os africanos também foram representados de um ponto de vista que dava conta de algo exótico, através de expedições que exploraram e registraram em imagens o continente negro. Um exemplo é uma reportagem sobre a atual capital do Senegal intitulada “Escala em Dakar: no pôrto que a guerra celebrizou o repórter Wilson Machado sente o pitoresco e o mistério da África”³⁷. Em uma das imagens do original, veem-se uma mulher carregando uma criança nas costas (em primeiro plano) e outras pessoas ao fundo em meio ao mercado de rua de Dakar, o qual foi definido pelo repórter como “bizarramente colorido.”

35 Revista do Globo nº524; 20/12/1950, p.43.

36 Revista do Globo nº559; 26/4/1952, p.21.

37 Revista do Globo nº522; 25/11/1950, p.55.

O Carnaval é uma constante no início de cada ano da *Revista do Globo*. Nessas fotos, os negros apareceram predominantemente nas festas de rua, embora, algumas vezes, também estivessem nos registros das festas de salão. Além dessas imagens, houve aparições dos cantores e compositores das marchinhas carnavalesca noticiadas no quinzenário, como ocorreu em uma matéria sobre os preparativos para o carnaval de 1951. Essa trouxe a foto do músico Blackout cantando ao microfone, sujeito que seria “um especialista em carnaval”, segundo o repórter Darwin Brandão.

Atenta-se para o fato de que a presença de negros parece variar nas imagens de carnaval ao longo da década de 1950, em alguns anos, tanto no carnaval de rua, quanto no de salão a maioria é de brancos. Já em outros as representações vão se alternando, com a presença de negros tanto no espaço público e como no privado.

Por fim, cabe mencionar que, por vezes, o preconceito e a organização do grupo étnico também foi tema de reportagens publicadas na *Revista do Globo*. Como amostra, cita-se a matéria intitulada “Festa de Preto”³⁸, publicada no ano de 1953, na qual lê-se no subtítulo: “uma tradição que destrói a idéia romântica de que não há preconceitos de raça no Brasil.” Nessa cobertura, a repórter Ruth Guimarães³⁹ salientou que na festa em homenagem a São Benedito as histórias do santo negro transparecem o preconceito racial. Além disso, ela contou causos da cultura popular ligados ao santo, por exemplo, o episódio de uma menina branca que foi proibida pelo pai de seguir atrás de um santo negrinho e acabou morrendo com a pele negra.

Considera-se significativo o trecho em que Ruth Guimarães destacou que, apesar da festa dos negros estar um tanto decadente ainda merecia uma reportagem fotográfica “pelo colorido, pelo movimento, pelo pitoresco, pelas reações humanas que ocorrem a cada passo [...]”. Neste texto ainda frisou que o fato de existir uma festa de negros com esse luxo em Guaratinguetá, segundo ela a cidade mais cheia de preconceito de São Paulo, possui um grande significado. A série apresentou seis fotografias, a maioria de tamanho pequeno que mostraram momentos da festa.

Outro evento significativo que mereceu cobertura da revista foi o

38 Revista do Globo nº580; 21/2/1953, p.55.

39 Ruth Guimarães foi poetiza, cronista e romancista. A escritora, negra, foi membra da Academia paulista de Letras.

Congresso do Negro⁴⁰, realizado em Porto Alegre no ano de 1958⁴¹. A pequena matéria, recebeu o seguinte subtítulo: “*Congresso do negro: tentativa de elevar o nível cultural e social dos homens de côr*”. Dentre as atividades do congresso havia um baile de debutantes que mereceu um dos registros fotográficos publicados. Os outros dois registros ficaram por conta da Mesa de Abertura e de uma das conferências.

Importante comentar que, a presença do negro em reportagens e imagens, frequentemente, vinha associada a um texto (título ou legenda) que evidenciava tratar-se de um sujeito ímpar, associando-o à cor da pele. Por meio de expressões como: preto, de ébano, a raça, de cor, piche, em negativo, anjo negro, essas pessoas parecem ter sido publicitadas em caráter de exceção. Tal argumento baseia-se no fato de que em notícias de mesmo tema, como duas reportagens de bailes de debutantes, os textos não faziam menção à cor da pele das pessoas brancas. A título de ilustração, é interessante citar a reportagem do ano de 1956, intitulada “Debutantes”, nesta se percebem as fotos das moças e seus acompanhantes associadas a subtítulos como: “Animação e alegria em uma festa da mocidade”. A percepção inicial, a partir desse raciocínio, é de que as imagens de pessoas negras parecem carregadas de uma perspectiva de estranhamento, elas aparentam uma tentativa de aproximação, por meio das páginas da revista, com um mundo que seria exótico para a maioria dos leitores.

2.2 ANÁLISES DAS IMAGENS

Para analisar as fotografias da *Revista do Globo* foram criadas algumas categorias de forma a dar conta de um estudo específico sobre as aparições negras nas imagens da publicação. Urge salientar que, a análise realizada a seguir é apenas um recorte dentro de uma série de possibilidades, principalmente se tomarmos como parâmetro, por exemplo, os estudos já mencionados de Mauad (2005)⁴². Desta forma, o presente trabalho se propõe a

40 Ver mais em: GOMES, Arilson dos Santos. *A formação de oásis: dos movimentos fretenegrinos ao primeiro congresso nacional do negro em Porto Alegre-RS (1931-1958)*. Porto Alegre: PUCRS, 2008. (Dissertação de Mestrado em História)

41 *Revista do Globo*, nº 727, 16/10/1958, p.86

42 Para aprofundar o que foi trabalhada pela autora no artigo supracitado, ver: MAUD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem: A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representa-*

ser mais sucinto e, na medida do possível, abrir possibilidades para outras futuras abordagens e aprofundamentos.

Como foi mencionado será utilizada a metodologia de análise construída por Mauad (1990; 2005) como referência. Cabe lembrar que, a autora concebe cinco espaços dentro da imagem retratada: *Fotográfico, Geográfico, Objeto, Figuração e Vivência*. Todos servirão como orientação, mas o foco se dará no que a autora concebe como *Espaço de Vivência*, o qual se caracteriza por abordar o tema apresentado na fotografia.

A partir dessa classificação, o *Espaço de Vivência*, foram construídos onze itens com base nas aparições negras recorrentes na *Revista do Globo* nos anos de 1955 e 1956. Foram eles: *Política, Manifestações Religiosas, Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano, Artes, Esporte, Trabalho, Opinião, Moda e Beleza; Internacional, Carnaval e Saúde*. Entende-se que, por vezes, as categorias possam se perpassar, mas neste caso a imagem será classificada naquela que parecer mais conveniente para a análise.

Ana Mauad (2012, p.276) entende que: “espaço da vivência, nas revistas ilustradas, compreende o tema da foto, incluindo-se os eventos e atividades que mereciam serem retratados, como também os tipos de imagens a partir daí produzidas”. Essa categoria foi escolhida como foco porque uma das perguntas a que a pesquisa se propõe a responder seria se a *Revista do Globo* teria mostrado homens e mulheres negros como atores sociais que ocupavam espaços múltiplos e/ou se teria escolhido retratar de alguma forma o contexto de organização do movimento negro que se configurava nos anos de 1940 e 1950.

A seguir, definem-se sucintamente os temas utilizados na análise:

a) *Política*: fotografias que envolvem eventos civis de caráter público, eleições, os governantes e outras figuras públicas ligadas a esse ramo.

b) *Manifestações Religiosas*: manifestações da religião católica, afro ou outras sejam elas em grandes eventos públicos ou em âmbito privado.

c) *Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano*: questões estruturais da cidade, desigualdades sociais, criminalidade. Além disso, reportagens que tratam de lugares brasileiros distantes (geralmente remetendo à região nordeste). Cabe

ção Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX. Niterói, UFF, 1990. (Dissertação de Mestrado).

mencionar que nem sempre as reportagens desse “Brasil distante” remetem a problemas sociais.

d)*Lazer*: pessoas se divertindo em espaços como praias, teatro, dentre outros.

e)*Artes*: Manifestações ligadas às artes visuais, cênicas, cinema, dança e música (incluindo o rádio).

f)*Esporte*: eventos desportivos, de grande público ou não, incluindo futebol, atletismo e boxe, dentre outros.

g)*Trabalho*: atividades laboriosas que não se incluam nas *Artes* nem nos *Esportes*.

h)*Opinião*: pessoas entrevistadas na seção da revista intitulada *A voz do povo*, onde eram convidadas a opinar sobre algum assunto polêmico.

i)*Moda/Beleza*: tendências de moda e padrões de beleza feminina.

j) *Internacional*: reportagens que mostram o negro em um contexto internacional, como a África ou os EUA.

k)*Carnaval*: festejos carnavalescos, na rua ou no salão, bem como preparativos para esses eventos

l)*Saúde*: população sendo atendida por profissionais da saúde.

Importante salientar que, por não ter conseguido acesso às fotos originais, o que permitiria uma melhor qualidade na observação dos tons, não foram classificadas como negras – portanto, não fazem parte dos dados aqui analisados - as pessoas cuja tonalidade da pele, e outras características físicas observáveis nas imagens, suscitaram dúvidas. Ratifica-se que a escolha de levar em conta apenas os aspectos físicos, alicerça-se no fato de que não se tem entrevistas ou outros elementos que permitam relativizar essas fotos, por isso foca-se nas características físicas presentes na fotografia para estabelecer padrões.

Foram analisadas 52 edições das revistas, sendo que 42 dessas traziam imagens em que figuravam negros. Observou-se também que havia 85 reportagens ou seções da publicação que traziam “pessoas de cor” em suas imagens. A primeira vista, a presença parece ser expressiva, entretanto é necessário atentar para o fato de que, as fotos tinham tamanhos diversos e o destaque dado aos sujeitos deste grupo étnico se dava com intensidades distintas, oscilando entre fotos de tamanho grande e presenças quase imperceptíveis.

2.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS APARIÇÕES NEGRAS NAS EDIÇÕES DE 1955 E 1956

Ao longo desses dois anos, foram publicadas na *Revista do Globo* 85 reportagens ou seções⁴³, nas quais era possível ver fotografias de pessoas negras. Cabe salientar que em uma mesma reportagem poderiam aparecer uma ou várias imagens de pessoas desse grupo étnico.

Desta forma, deve-se deixar claro que os números aqui apresentados não correspondem à quantidade de imagens impressas, embora um levantamento superficial indique que a proporção das temáticas tenderia a manter-se em relação ao todo. Assim, no presente trabalho serão destacadas as reportagens em que esses retratos figuram como um conjunto. Além disso, impende ratificar que essas divisões são apenas um elemento para auxiliar no processo de análise, haveria muitas outras possibilidades de leitura e classificação.

Conforme descrito na tabela a seguir (Tabela 1), os três temas mais recorrentes foram: *Artes, Esportes e Carnaval*. Ao mesmo tempo, a menor incidência de imagens de pessoas negras se dá em torno dos registros que tratam de *Moda /Beleza e Saúde*.

A temática *Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano* apresentou um número expressivo de registros. Contudo, isso ocorreu porque, dentre as subdivisões criadas, essa é a que abarca a maior diversidade de assuntos – desde um olhar exótico sobre os habitantes de Cuiabá/MT até algumas ocorrências policiais e problemas urbanos (como esgotos e transportes). Salienta-se que algumas reportagens remetem a um exótico Brasil distante – geralmente representado em imagens das regiões nordeste e centro-oeste – apresentadas pela revista como lugares que enfrentam problemas, mas também que merecem admiração.

⁴³ Faz-se referência às sessões e não apenas às fotorreportagens ou reportagens porque existiu a publicação de fotografias desse grupo étnico em espaços da *Revista* como a seção *A voz do Povo*, que contava com pequenas fotos dos entrevistados.

Aparições em cada temática (1955 -1956)	
Temática	Nº de reportagens/ seções com fotografias onde se vê pessoas negras
Política	5
Manifestações Religiosas	8
Artes	11
Trabalho	7
Esporte	14
Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano	11
Lazer	6
Opinião	5
Moda/Beleza	3
Internacional.	3
Carnaval	11
Saúde	1

Tabela 1: Aparições dos negros nas fotografias referentes a cada temática (Revista do Globo: 1955 -1956) (Tabela elaborada pela autora)

Realiza-se, a seguir, a apresentação das reportagens e fotografias, a partir das categorias criadas. Em virtude do espaço disponível e do nível de aprofundamento que cabe em uma monografia, foi feita a opção metodológica de analisar mais profundamente quatro dessas categorias: *Política, Manifestações Religiosas, Artes e Trabalho*. As fotografias referentes às temáticas *Esportes, Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano, Lazer, Opinião, Moda/Beleza e Internacional* serão citadas brevemente apenas para dar ao leitor um panorama do todo.

Além disso, urge salientar que, as categorias *Carnaval e Saúde* também não serão motivo de uma análise mais aprofundada. Isso se deve, primeiramente, ao fato de que um dos objetivos do presente trabalho era perceber que outras representações do negro a *Revista do Globo* construiu além do carnaval. Aliás, a categoria *Saúde*, que possui apenas um registro que se refere a uma sessão de hipnose em pacientes odontológicos, de momento não parece relevante a ponto de merecer um maior aprofundamento.

Salienta-se a seguir, sucintamente, os motivos que levaram a escolha das categorias que serão analisadas com maior profundidade. Primeiramente,

a *Política* foi selecionada por ser um tema muito ligado à noção de cidadania - principalmente se atrelada às eleições – e, conseqüentemente, à participação dos sujeitos nos rumos da sociedade. Sabendo-se da demanda do grupo negro por políticas específicas, como demonstrou a transformação da Frente Negra Brasileira em partido no final da década de 1930, considera-se pertinente analisar se as aparições da etnia nessas fotos apontaram para alguma espécie de empoderamento no campo político. As temáticas *Artes; Manifestações Religiosas e Trabalho* foram escolhidas pelo número significativo de aparições, pela valorização do sujeito negro em muitas dessas imagens e pela pluralidade que as fotos dessas categorias apresentam. Acredita-se desta forma que essas quatro temáticas auxiliam a entender a presença do negro em diferentes espaços sociais.

2.3.1. Política

As aparições referentes ao cenário político remetem a dois assuntos principais: a morte de Getúlio Vargas e as eleições de 1955, na qual foram escolhidos prefeitos, governadores e presidente. Em uma reportagem de janeiro de 1955⁴⁴, foi feita extensa retrospectiva dos acontecimentos do ano anterior onde mereceu uma página de destaque a morte do ex-presidente Vargas. Conseqüentemente, foi citado o envolvimento do chefe da segurança, Gregório Fortunato, no atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, fato que veio a desencadear uma crise política e o pedido para que Vargas deixasse a presidência. Vale lembrar que, o “Anjo Negro” era uma figura que despertava interesse, mesmo antes do referido atentado, sendo tema de reportagem da revista *O Cruzeiro* em 1953⁴⁵ que destacava o homem que tinha a confiança do presidente (como foi citado no capítulo um).

Na *Revista do Globo* vê-se uma série de quatro fotos na página referida anteriormente. Um retrato de perfil de Gregório é colocado ao lado de uma outra imagem em que algumas pessoas protestam contra o atentado a Carlos Lacerda. Nesta foto, os manifestantes aparecem segurando a faixa na qual se lê: “*Para a honra da nação confiamos que esse crime não fique impune*”. Obser-

44 Revista do Globo nº 628, 8/1/1955, p.36

45 Foto publicada em: COSTA, Helouise; Burgi, Sergio (orgs) *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro: 1940/1960*. São Paulo: IMS, 2012.

vando a diagramação da página tem-se a ideia de que, Fortunato olha para a faixa e que um dos manifestantes que a segura parece intimá-lo. Ele, que antes merecia destaque como um bom profissional, passa a ter um sentido negativo associado à sua imagem, devido à influência que teve no contexto que culminou com o suicídio de Getúlio. Desta forma, é possível dizer que, o único homem negro que mereceu destaque nas páginas da revista no âmbito da política, tendo seu nome citado e um retrato individual publicado, durante os dois anos de análise, foi tido como uma espécie de “vilão” de um crime que mobilizou o país.

Outro assunto, onde as “pessoas de cor” figuraram, foi as eleições de 1955. No mês de maio, já desenrolava-se a campanha eleitoral para à prefeitura de São Paulo e os cartazes dos candidatos tomavam a cidade. Nesse momento o fotógrafo Ivo Barreti registrou quatro meninos de vestimentas simples e pés descalços que estavam sentados na rua, próximos a um elegante senhor de terno.⁴⁶ Todos, incluindo um menino negro que se encontra no primeiro plano da imagem, olhavam para um cartaz com o nome do candidato Lino Marques. A imagem foi capturada com a câmera baixa gerando um ponto de vista que está no mesmo nível dos meninos que estão sentados no chão. Essa foto foi publicada com uma legenda de tom irônico: “Estas crianças, apesar do que pode ser dito em contrário, já possuem uma cultura política quase madura. Ela foi feita na base de profundas leituras... mas de cartazes.” Na época estava sendo tema de notícias na revista a falta de interesse das pessoas pelo processo eleitoral, muitas ainda nem haviam tirado seus títulos.”

No mês de agosto, o assunto voltou a ser as eleições que ocorreriam em outubro, nas quais Juscelino Kubitschek seria eleito presidente da república. Em uma reportagem⁴⁷ foram apresentadas cinco repostas à pergunta: “*Por que é frágil a democracia brasileira?*”. As respostas foram dadas por Francisco Brochado da Rocha, Josué Guimarães, Armando Temperani Pereira, Guilhermino Cesar e Mem de Sá. (Foto 4)

46 Revista do Globo nº: 639, 28/5/1955, p.22;

47 Revista do Globo ; nº 645, 20/8/1955, p.28;



Foto 4: “Por que é frágil a democracia brasileira?”
 Fonte: Revista do Globo nº: 639, 28/5/1955, p.22

Todas as repostas vieram acompanhadas de retratos dos entrevistados (professores, economistas, políticos e jornalistas de pele branca), entretanto só a de Mem de Sá divide a página com outra foto, essa de tamanho grande.⁴⁸. Na imagem, que está próxima ao subtítulo: “... a ignorância do povo”, vê-se uma fila com cerca de vinte homens esperando para votar, alguns com documentos em mãos, e uma série de santinhos espalhados pelo chão. Chama a atenção um rapaz negro que está encostado em uma árvore cujo tronco ocupa o centro da imagem. Cabe aqui salientar o argumento do economista Mem de Sá no texto que divide a página com a referida foto:

Fundamentalmente é a ignorância do povo e a falta de elites a causa das causas. Povo sem instrução, sem discernimento, sem educação cívica exerce mal a democracia e facilmente leva às deturpações correntes entre nós. (Revista do Globo, nº639, 28/5/1955, p.22)

48 Assim como Mauad (1990), atribui-se o tamanho da foto à proporção que ela ocupa na página, sendo :Grande (Metade ou toda a página); Média(até um quarto da página), Pequena (Menos de um quarto da página).

Nos meses de outubro e novembro foi alvo de matérias a eleição na capital gaúcha e o resultado do pleito para Presidente da República, que consagrou Juscelino Kubitschek. Nestas reportagens houve aparições discretas de homens negros em meio a um significativo número de fotografias de tamanho pequeno. Ao cobrir a votação em Porto Alegre⁴⁹, a qual elegeu Manuel Sarinho Vargas para prefeito, Léo Guerreiro registou cinco homens em volta de uma mesa que continha material publicitário dos candidatos Juscelino e Jango. Um dos homens, certamente, era cabo eleitoral, uma vez que este segurava os materiais; quanto aos outros, resta a dúvida. Nessa imagem vê-se dois homens negros de terno e gravata que observam os materiais publicitários.

O mesmo fotógrafo registou a contagem dos votos e a divulgação do resultado das eleições em uma reportagem intitulada “*O destino está votado*”⁵⁰, na qual aparecia um grande grupo que acompanhava o desfecho do pleito. Em uma página preenchida apenas com fotografias (uma de tamanho grande e quatro pequenas), observa-se que na pequena foto que ocupa o topo, três homens estão em destaque: veem-se um deles anotando os resultados, o segundo olhando para cima e, por último, um rapaz negro de bigode e semblante sério que olha na direção de Léo Guerreiro.

De acordo com os textos publicados na *Revista* observa-se grande atenção para o fato de que: o pleito eleitoral, por ser um processo democrático, garantia igual peso para o voto de intelectuais e de populares. Em uma reportagem de Joseph Zukauskas⁵¹, lê-se:

Perto de 10 milhões de brasileiros (calculando-se em 30% a abstenção) exercem este direito maravilhoso que é o voto. Até homens e mulheres que não tiveram a oportunidade ou a capacidade de revolver os seus destinos pessoais – cegos, hansenianos, seringueiros, vaqueiros do nordeste, prostitutas, comunistas, por um passe de democracia se transformaram em jurados do destino de uma nação. (*Revista do Globo* nº 650 29/10/1955 p.2)

Observa-se que nas imagens publicadas no periódico aparecem apenas pessoas do sexo masculino, embora o voto já tivesse sido assegurado às mulheres na década de 1930. Talvez um fator que influencie nessa ausência femi-

49 *Revista do Globo* ; nº649, 15/10/1955 p.2 ;

50 *Revista do Globo* nº 650 29/10/1955 p.2

51 *Revista do Globo* nº 650 29/10/1955 p.2

nina, e também na pequena proporção de negros nas fotos de grupo que mostram o dia da votação, seja a necessidade de ser alfabetizado e possuir emprego para poder exercer esse direito. Em uma sociedade que voltava a experimentar um processo democrático, muitos ainda estavam por familiarizar-se com a política, como, talvez, os meninos que olhavam o cartaz com o nome de um candidato; outros participam mais ativamente do processo ao escolher os candidatos, fazer propaganda e acompanhar os resultados.

As fotos dessa categoria são predominantemente de grupos e tiradas em ambientes externos das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Elas não possuem cenários montados e buscam um ar de naturalidade, são fotos instantâneas, ou seja, sem a construção de uma pose. Os sujeitos não possuem nome e não há referência à cor de sua pele. A exceção é o retrato de Gregório Fortunato.

2.3.2 Manifestações Religiosas

As representações de manifestações religiosas publicadas na revista trazem eventos católicos e afro-brasileiros, abarcando cultos de raiz católica que foram sendo ressignificados pelo grupo negro e têm como característica a marcante presença dessa etnia. Dentre o total de oito reportagens analisadas percebeu-se que apenas duas remetem às solenidades católicas mais tradicionais, mais especificamente dois Congressos: XXXVI Congresso Eucarístico(1955)⁵² e Congresso da Boa Vontade (1956)⁵³.

O primeiro evento, ocorrido no Rio de Janeiro em 1955, foi coberto pelo fotógrafo Roger Pardini e contou com a presença de uma multidão formada por representantes das diferentes classes sociais que formavam “ a nação católica brasileira”. Dentre os fiéis, as famílias de autoridades nacionais como a do então presidente da Câmara Federal, Nereu Lopes, mereceram um recorte fotográfico mais próximo em que puderam ser reconhecidos facilmente pelo leitor e destacados da multidão.

Na primeira página da matéria se vê, em uma imagem de tamanho grande, uma tomada geral do altar e de alguns fiéis. Sobreposta a ela, está uma

52 Revista do Globo, nº631, 5/5/1955,p.46

53 Revista do Globo, nº670, 11/8/1956, p.53

foto de tamanho pequeno, que registrou um sacerdote negro recebendo a hóstia das mãos de Don Câmara. O homem que comungava está em um plano inferior em relação ao cardeal na imagem, reforçando a hierarquia presente na instituição. A imagem ainda apresenta alguns símbolos católicos como a cruz, a hóstia e o cálice.

Quanto às imagens do Congresso da Boa Vontade, não se pretende explorá-las no momento. Em virtude disso, apenas cita-se, brevemente, que elas registraram os representantes de países africanos que vieram participar do evento.

Dentre as fotografias que trazem outras manifestações religiosas, aborda-se a presença da religião protestante de caráter metodista. No ano de 1956, também no Rio de Janeiro, membros do Exército da Salvação (instituição de orientação metodista) iam para a rua e pregavam as palavras da Bíblia com intenção de “levar a fé aos corações vazios”.(Revista do Globo, nº 672, 8/9/1956,p.23). A reportagem fotográfica de Wilson Lopes⁵⁴ conta com sete imagens, das quais três apresentam fiéis negros. A primeira delas é uma foto de tamanho grande, na qual se vê, em primeiro plano, um homem com a bíblia nas mãos e o braço estendido, em segundo plano, foram registradas duas moças da mesma etnia que acompanham a pregação que acontece na rua com céu já escuro. (Foto 5)

Ao observar a imagem citada, anteriormente, nota-se que suas linhas e a iluminação direcionam o olhar do leitor para às mulheres de saias. O braço do pastor está erguido, como se apontasse o caminho a ser seguido. Convém salientar que, outras duas imagens da mesma reportagem apresentam negros em destaque no primeiro plano: a primeira é de uma mulher com roupa escura que parece estar escutando as palavras do pastor; a segunda, de um orador mais velho, usando terno e carregando a bíblia em suas mãos.

Destaca-se nas imagens o cuidado que as pessoas clicadas – frequentadores da Central do Brasil, da Lapa de os outros locais, onde as pregações eram realizadas –, dedicavam à sua aparência. As mulheres de saias e vestidos alinhados apresentam cabelos bem arrumados e grande parte dos homens veste terno e gravata. Cabe informar que, apesar de duas dentre as três fotos mencionadas mostrarem mulheres, as legendas da reportagem afirmaram que

54 Revista do Globo, nº 672, 8/9/1956,p.23

a presença delas no culto era pequena, sendo que em nenhuma imagem uma mulher foi vista pregando a palavra da bíblia.



Foto 5: "A bíblia vai ao povo"
Fonte: Revista do Globo nº: 672, 8/9/1956, p.23

Observa-se que as fotografias desse evento não transparecem uma hierarquia no sentido vertical, como se viu no caso da imagem do culto católico, nelas os fiéis e os pastores estão em mesmo plano. Cabe salientar ainda que nessas imagens os sujeitos foram registrados de perto em fotos instantâneas individuais ou de pequenos grupos. Nestas imagens, que têm como paisagem o espaço urbano, os homens e mulheres não possuem o nome mencionado na reportagem, são sujeitos anônimos que fazem parte do culto. Cabe destacar que, na matéria analisada antes, o padre negro que recebia a hóstia também não tem o seu nome citado na revista, diferente de outros nomes de outros religiosos do alto escalão católico.

Além destes casos, figuraram nas páginas da revista imagens de manifestações onde se mesclaram elementos afro e católicos: Festa de Nossa Senhora de Nazaré, no Pará; da Cavalhada dos Pretos, no Rio Grande do Sul e o Roteiro de Moçambique que acontecia no Vale do Paraíba. Para completar o quadro das representações registra-se a presença do candomblé, uma manifestação mais próxima da matriz africana: a casa de Mãe Apolinária, na capital

gaúcha. A argumentação a seguir se deterá nos dois casos que mostram os negros gaúchos na *Revista : As Cavalhadas de Pretos*⁵⁵ e a *casa de Mãe Apolinária*⁵⁶.

A festa de cunho religioso denominada pela revista de *Cavalhada de Pretos* aconteceu em Cazuzza Ferreira, distrito do atual município de São Francisco de Paula. A reportagem assinada por Sady Scalante não deu créditos às imagens fotográficas, onde os personagens da festa foram eternizados. Salienta-se no periódico que o termo cavalhada se refere aos torneios terrestres realizados entre mouros e cristãos, representando a vitória dos cristãos do ocidente. Além disso, menciona-se que no caso específico de Cazuzza Ferreira ela era realizada como homenagem a Nossa Senhora do Rosário, santa amplamente difundida nas irmandades fundadas por negros. (ARAGÃO, 2013).

Nesta matéria foram publicadas nove fotografias do evento, das quais destaca-se duas que remetem a mesma cena. (Foto 6) Convém assinalar que, essas duas são as únicas imagens que não possuem formato retangular dentre as que foram analisadas ao longo do trabalho. A diagramação da reportagem foi feita de modo que as duas fotos convergissem para o mesmo canto da página, dirigindo o olhar do leitor para o centro da revista, como se o torneio estivesse prestes a começar. Os homens, enfileirados, dividem-se em dois grupos e, com lanças de madeira na mão, olham para a câmera ensaiando a ideia de uma fotografia posada. Eles usam chapéus e outros elementos da indumentária típica do festejo e encontram-se montados em seus cavalos formando duas filas.

Ao ser entrevistado, Manoel Pereira Gil, senhor que teria iniciado as cavalhadas – ainda na década de 1920 –, apresentou-as como uma forma de resistência. Esse homem, “um negro de alma branca”⁵⁷ segundo a revista, relatou que lá os negros não tinham direito a nada e sofreram tentativas de ridicularização quando iniciaram os eventos. Entretanto, aos poucos os brancos começaram a reconhecer que as cavalhadas “dos pretos” tinham qualidade e as aplaudiram.

55 Revista do Globo, 638, 14/5/1955.p.56

56 Revista do Globo , 638, 14/5/1955,p.40

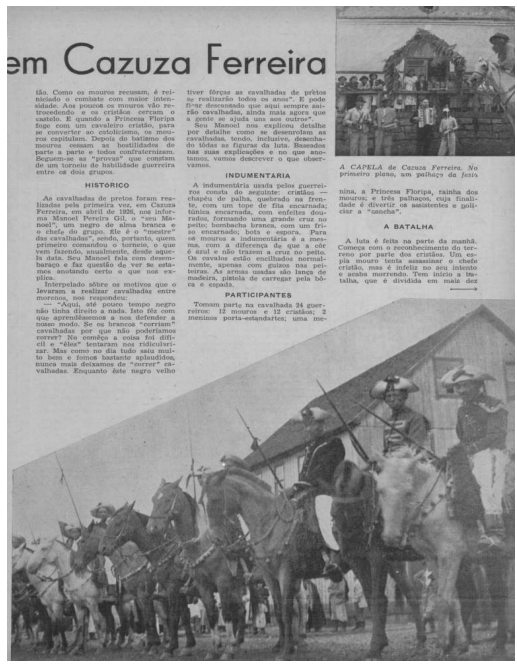
57 Um homem seria um negro de alma branca se, tendo pele negra, imitasse o comportamento dos brancos e obedecesse regras de civilidade impostas pelos de pele clara.



Foto 6: "Cavalhada dos pretos"
 Fonte: Revista do Globo nº: 638, 14/5/1955, p.56

Pode-se notar que, as imagens da cavalhada foram tomadas com a câmera baixa, o que confere uma imponência aos cavaleiros, e com uma certa distância que permitia a representação de grande parte do grupo. A linha diagonal formada pelos participantes dá a impressão de infinitude, uma vez que o tamanho dos personagens vai diminuindo a medida que se aproximam da linha do horizonte mas não é possível visualizar o ultimo homem que forma cada equipe.

No mesmo ano, em uma reportagem de Carlos Galvão que registrou a casa de culto de Mãe Apolinária veio acompanhada do seguinte texto: "Afrogaúchos e teuto-brasileiros dão-se as mãos pela primeira vez no R.G. Do Sul, por iniciativa da Divisão de Cultura, durante a grande festa de Ogum" (Revista do Globo ,nº 638, 14/5/1955,p.40). Apesar da legenda, os dois grupos étnicos não apareceram juntos nas imagens. Por ocasião da visita do músico Fritz Joed a Porto Alegre, um grupo ligado à Divisão de Cultura levou ele e algumas pessoas vinculadas ao consulado alemão para escutar ritmos gaúchos em dois lugares: um Centro de Tradições Gaúchas e na casa de Mãe Apolinária. O texto da reportagem enquanto, em alguns momentos, destaca a formação multiétnica do povo gaúcho e a importante contribuição da cultura afro nesse contex-



to, explicita que, na opinião do autor, alemães e italianos “são os mais importantes ramos técnicos e culturais que formam a população gaúcha”. (Revista do Globo , n °638, 14/5/1955,p.42).

Esta matéria de Galvão contou com a fotorreportagem de Léo Guerreiro. Convém frisar que, por um lado, ao analisarmos os dois tipos de textos, o visual e o escrito, percebe-se que as fotos valorizaram o ritual afro e os praticantes dessa religião. Por outro lado, enquanto o texto escrito, por algumas vezes, buscou uma aproximação com a cerimônia, ele também construiu uma narrativa sobre a observação do exótico. No sentido de orientar o leitor a fazer um processo de relativização sobre o que via na revista, Galvão escreveu:

Como outros, de culturas diferentes da nossa, tais rituais parecem estranhos. Mas, dizem corretamente os cientistas, são estranhos apenas para nós. Para quem os pratica, sempre constituem a única forma de expressão ou de vida. (Revista do Globo, n° 638, 14/5/1955, p.43)

Ainda na mesma reportagem, em uma sequência de 16 fotografias, 14 delas dedicam-se ao ritual afro e duas aos sujeitos que foram observá-los. Algumas imagens da cerimônia apresentam pessoas recebendo o sangue dos animais sacrificados e outras remetem a imolação de um touro. Dentre o conjunto de imagens, destaca-se uma foto de página inteira, na qual se vê a Mãe Apolinária a direita, em primeiro plano, e um tamboreiro, em segundo plano. Em tal imagem, a senhora parece entoar um canto e o homem toca o instrumento sagrado. Ela remete a um espaço privado e possui uma série de objetos significativos: os colares e guias usados pela mãe de santo, o tambor, o agê, as imagens de índios na parede (representando a influência da espiritualidade indígena na religião afro), dentre outros. (Foto 7). Essa fotografia se diferencia das anteriores porque a mulher nela representada, além de ser elemento de grande destaque na fotorreportagem, também teve seu nome publicado no texto que acompanha a foto. A mãe de santo era, desta forma, uma figura reconhecida publicamente, em parte da sociedade porto-alegrense, e também nas páginas da *Revista do Globo*. Destaca-se, brevemente, que a reportagem ainda apresenta a foto de uma menina, filha da mãe de santo, que participa do culto.



Foto 7: “Ogum baixou no terreiro da Mãe Apolinária”
Fonte: Revista do Globo nº: 638, 14/5/1955, p.40

Pode-se perceber nas reportagens anteriores que, por vezes, o preconceito contra o grupo étnico se estende às manifestações religiosas de origem africana ou as que possuem um hibridismo forte com a cultura negra. Observa-se nesse conjunto de imagens, fotos de pessoas do sexo masculino, feminino e também de crianças. Elas alternam entre manifestações de multidões no espaço público, nas quais se vê a paisagem urbana, e reuniões de grandes grupos do espaço privado, onde se vê uma paisagem doméstica. As imagens possuem objetos e símbolos significativos para as manifestações: cruz, cálice, tambor, guias, lanças... As fotos são, em sua maioria instantâneas, feitas sem que se note uma montagem da cena por parte do fotógrafo.

Na manifestação católica mais tradicional, os negros brasileiros figuraram em fotos de grupo, ao lado de pessoas brancas (que predominam no total de imagens). Nessas representações, observa-se uma hierarquia em que os “sujeitos de cor” não estão a frente dos rituais religiosos. Por outro lado, nos registros que remetem à religião de matriz africana, ou àquelas que são de origem católica mas carregam a marca da miscigenação, foi possível observar um espaço onde os negros estão guiando as manifestações religiosas. Nesse sen-

tido, ratifica-se que foi nesses espaços que os sujeitos deixaram de ser anônimos: Manoel Pereira, somente com uma citação no texto, e Mãe Apolinária, com fotografia e nome no título da reportagem. Considera-se que a identificação do sujeito representado na foto indica um ato de valoração e uma tentativa de maior aproximação dos retratados com o público leitor.

2.3.3 Artes

Ao tratar de música, as imagens desta categoria apresentaram os artistas que tocam em festas e estrelas do mundo do rádio (Rádio Gaúcha, Record). Como mencionado, o rádio tinha grande importância nesse período e “a carreira artística no rádio era uma forma de ascensão social e chegava a fabricar verdadeiros milionários” (NOSSO SÉCULO, 1980.p.39). Os auditórios das rádios, que contavam com mulheres negras dentre o público, ficavam lotados para acompanhar as apresentações dos cantores. Um fato interessante é que, na medida em que, as camadas populares começaram a ter acesso a esse meio de comunicação foram aparecendo nos auditórios mulheres negras. Estas foram chamadas de *macacas de auditório* pelo radialista Nestor de Holanda, termo que reflete um modo racista de definir o comportamento das mulheres dessa etnia. Segundo Werneck, a expressão visava destacar:

os excessos – de gesticulação, de ruídos, de expressão –, buscando destacar o seu oposto, a falta: de modos, de recato, de elegância, de contenção, prescritos às 'boas' mulheres da época. E, principalmente, a falta de pertencimento. (WERNEC, 2013, p.1).

Dentre as cantoras negras da época, é possível destacar as cariocas Araci Cortes (1904-1985), Aracy de Almeida (1914-1987), Carmem Costa (1920-2007), Dolores Duran (1930-1959) e Elza Soares (1937). Elas tinham em comum a origem pobre e a sua entrada no mundo do rádio por meio de programas populares, como circos ou programas de calouros. (WERNEC, 2013,p.11) Carmem Costa, que chegou a atuar como atriz, teve seu retrato publicado em

uma reportagem da *Revista do Globo*, na qual se destacava os astros e as estrelas que faziam parte do programa *A voz dos pampas*, transmitido aos domingos pela Rádio Gaúcha⁵⁸.

Convém mencionar que, trata-se de uma foto de tamanho pequeno, dividindo o rodapé da página com retratos de outros três artistas. Entretanto, considera-se essa imagem significativa por destacar a cantora de forma positiva, por ser uma imagem que foca o rosto – o que a torna o único ponto de atenção –, e por ser uma mulher negra cujo nome, aparentemente, era valorizado pelos editores da publicação.



Foto 8: “Boîte Brasileira em Paris”
 Fonte: Revista do Globo nº: 650, 29/10/1955, p.20-21

O músico gaúcho Caco Velho, citado anteriormente, voltou a aparecer nas páginas do quinzenário no ano de 1955. Desta vez ele estava se apresentando em uma casa noturna de Paris,⁵⁹ denominada *La Macumba*, uma tentativa de imitar uma gafeira carioca, carregada de exotismo com palmeiras e papagaios servindo como cenografia.(Foto 8). Observa-se que na reportagem,

58 Revista do Globo, nº632, 19/2/1955,p.70.
 59 Revista do Globo, nº650, 29/10/1955,p.20.

com texto e fotos do correspondente Justino Martins, a imagem do artista mereceu grande destaque. Além dele, aparecem George Henri e Marita, que acompanhavam o músico gaúcho que inciou a carreira cantando nos bares do Mercado Público de Porto Alegre. A revista destaca Marita como “uma cabrocha paulista de voz pura como a de Dalva de Oliveira”.(Revista do Globo, nº650, 29/10/1955,p.20). Caco Velho interage com o público, vai até as mesas, ensina os casais a dançar samba. Mais uma vez a *Revista do Globo* valorizou sujeitos negros do ramo das artes, dando a eles destaque nas imagens e também evidenciando os nomes de Caco e Marita, aqueles que ajudaram a fazer do referido cabaré uma grande atração.



Foto 9.ª “Um pintor gaúcho em Paris”
 Fonte: Revista do Globo nº: 676, 3/11/1956 p.28

No ramo das artes plásticas, o periódico registrou outro negro gaúcho que se destacou em Paris: o pintor Wilson Tibério.⁶⁰ O texto e as fotografias, de autoria de Justino Martins, apresentaram o pintor que retratava temas inspirados na África. O artista fazia sucesso expondo em uma galeria localizada no quarteirão mais caro da capital francesa. O repórter conta de uma viagem feita

60 Revista do Globo, nº655, 14/1/1956, p.28.

pelo artista à África Equatorial Francesa “, para entrar em contato com seus 'irmãos de raça” e registrá-los em pinturas, onde Tibério se chocou com o regime de escravidão lá existente. O pintor acabou por surrar um capataz que açoitava os trabalhadores de um pedreira. (Revista do Globo, nº655, 14/1/1956, p.28.)

Interessante para esse caso, é refletir dois pontos: em primeiro lugar, a trajetória do afro-descendente que deixa o Brasil e depois de ser reconhecido na Europa volta ao continente de seus antepassados, onde se depara com a escravidão que persiste por lá; em segundo lugar, é válido destacar o fato de que nas fotos da exposição, só se vê pessoas brancas. Logo Tibério, um artista que se preocupava com as mazelas do povo negro e que o representava em suas pinturas, teve, neste momento sua arte somente admirada por brancos. Dentre o conjunto de quatro imagens, apenas uma mostra Tibério, as demais representam suas pinturas e o público da galeria de arte. A fotografia na qual se vê o pintor é um registro enquadrado em sentido vertical e posado, que tem como cenário o quarto do artista em um lar de estudantes na França. Ao fazer a entrevista, Justino Martins aproveitou para eternizar o pintor ao lado de algumas pinturas. (Foto 9)

Nas ocasiões em que o assunto foi o cinema brasileiro, os negros apareceram ligados a algumas produções. Primeiramente, pode-se citar a matéria que, abordava o fechamento da Companhia Cinematográfica Vera Cruz⁶¹. Nesta apresentavam-se cenas de alguns filmes da produtora, que na época era conhecida como “Holywood Brasileira” por ser: “aparelhada com um estúdio e uma equipe técnica igual as melhores dos Estados Unidos e Europa”. (Revista do Globo, nº636, 16/4/1955,p.78) Os atores negros, que participaram dos filmes *Mãos Sangrentas* (1955) e *Leonora dos sete mares* (1955), aparecem em quatro das oito fotografias publicadas na reportagem. Observou-se que três destas fotos, que apresentam cenas das referidas películas, são imagens de grupos captadas em planos de conjunto, ou seja, um plano onde identifica os sujeitos e a ação praticada com facilidade. Outra imagem, apresenta um recorte mais próximo em que se vê o ator Claudio Filho, segundo a *Revista do Globo* um dos desconhecidos que mais se destaca no filme de forma dramática, representando estar ferido no braço. A imagem traz essa dramaticidade através

61 Revista do Globo, nº636, 16/4/1955,p.78.

da expressão do ator e do ferimento no braço, que ocupa o primeiro plano da foto.

No que tange à sétima arte, o periódico ainda destaca o filme *Quem matou Anabela?* (1956) que conta com a atuação de Ruth Cardoso⁶² em uma fotografia em que a atriz contracena com Jaime Costa, tendo como cenário um ambiente doméstico.

Os registros fotográficos de atores de teatro abordam as peças *Ainda agarro um marido*⁶³ e *Orfeu da conceição*⁶⁴, ambas estiveram em cartaz no Rio de Janeiro. A encenação do *Orfeu* atraiu diversos olhares: era uma peça só com atores negros no elenco (pertencentes ao Teatro Experimental do Negro), escrita pelo poeta Vinícius de Moraes e com um cenário assinado por Oscar Niemeyer. A matéria de Gasparino da Mata, que não possuía o crédito para as fotos, foi descrita como “uma feliz transplantação do mito grego Orfeu, o divino músico de Trácia, para o morro carioca”. (Revista do Globo, nº676, 3/11/1956, p.26.) Todavia, foram feitas algumas críticas às atuações dos artistas por Damata que mencionou em um dos subtítulos: “[...] não foi algo extraordinário, mas uma curiosa peça”. (Revista do Globo, nº676, 3/11/1956, p.27) Cabe dizer que, a partir dessa peça foi produzido o filme *Orfeu Negro*, reconhecido internacionalmente, no qual Léa Garcia voltou a atuar.

O conjunto de imagens publicadas sobre a peça contempla os atores em cena, algumas vezes, dando uma noção do conjunto e outras se aproximando dos artistas, incluindo retratos com o rosto de duas atrizes. Observa-se a fotografia em que Léa Garcia contracenava com Abdias do Nascimento (fundador do Teatro Experimental do Negro). A foto de tamanho grande registrou os atores em primeiro plano e com um fundo escuro que, por não ter objetos, valoriza Léa e Abdias. A imagem transmite uma significativa dramaticidade por meio dos olhares e das expressões faciais e corporais. (Foto 10)

Vale mencionar que, o Teatro Experimental do Negro foi fundado em 1944 por Abdias do Nascimento, sendo considerado por muitos autores a mais importante instituição de luta pela valorização da população negra no Brasil durante as décadas de 1940 e 1950. (PEREIRA, 2010) O agrupamento tinha a proposta inicial de formar um grupo teatral somente com atores negros. Entre-

62 Revista do Globo, nº656, 28/1/1956, p.78.

63 Revista do Globo, nº645, 20/8/1955, p.59

64 Revista do Globo, nº676, 3/11/1956, p.26.

tanto, ampliou seu caráter publicando o jornal *O Quilombo*. Além disso, dentre as atividades organizou o I Congresso Nacional do Negro, promoveu cursos de alfabetização, concursos de artes plásticas e também de beleza. (DOMINGUES, 2007)

BOLOS... BOLOS E BOLOS...



1,5, 2,5, 3,5, 4,5, 5,5 edições registadas, saiu a 6,ª com cerca de 100 páginas a mais, ao preço de Cr\$ 400,00.

Um volume c/ 600 páginas em ficção e enciclopédia em português, todo impresso em papel corado.

Agora V. poderá decorar seus bolos com tãda a facilidade, nessa livro V. encontrará um CURSO DE CORRISPONDENCIA com 46 lições, desenhos e movimentos, num total de 480 lições.

BOLOS: 60 fotografias das quais 18 em coloridos. SALGADINHOS: 22 fotos sendo 9 em cores.

Pedidos pelo Rembolsio Postal, vale cheque etc. — PREÇO: Cr\$ 400,00.

**EDITORA E ESTAMPARIA
CALÇADA LIDA.**

Peça prospectos.

R. PELOTAS, 557 — TEL. 70-47-99
SAO PAULO

Fabricamos de tudo para confeitarias, docerias e pasticarias. Blocos para decorar, formas para bolo de Margarida, Fanta Luminosa, Bolo, Bola Gigante, Violino, Tanque Helado, Lira, Xadrês e mais 68 tipos diferentes.

Enviamos pelo Rembolsio Postal para Qualquer localidade do Brasil.

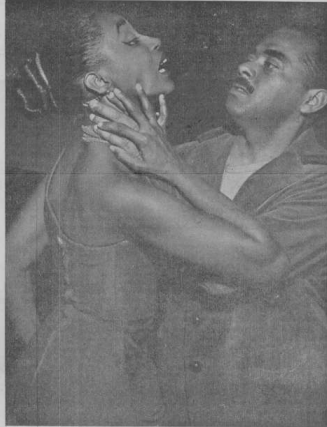
Manda-nos dizer em que revista leu este anúncio.

Vinicius vai ficar no teatro

"The Cocktail Party", do "Crime na Câmara", são os temas escolhidos através do "Teatro de Largo", de Martins Godoy. E o seria certo, porém, confrontar "Orfeu da Conceição", do porque tem uma particularidade de samba, um elenco de se inspira, com "Foxy and Beau" que não tem nada de um ato artístico no mesmo Municipal. E será grande um trabalho, embora seja último como ainda seja admirável, fazer-se um confronto com o cinematográfico Carmen Jones. A peça de Vinicius de Moraes, talvez não seja todos os aspectos... o espetáculo em si, mas como texto, é qualquer coisa de nível, sem comparação superior a tudo que conhecemos até então no gênero.

A IDEIA DA PEÇA

O poeta Vinicius de Moraes, que já está encarcerado (deve ter os seus direitos políticos suspensos) devido ao fato de ter sido considerado inimigo da ditadura, não consegue sair do Brasil. Ele está em Londres, onde se encontra com o escritor americano Frank. Acompanhava em certo momento o autor de "America Brasileira" em...



LEA GARCIA (Nina) tem uma afinação soberba. Aqui é vista numa cena com Abílio do Nascimento (Arístides). A cena do piléque foi das melhores.

28
REVISTA DO GLOBO
3 / 11 / 1956

Foto 10: " Orfeu da Conceição"
Fonte: Revista do Globo nº: 676, 3/11/1956 p.28

Observou-se que, a temática das Artes parece ser a categoria mais “democrática”, nela aparecem homens e mulheres em imagens das quais, na maioria das vezes, são o elemento central. Os sujeitos são associados ao seus talentos e figuram na revista por meio de fotos em que “mostram sua arte”.

Por vezes, as imagens tendem a valorizar mais essas pessoas do que o texto que as acompanham. A reportagem escrita, nesses casos, tem uma atitude que parece contraditória. Ela elogia os artistas e destaca que eles venceram graças a seu grande esforço, mas, ao mesmo tempo, associam as produções artísticas a algo não muito elaborado. Dois exemplo disso são as menções ao pintor Tibério e aos protagonistas de *Orfeu*. No caso do pintor Tibério, ele foi definido como “um artesão desprovido de intelectualismo” (Revista do Globo

nº655, 14/1/1956,p.28) e os atores que representaram Euridice e Orfeu receberam a seguinte legenda: “ A êle, faltou agilidade, uma boa voz e outros predicados para dar um melhor desempenho ao difícilimo papel. Quanto a ela, a beleza suprimiu as deficiências [...]” (Revista do Globo nº676, 3/11/1956.p.27). Merece ser citado, brevemente, o fato de que esse texto acompanha uma foto em que a atriz está de costas na qual não se poderia observar a beleza referida pelo repórter.

As fotografias remetem a espaços internos (teatro, casa de shows) e também externos (cenas dos filmes) e mesclam-se entre retratos posados e instantâneos. Além disso, observa-se um número significativo de registros que possuem os artistas como objeto central, nos quais são enquadrados somente o rosto ou então vê-se o corpo da cintura para cima. Elas foram publicadas em tamanhos variados, que iam do pequeno ao grande e, em sua maioria, possuíam orientação vertical. Por fim, destaca-se que alguns textos que acompanham às imagens remetiam a etnia dos artistas. Tibério era “um brasileiro de côr que sabe o que quer” (Revista do Globo nº655, 14/1/1956,p.28) e Dayse Paiva “um tipo de negro diferente com olhos mongólicos e rosto suave” (Revista do Globo nº676, 3/11/1956.p.31).

2.3.4 Trabalho

Inicialmente, lembra-se que as atividades artísticas, apesar de consideradas como trabalhos, foram prioritariamente alocadas na categoria *Artes e Comunicação*.

As representações fotográficas do grupo negro foram associadas às seguintes atividades: desenhista técnico, construtor civil, garimpeiro, porteiro, metrício e artesanato. Em reportagem que, merecerá uma análise mais esmiuçada, vê-se negros que atuam nos ramos da advocacia, assistência social, dança, medicina e artes plásticas. Convém ressaltar que as pessoas que trabalhavam no ramos das Artes, mencionadas nesta reportagem, foram, excepcionalmente, classificadas na categoria *Trabalho* porque dividem espaço na mesma matéria com profissionais de outras áreas.

Em março de 1956 foi publicada uma reportagem de Gasparino Damata intitulada "Êles têm direito a um lugar ao sol"⁶⁵. Nessa matéria estavam presentes retratos de seis "pessoas de cor", homens e mulheres, que se destacaram em suas profissões. O texto que acompanha as imagens descreve o objetivo da reportagem:

É apenas o de chamar a atenção para o seguinte fato: Quando um branco se eleva intelectual, social ou financeiramente todos nós outros brancos admiramos sua luta [...]. Mas, quando um negro se eleva social, intelectual e financeiramente sobre nós brancos e seus irmãos de cor, nunca nos detemos um instante para avaliarmos as dificuldades imensas por quê ele passou, a fim de atingir seu objetivo." (Revista do Globo, nº660,24/3/1956,p.24.)

ÊLES TÊM D

Reportagem de
GASPARINO DAMATA

A FINALIDADE desta reportagem não é, como pode parecer à primeira vista, provar por a mais lo que existe ou não preconceito de cor em nosso país. Preconceito mais forte e mais arraigado na alma do branco contra os seus irmãos de cor — preconceito de origem, como é o caso do povo norte-americano. Ou preconceito, mas a leve, porém mais complexo — de raça, como é o caso de que o brasileiro branco nutre para seus irmãos de cor. As vezes até sem querer, mas isso é bastante muito sério, que cabe aos estudiosos e não a um simples repórter, como é o nosso caso.

E qual seria então a finalidade desta reportagem? perguntará o leitor. É simples. É apenas o de chamar a atenção para o seguinte fato. Quando um branco se eleva intelectual, social ou financeiramente, todos nós outros brancos admiramos sua luta, se valeu ou não as dificuldades que passou, para atingir o seu objetivo. E não raro dizemos: "Que sujeito formidável! que tipo de transformação! É como se tivesse comido da panda doze, guaxa vida!" E passamos a admirá-lo como um verdadeiro herói, exemplo e modelo de algumas coisas, o tipo de sujeito a ser imitado por nós brancos. E eu não vou negar.

Mas quando um negro se eleva social, intelectual e financeiramente além dos brancos e seus irmãos de cor, tanto nós como nossos irmãos de cor nunca nos detemos um instante para avaliarmos as dificuldades imensas por que ele passou, a fim de atingir o seu objetivo. A culpa para nós brancos, em parte de um negro que conseguiu realizar-se com sucesso dentro de um determinado setor de atividade, seja ele intelectual, social ou financeiro, se preocupa por passe de magia... E muitas nos impressionamos em saber se aquele negro lutou a "comida da banda

pobre", muitas vezes mais do que nós brancos, para adquirir um curso de médico, um diploma de engenheiro, um anal de farmacêutico ou coisa que o valha. E também nunca nos detemos a avaliar o esforço de uma mulher de cor, natural, mas um natural que se segundo além do próprio esforço de nossa parte, de reconhecer valor e recompensa para vencer na vida. E muitas vezes nós mesmos não sabemos o que fazer para vencer na vida. E muitas vezes nós mesmos não sabemos o que fazer para vencer na vida.

Aqui abaixo vão seis depoimentos: depoimentos de seis pessoas de cor que lutam para atingir uma posição sólida na vida, dentro do campo de atividade profissional que escolheram, por natural vocação. Através de suas palavras, nós leitores brancos e de um certo modo privilegiados, poderemos avaliar a luta por elas travada.

Artes Plásticas
CLEO

CLEO estudou em São Paulo, onde apesar de sua pouca idade, chegou a lecionar desenho pedagógico. Aos dezesseis anos embarcou para a Europa, de onde regressou, após dois anos de estudos, em 1948, já em plena atividade artística, exercendo então para o Estado de São Paulo onde expôs nas principais cidades. Assim, pintando e talhando, ela travou conhecimento com o mundo artístico europeu, aprofundando seus conhecimentos plásticos com Cézanne, em Teneis, e com Rivera.

No momento reside no Rio, onde se acha em preparativos para uma exposição e acaba de ilustrar a tradução dos poemas de Vladimir Maiakovsky, a ser editada em breve.

Além de artista plástica, ela é poetisa e de uma profunda instrução em línguas, falando italiano, francês, o inglês, o rumeno e o hebraico.

ÊLES TÊM D

Reportagem de
GASPARINO DAMATA

A FINALIDADE desta reportagem não é, como pode parecer à primeira vista, provar por a mais lo que existe ou não preconceito de cor em nosso país. Preconceito mais forte e mais arraigado na alma do branco contra os seus irmãos de cor — preconceito de origem, como é o caso do povo norte-americano. Ou preconceito, mas a leve, porém mais complexo — de raça, como é o caso de que o brasileiro branco nutre para seus irmãos de cor. As vezes até sem querer, mas isso é bastante muito sério, que cabe aos estudiosos e não a um simples repórter, como é o nosso caso.

E qual seria então a finalidade desta reportagem? perguntará o leitor. É simples. É apenas o de chamar a atenção para o seguinte fato. Quando um branco se eleva intelectual, social ou financeiramente, todos nós outros brancos admiramos sua luta, se valeu ou não as dificuldades que passou, para atingir o seu objetivo. E não raro dizemos: "Que sujeito formidável! que tipo de transformação! É como se tivesse comido da panda doze, guaxa vida!" E passamos a admirá-lo como um verdadeiro herói, exemplo e modelo de algumas coisas, o tipo de sujeito a ser imitado por nós brancos. E eu não vou negar.

Mas quando um negro se eleva social, intelectual e financeiramente além dos brancos e seus irmãos de cor, tanto nós como nossos irmãos de cor nunca nos detemos um instante para avaliarmos as dificuldades imensas por que ele passou, a fim de atingir o seu objetivo. A culpa para nós brancos, em parte de um negro que conseguiu realizar-se com sucesso dentro de um determinado setor de atividade, seja ele intelectual, social ou financeiro, se preocupa por passe de magia... E muitas nos impressionamos em saber se aquele negro lutou a "comida da banda

pobre", muitas vezes mais do que nós brancos, para adquirir um curso de médico, um diploma de engenheiro, um anal de farmacêutico ou coisa que o valha. E também nunca nos detemos a avaliar o esforço de uma mulher de cor, natural, mas um natural que se segundo além do próprio esforço de nossa parte, de reconhecer valor e recompensa para vencer na vida. E muitas vezes nós mesmos não sabemos o que fazer para vencer na vida. E muitas vezes nós mesmos não sabemos o que fazer para vencer na vida.

Aqui abaixo vão seis depoimentos: depoimentos de seis pessoas de cor que lutam para atingir uma posição sólida na vida, dentro do campo de atividade profissional que escolheram, por natural vocação. Através de suas palavras, nós leitores brancos e de um certo modo privilegiados, poderemos avaliar a luta por elas travada.

Artes Plásticas
CLEO

CLEO estudou em São Paulo, onde apesar de sua pouca idade, chegou a lecionar desenho pedagógico. Aos dezesseis anos embarcou para a Europa, de onde regressou, após dois anos de estudos, em 1948, já em plena atividade artística, exercendo então para o Estado de São Paulo onde expôs nas principais cidades. Assim, pintando e talhando, ela travou conhecimento com o mundo artístico europeu, aprofundando seus conhecimentos plásticos com Cézanne, em Teneis, e com Rivera.

No momento reside no Rio, onde se acha em preparativos para uma exposição e acaba de ilustrar a tradução dos poemas de Vladimir Maiakovsky, a ser editada em breve.

Além de artista plástica, ela é poetisa e de uma profunda instrução em línguas, falando italiano, francês, o inglês, o rumeno e o hebraico.

Assistência Social
SEBASTIÃO RODRIGUES ALVES

SEBASTIÃO Rodrigues Alves nasceu em Guaratuba, Estado de Espírito Santo e costuma dizer: "Sou casquinha de macaonete, paulista de coração e carioca honorário". Sua mãe faleceu muito cedo e ele ficou orfão aos sete anos. Seu pai, um advogado, supriu-o e criou-o até os quinze anos, trabalhando no cultivo de sua propriedade, lavando, para combater os seus efeitos de álcool, a sua própria terra.

Mais tarde, ele foi conselheiro de boia, foi magistral da tropa de burros e trabalhou na usimela, de até o Estado pouco em criança e costumava dizer: "Sou analista de rol e mãe"; entretanto, conseguiu por esforço próprio estudar e obter grau em um curso de nível superior, tendo defendido uma tese brilhante por ocasião da conclusão do curso. A tese vai ser publicada, aliás, pelo "Serviço de Documentação e Cultura" do Ministério da Educação, conforme nos informou o seu atual diretor, Dr. Sílvio Leal.

Rodrigues Alves tem uma experiência de vida fabulosa, pois viveu em todas as condições sociais possíveis, desde o trabalho manual até as condições das melhores, onde ele iniciou sua carreira, até os chamados Presidente de Escola de Garças, Associação e Clube Carnavalescos, pelos quais tem sido constantemente homenageado (já foi eleito tambor em crônicas de "gente-bom").

O homem entretanto, que já exercia em diversas outras atividades, na ocasião foi aos 18 anos soldado do Corpo de Bombeiros, soldado, cabo, sargento e 2.º Ten. do Exército, participando na Revolução de 30. Em 1939 entrou a fazer o relatório no claustro (Convento dos Padres Franciscanos onde recebeu o batismo franciscano e o nome de Frei Miguel). E saiu do convento com o consentimen-



to da Ordem Franciscana, e manteve boas relações com seus irmãos de Fé. Agora mesmo tem no Convento de São Antônio, do Rio, o seu "Poder" dentro Frei Janário Bauer. Além disso tudo, ainda foi pedreiro e mestre de obra, vendedor de doces, agricultor e comprador de crias de bovinos, no interior; mas sempre dedicado aos estudos de valorização do negro.

Sebastião Rodrigues Alves já compareceu, apreciando temas e relatando trabalhos, a vários Congressos e do negro. Atualmente dedica-se aos estudos dos desastres e é Assistente-Social, vem desenvolvendo uma pesquisa antropológica de estudos de situação na comunidade da marginalidade. É fundador do "Serviço Social" diário que se trata de um jovem sociólogo de valor e de cultura.

É quando nos deparamos com tipos como este Sebastião Rodrigues Alves pensamos nas suas próprias palavras: "É realmente socialmente a tarefa de escrever o cotidiano de um negro para ter um lugar ao sol neste novo Brasil sem preconceito. É claro que aqui não se trata de um negro que já venceu, nem um líder de massa, mas de um homem que se encontra claramente na rua, com sua gravata branca e uma postura firme."

Dança
MIKA CRUZ

MIKA CRUZ se tornou uma oportunidade de se identificar com os problemas de sua gente, pois há há um permanente debate, discutido, sobre a situação dos negros de intervenção racial em nosso país.

Com "Rapsódia Negra" Mika Cruz se lançou como dançarina, bailarina de grande habilidade. Sua interpretação de "Rapsódia" no teatro de Casimiro, trouxe-lhe o êxito e o reconhecimento. Depois disso, com o grupo de dança "Rapsódia Negra" em São Paulo, obteve sempre grandes êxitos, pois seu trabalho em conjunto com o grupo de dança que levou ao Brasil de volta ao Rio foi considerado por muitos como o espetáculo de dança que levou ao Brasil de volta ao Rio foi considerado por muitos como o espetáculo de dança que levou ao Brasil de volta ao Rio.

Atualmente Mika retornou ao elenco da Silveira Simplicio, no mesmo espetáculo (No país dos conditores) e em seguida voltou com o Teatro da Imagem e do talento das suas parcerias de cor. Sem qualquer apoio de família, apenas por seu marido, Mika, conseguiu a honra e hoje é um nome respeitável no teatro, a quem personalidade e uma figura que é difícil de se esquecer. Tente vê-la em cena, pois é uma experiência de classe humilde e que sorriem, no entanto hoje é uma verdadeira estrela e brilhar no teatro de sua gente negra brasileira.



Foto 11.ª "Êles tem direito a um lugar ao sol"
Fonte: Revista do Globo nº: 660, 24/3/1956,p.24-25

65 Revista do Globo, nº660,24/3/1956,p.24.

Os seis retratos possuem tamanhos médio e pequeno e dividem espaço com textos onde são expostas as biografias de: Sebastião Rodrigues Alves (Assistência Social); Milka Cruz (Dança), Cleoo (Artes Plásticas), Ironides Rodrigues (Direito), Léa Garcia (Teatro), Miguel Ferreira de Andrade (Medicina).

Os retratados foram eternizados, em alguns casos, ao lado de objetos que remetem ao seu trabalho, como foi o caso de Cleoo, que posou com uma pintura, e de Ironides, que segura alguns livros. As fotos são, claramente, posadas e algumas possuem parte da cidade como plano de fundo. (Foto 11)

Essa reportagem possui vários elementos significativos. O primeiro é que ela indica o público alvo da revista ao usar expressões como “todos nós outros brancos” e “nós brancos”. Cabe dizer, rapidamente, que Ana Mauad (1990), ao abordar a revista *O Cruzeiro*, salienta que o público leitor se ampliaria ao passo que sujeitos de classes populares poderiam, caso não tivessem dinheiro para comprar, tomar a revista emprestada ou mesmo lê-la, quando fosse descartada por alguém. Considera-se relevante pensar que, o mesmo fenômeno contemplaria os leitores da *Revista do Globo*. Desta forma, negros e negras que folheassem as reportagens publicadas no quinzenário da Editora Globo estariam em contato com informações que não foram, a princípio, dirigidas a eles. Ao ler as biografias dos personagens percebe-se a articulação do negro em diferentes espaços. A matéria dá voz a esses sujeitos que relatam suas vivências e dificuldades, bem como a preocupação com os que partilhavam a mesma cor de pele. Nesse sentido, cita-se a dançarina Mila, a qual fez parte do Teatro Experimental do Negro, assim como Léa Garcia. Mila ainda integrou o Conselho Nacional de Mulheres Negras, criado nos anos cinquenta por componente do TEN, onde debateu “assuntos da interação racial” em nosso país. (Revista do Globo nº: 660, 24/3/1956,p.24)

Percebe-se que, mais uma vez, foi ressaltado o mérito de pessoas que venceram graças ao seu próprio esforço, mesmo com situações adversas. Em uma breve reflexão sobre esse recorrente argumento de que sujeitos negros de destaque “fizeram-se por si mesmos”. Vale questionar se essa abordagem de caráter meritocrático não carregaria o sentido de que, em um país democrático as chances são iguais a todos, basta se esforçar.

As imagens desta matéria contemplam ambos os sexos, porém, são retratados em cenários distintos. Enquanto, os registros masculinos, geralmente,

aparecem em espaços públicos, já no caso feminino predomina o âmbito doméstico. As fotografias foram feitas, em sua maioria, com os personagens aparecendo apenas de rosto ou meio corpo; sendo exceção a imagem de Léa Garcia, na qual a atriz posa sentada em um sofá.

Ainda merecem destaque duas reportagens que tratam do sexo feminino no mundo do trabalho. A primeira remete ao aburguesamento da Lapa, na qual se vê a foto de um casal – cuja a moça é negra –, namorando enquanto degustam bebidas e cigarros⁶⁶. A moça, muito elegante e bem vestida, segundo a revista, estava trabalhando como “mariposa” (meretriz) e mereceu uma legenda destacando que: “Até as mariposas agora têm um aspecto de 'família' e mais parecem distintas senhoras casadas numa noite alegre com o respectivo”. (Foto 12)

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia, só o fato de querer. Essa é a verdade. Os crimes procedem para a pele se aperfeiçoarem dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por um ação rápida para rejuvenescer, alisar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme observa como a sua cutícula ganha um ar de suavidade incanescer a vida.

A pele que não envelhece vive e torna-se irresistivelmente segura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, no mesmo tempo que evita os danos da maquiagem e azeite e a tendência para pigmentação.

O vigor e brilho de uma pele viva e sã volta a impregnar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente.

É um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.

Empresa Santo Anjo da Guarda Ltda.

Suções diariamente menos segundas para

TUBARÃO — GUARDA — CUIÇUMA — ARARANGUÁ

Avs domingos, quartas e sextas-feiras para

FLORIANÓPOLIS e LAGUNA (Em um dia)

Mantém tráfego múltiplo com a Catarinense até Curitiba

Informações com AUTO VIACAO EXPRESSO

Praça Rui Barbosa, 119 — Fone: 9-1382 — Pôrto Alegre



Até as mariposas têm agora um aspecto de "família" e mais parecem distintas senhoras casadas numa noite alegre com o respectivo. Tudo mudou na Lapa...

Foto 12: “ Aburguesou-se a Lapa”
 Fonte: Revista do Globo nº: 636, 16/9/1955 p.20



POUCAS INDUSTRIAS TEM EM SUA BASE TAO LINDA HISTORIA QUANTO A DESSA INDUSTRIA

Texto de RUTH GUIMARAES

Fotos de BOTELHO NETO

POUÇAS indústrias têm em sua base tão linda história, quanto a delas primitiva e delgada indústria manufatureira de fios, praticada em plantações de cana nas cidades do interior, geralmente próximas de rios e lagoas, em relação ao progresso das máquinas. Não se trata de história das 1927.

Uma delas, em particular, foi Nina Rosa, quando Nina Rosa, e apresenta a história desta e mostra como foi sua operação uma fábrica e como foi sua vida pessoal, onde se não aprende a elaborar pães.



É UM ofício de mulher, na idade de amar, pois sua vida preserva a feminilidade e a ternura, a delicadeza das mãos que vivem os mercados...

6 REVISTA DO GLOBO 30 / 6 / 1956

Foto 13: “ Flores de Nina Rosa”
 Fonte: Revista do Globo nº: 667, 30/6/1956 p.6

Na reportagem de Gasparino Damata o casal foi fotografado em uma imagem que passa naturalidade não tendo aspecto de “fotografia posada”. A paisagem não pode ser distinguida no plano de fundo escuro, entretanto, a pre-

66 Revista do Globo, nº 636, 16/4/1955, p.18.

sença da mesa e dos copos com bebida indica tratar-se de um bar do famoso bairro carioca. É interessante pensarmos que, em nenhum momento foi aberta pela reportagem outra possibilidade de relação entre o casal que não uma de prostituição, não fica claro como o repórter chegou a conclusão de que se tratava de uma meretriz.

A outra matéria possui o título “Flores de Nina Rosa”⁶⁷. A reportagem, que contou com fotos de Botelho Neto, mostra uma “indústria manufatureira” onde as mulheres produzem flores. As imagens são acompanhadas de um texto, em tom poético escrito por Ruth Guimarães, que valoriza o trabalho manual dessas moças por meio de trechos como: “ Da fábrica emerge a insensibilidade; do artesanato de flores, nasce a ternura, Aquela ressaca a alma, este ativa o processo de crescimento interior”. (Revista do Globo, nº 667, 30/6/1956,p.6.) Dentre as artesãs registradas, em uma foto de tamanho médio, estão três moças negras que, juntamente com as colegas confeccionavam flores, sentadas ao redor de uma mesa. A imagem traz o produto e as mãos delas em primeiro plano e elas em segundo. (Foto 13)

Observou-se que, na temática trabalho foram publicadas fotos que valorizam os sujeitos negros, por meio de um enquadramento mais próximo e da menção de seus nomes. Além dessas, observaram-se imagens em que as “pessoas de cor” aparecem nas imagens, mas figuraram anonimamente, não possuem destaque nos retratos. Os registros variam entre o espaço urbano e o doméstico, sendo que as fotos em ambientes privados possuem maior incidência, principalmente ao serem abordados trabalhos femininos. Desta forma, pode-se refletir acerca do fato de que a mulher que aparece trabalhando em um espaço que mais se aproxima da rua, é aquela denominada como prostituta pelo repórter Gasparino Damata. Nota-se que, de forma geral, aqueles que “fizeram-se por si mesmos” mereceram por parte da revista um maior destaque individual, enquanto que outros figuram em profissões de menor reconhecimento social permaneceram anônimos.

Uma exceção a essa regra é a reportagem intitulada “ Os demolidores”⁶⁸ que abordou a derrubada de antigas casas para dar lugar a edifícios. Nesta matéria, com textos e fotografias de Carlos Scarinci, o sorridente operário João

67 Revista do Globo, nº 667, 30/6/1956,p.6.

68 Revista do Globo,nº655, 14/4/1956, p.3.

Firmino ganhou destaque no texto e também em uma fotografia onde “de pé, em cima do oitão do telhado, parece tocar o céu.” (Revista do Globo,nº655, 14/4/1956, p.4) O repórter afirma que esse homem que na foto segura uma picareta,gosta do trabalho e fica pensando “nas coisas dessa vida” enquanto derruba as paredes. (Foto 14). Nesta foto, a revista destaca o sujeito que colabora com o processo de modernização da cidade, tão valorizado nos anos de 1950.

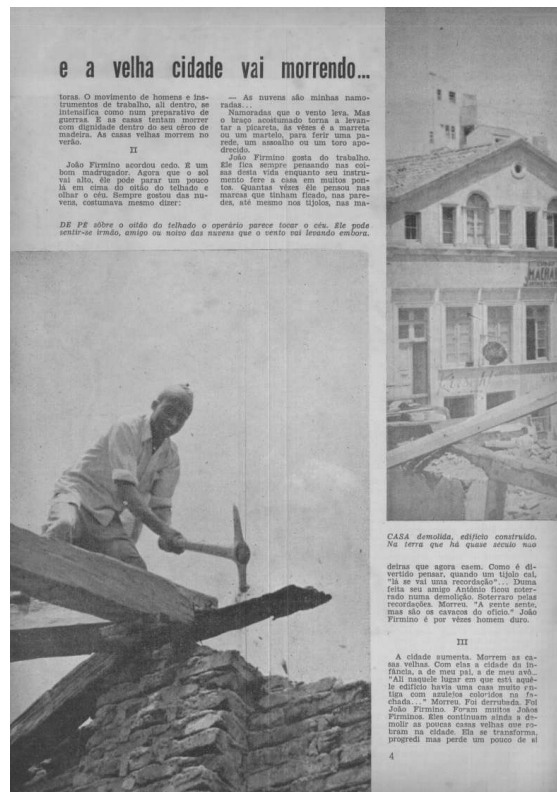


Foto 14: “ Demolidores”
 Fonte: Revista do Globo nº: 665, 14/4/1956, p.5

2.3.5 Esportes

Os esportes foram representados principalmente pelo futebol, das 13 ocorrências 10 são sobre essa modalidade, duas abordam o atletismo e uma o boxe. Os Jogos Pan-americanos de 1955, no México, competição em que o futebol brasileiro sagrou-se campeão, foram o cenário de algumas dessas aparições.

Mereceu destaque na revista, em matéria sobre a escalação da seleção Brasileira⁶⁹, o retrato do goleiro Barbosa, que veio acompanhado da legenda: “Nenhum arqueiro foi senhor do pôsto na seleção brasileira mais tempo, na era profissionalista, do que Barbosa”. (Revista do Globo n°642, 9/7/1955,p.26). O retrato do goleiro teve o fundo recortado, o que tornou o atleta o único foco de atenção, olhando pensativo em direção ao horizonte. (Foto 15).

Importante salientar que destacou-se no período a atuação de Ademar F. Dilva no atletismo. Na seção *Caminhos do Mundo*⁷⁰ foi publicada uma foto de Ademar competindo acompanhada do texto: “[...] o formidável atleta negro que sempre defende o Brasil nas competições internacionais fez bonito outra vez, em Melbourne, quando ultrapassou seu próprio recorde no salto tríplice” (Revista do Globo, n° 679, 01/12/1956, p.18). Convém atentar para o fato de que, esse é um espaço predominantemente masculino, sendo publicada apenas uma pequena foto que representava o sexo feminino: a da atleta Jardelina de Castro, medalhista nos Jogos Pan-americanos.

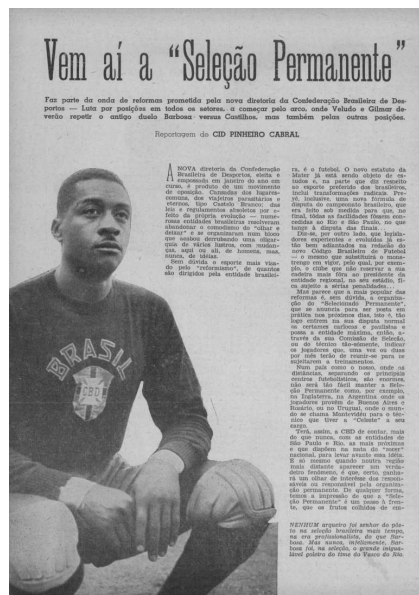


Foto 15: “ Vem aí a 'Seleção Permanente”
 Fonte: Revista do Globo n°642, 9/7/1955,p.26

69 Revista do Globo n°642, 9/7/1955,p.26

70Revista do Globo, n° 679, 01/12/1956, p.18

2.3.6 Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano

As reportagens que abordavam problemas sociais destacavam menores abandonados, criminalidade e problemas, estruturais (transporte, educação, esgoto, vias públicas , assistência social...) nas cidades de São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ e Canoas/RS. No que tange à criminalidade, mereceram fotografias as matérias sobre um coral formado por detentos e, além dessa, uma sobre o grande número de ocorrências policiais na sala da Delegacia de Furtos da Polícia Civil do Rio Grande do Sul.



Foto 16:“ O Rio vive no século XX as Sete Pragas do Egito”

Fonte: Revista do Globo nº: 664, 19/5/1956, p.24

Em uma reportagem com fotografias de Wilson Lopes intitulada: *O Rio vive as sete pragas do Egito*⁷¹, vê-se pessoas negras aliadas às imagens de duas delas: as favelas, onde a vida é dura, e os camelôs. Trata-se de uma série de imagens de tamanho pequeno e médio que dividem espaço com legendas e texto. Em uma delas vê-se o cenário de uma favela. Em primeiro plano, uma mulher negra posicionada ao centro da imagem ia caminhando com uma bacia na cabeça, no próximo plano um grupo de mulheres e crianças reunidas.

71 Revista do Globo , nº664, 19/5/1956,p.23.

Logo abaixo, na mesma página observa-se a imagem de três homens e um menino negro em uma rua da cidade, este observa a atividade do camelô atentamente.(Foto 16)

Ainda sobre o mesmo tema, cita-se a reportagem de Edgar Mota, com fotos de Léo Guerreiro, sobre uma instituição chamada *A casa do pequeno jornalista*⁷² que educava rapazes de uma “geração desprezada”, mantendo o ensino de ofícios especializados. Seu objetivo seria “acolher, alimentar, educar e orientar o pequeno jornalista transviado”. Em um conjunto de 16 fotografias os meninos foram retratados fazendo suas atividades cotidianas (jogar futebol, se alimentar, assistir às aulas).

A região nordeste é citada em duas fotorreportagens que ressaltam, ao mesmo tempo, a miséria material do povo, o seu abandono pelos poderes públicos, e sua riqueza de caráter. Além disso a *Revista* se volta para a capital do Mato Grosso argumentando que chegou a vez desse estado reviver.

2.3.7 Lazer

Os espaço de lazer nos quais se vê os negros na *Revista do Globo* são a praia (maior incidência), apresentação de ballet ,o zoológico e a Feira do Livro de Porto Alegre. Além disso, foram registradas imagens de marinheiros tendo seu lazer nas horas de folga: eles dançam, cantam e se divertem no navio escola da Marinha. Essas aparições são discretas, geralmente em fotos médias ou pequenas e contemplam imagens de adultos de ambos os sexos e crianças.

Uma fotorreportagem sobre as praias do litoral norte gaúcho contava com 18 imagens de Carlos Scarinci e Pedro Flores publicadas no ano de 1955⁷³ . Nela as imagens aparecem como prioridade e dividem espaço com algumas poucas legendas. Dentre os personagens que desfilam nesse “espaço democrático” foi registrado em uma foto de tamanho pequeno um homem pulando corda à beira mar.(Foto 17)

72 Revista do Globo , nº675, 20/10/1956,p.33.

73 Revista do Globo, nº 632, 19/2/55, p.20.



Foto 17: “ É deles o reino da praia”
 Fonte: Revista do Globo nº: 632, 19/2/1955, p.21

2.3.8 Opinião

Na seção *A voz do povo*, que costumava contar com seis entrevistados, também é possível perceber alguns aspectos sobre o trabalho uma vez que os participantes sempre citavam sua profissão: comerciário, engraxate, funcionário(a) público(a), motorista, cabo paraquedista do exercito. Opinaram a respeito das eleições, do uso do taxímetro, do consumo da carne de cavalo, do envio de contingente militar para o Egito, a fim de integrar a policia internacional e de futebol. Era um seção sem grandes atrativos, com imagens e textos pequenos, que dividia espaço com anúncios publicitários.

2.3.9 Moda/Beleza

Durante esses dois anos registraram-se três aparições ligadas a temática *Moda/Beleza*. Em reportagem sobre as transformações da moda masculina um homem desfilava com uma gravata colorida. Já a beleza da mulher negra

foi abordada em matéria sobre a rainha das mulatas Maria d' Aparecida Marques, que estava fazendo sucesso em Paris e em uma reportagem sobre a empregada doméstica Nadir Tolentin. Nadir foi chamada de “ Um Broto em Negativo” ⁷⁴ e estrela uma reportagem com 4 fotos de tamanho grande e pouco texto. (Foto 71). O repórter mencionou ainda que a cor da pele teria tornado a moça ainda mais bonita, capaz de rivalizar com a atriz americana Dotohy Dandridge (primeira negra a aparecer na capa da Revista Life, em 1955). Chama-se a atenção para o discurso de que a moça era séria e não “cultuava o samba com a devoção característica de sua gente”, preferindo o bolero. Três das fotos mostram Nadir de rosto ou busto e uma delas de corpo inteiro, todas apresentando um parque como plano de fundo. A moça, posa com três objetos que lhe conferem uma “sintonia” com a modernidade: os óculos de sombra, a bolsa e os brincos.



Foto 18: “ Um broto em negativo”
Fonte: Revista do Globo nº: 674, 6/10/1956 p.61

2.3.10 Internacional

O espaço internacional apresentou o trabalho desenvolvido pelo Dr. Albert Schweitzer na África (também citado na Revista o Cruzeiro, como mencionado anteriormente). As imagens do continente voltaram a aparecer em uma reportagem sobre o aniversário das Nações Unidas. A última menção a ser ci-

⁷⁴ Revista do Globo, nº 674, 6/10/1956, p.61.

tada no período é uma matéria sobre a discriminação racial nos Estados Unidos, escrita por Waldivia (já abordada no capítulo anterior).

Convém destacar que, analisar todas as reportagens e imagens se tornaria um tanto exaustivo, por isso, foram escolhidas apenas algumas que corroborassem com os principais elementos argumentativos aqui levantados. Caso o leitor tenha interesse em saber mais detalhes, é possível consultar a tabela em anexo na qual são citadas as aparições negras em cada edição da *Revista do Globo* publicada nos anos de 1955 e 1956. Por fim, cabe assinalar que o estudo apresentado é apenas uma pesquisa inicial que poderia ser ampliada de maneira que englobasse uma análise mais profunda das demais categorias e também um período maior da publicação. Ocorre que neste trabalho optou-se por construir uma visão geral que possibilitasse futuros desdobramentos.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender como se deram as presenças negras nas fotografias da *Revista do Globo*, em exemplares referentes a dois anos da década de 1950. Para isso, foram catalogadas todas as reportagens do periódico nas quais a referida etnia figurasse nas imagens publicadas. Teve-se como proposta observar presenças que não retratassem o carnaval; tal opção intencionava perceber a visão que o quinzenário divulgou sobre a atuação das “pessoas de cor” em outros espaços e atividades sociais.

No propósito de realizar a análise, o trabalho dividiu-se da seguinte forma: no primeiro capítulo foram feitos alguns levantamentos sobre a questão teórico-metodológica, principalmente acerca do uso da fotografia como fonte para estudos históricos. No mesmo capítulo foram trazidos alguns dados sobre as publicações ilustradas, de forma geral, e a respeito do contexto histórico dos anos de 1950.

No segundo capítulo foi investigada a presença de homens e mulheres negras na *Revista do Globo*. Nessa parte do trabalho buscou-se, primeiramente, construir um panorama geral das fotografias, nas quais o grupo poderia ser visto, nas edições publicadas durante a década de 1950. Neste cenário observou-se algumas constantes como uma perspectiva de estranhamento, por parte da publicação, direcionada aos sujeitos que transitavam por territórios que não fossem o carnaval e o futebol. Um exemplo disso foram as imagens em que homens aparecem jogando golfe nas horas de folga.

Em um segundo momento, neste mesmo capítulo, foi feita a análise das imagens referentes aos anos de 1955 e 1956. Com o intuito de facilitar a investigação, as fotos foram divididas em categorias de acordo com os temas que apresentavam. Por meio dessa categorização se percebeu que as “pessoas de cor” foram registradas em outras ocasiões além do carnaval por meio de situações ligadas a assuntos como: política, artes, manifestações religiosas, esportes, trabalho, saúde, opinião, lazer, problemas sociais, desenvolvimento urbano, moda, beleza e ao contexto internacional. Convém

frisar que ao interpretar as imagens , foi realizado um diálogo com a matéria escrita, e com o contexto referente ao período de publicação, visando obter mais elementos para compreender as escolhas que permearam a produção e publicação dessas imagens.

Assim, foram escolhidas quatro temáticas para um maior aprofundamento: *Política, Manifestações Religiosas, Artes e Trabalho*. Verificou-se por meio dessas categorias que os membros deste grupo étnico-racial foram publicitados no periódico tanto em fotografias de grandes como de pequenos grupos, além de retratos individuais.

Ao pesquisar esse conjunto de imagens foi possível reparar que os negros do Rio Grande do Sul são representados de forma singela, no que diz respeito ao número de ocorrências, embora em duas reportagens tenham suas raízes gaúchas ressaltadas. O espaço geográfico retratado nas imagens da *Revista do Globo* apresentava muitas reportagens ligadas ao Rio de Janeiro e a São Paulo.

Homens e mulheres são contemplados nas páginas da publicação embora de formas diferentes, sendo majoritária a presença masculina em temáticas como o esporte. Além disso observou-se que as mulheres , em sua maioria, figuram em fotos de espaços internos ao passo que os homens se fazem presentes em imagens de espaço público. Quanto às crianças, não possuem grande destaque na publicação e suas representações , de forma geral, remetem a menores em situação de vulnerabilidade social.

Em alguns momentos formas de organização do grupo foram citadas, como o Teatro Experimental do Negro, mas o que predominou nas imagens em que o negro se destaca, principalmente nas temáticas *Artes e Trabalho*, foi a valorização do esforço individual dos sujeitos que “venceram por si mesmos.” O espaço das artes foi o campo onde o grupo étnico pareceu ganhar maior destaque nas fotografias e nos textos que as acompanharam, por meio de enquadramentos próximos e palavras que destacavam seu talento.

Convém mencionar que temas como a democracia racial, o preconceito e as relações interétnicas figuraram nas páginas da *Revista*. A impressão que se teve é de que a publicação buscou uma aproximação de seus leitores com as “pessoas de cor” valorizando, por vezes, algumas personalidades e atividades que envolveram esses sujeitos. Entretanto, as reportagens muitas

vezes reproduziram preconceitos vigentes na época e colocaram essa aproximação como uma interação com o exótico. Em muitos momentos, a revista ressaltava que a reportagem tratava de “pessoas da raça” numa perspectiva que parece explicitar que se trata de uma exceção em que os leitores brancos poderão observar esse grupo.

Merece destaque o fato de que, apesar das ressalvas feitas anteriormente, o grupo negro se fez presente nas imagens da publicação e isso, provavelmente, tem ligação com um contexto de lutas pela valorização “da raça”. Desta forma, embora a *Revista do Globo*, não tenha feito grande menção às demandas do grupo e à sua organização, o fato dos negros estarem presentes nas páginas do quinzenário, através imagens que os mostram em diferentes espaços sociais, e em reportagens que, por vezes, reconhecem seu talento, é por si só significativo.

Por fim, cabe destacar que o trabalho poderia se desdobrar em outras possibilidades de pesquisa que contemplem um maior conjunto de imagens e ampliem o recorte temporal.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Paulina L. *Fraternidad, Democracia, Mito*: Los intelectuales negros y las metáforas caminantes de la inclusión racial en el Brasil del siglo XX. Buenos Aires :Instituto Emilio Ravignani,2012
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. De. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ARAGÃO, Ivan Rego. Devoção negra aos santos católicos: identidade, hibridização religiosa e cultural nas celebrações. In:*Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013.
- AVANCINI, Maria Marta Picarelli. *Nas tramas da fama*: as estrelas do rádio em sua época áurea, Brasil, anos 40 e 50. Campinas:UNICAMP, 1996. (Dissertação de Mestrado em História).
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S.VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2011
- CASTRO, Maria Helena Steffens. *A publicidade na Revista do Globo*: Intercorrência da literatura na construção do discurso publicitário sul-riograndense. Porto Alegre: PUCRS, 2002. (Tese de Doutorado).
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, abr. 1991, p. 173 – 191.
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens*: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CLEMENTE, Elvo. *Carlos Santos*: uma biografia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- COSTA, Helouise; Burgi, Sergio (orgs) *As origens do fotojornalismo no Brasil*: um olhar sobre O Cruzeiro: 1940/1960. São Paulo: IMS, 2012.
- _____. Da Fotografia de Imprensa ao Fotojornalismo. In: *Acervo*: revista do Arquivo Nacional. Vol. 6, n1-2 (jan/dez-1993): Arquivo Nacional, 1993.p.75-85.
- DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008
- _____. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. In:Tempo.n12,2007. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167013398007>> Acesso em 27/11/2014.
- D' ÁVILA, Naida Lena Menezes. Na trajetória da modernidade: o lazer e a moral nos

anos 50 em Porto Alegre. In: KRAWCZYK, Flávio. *Da necessidade do moderno: O futuro de Porto Alegre do século passado*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.p.69-93.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1995.

FERREIRA, Rafael Mautone. *O cinema revolucionário de "Rio, 40 graus": a luta, a polêmica e o sucesso (Brasil, década de 1950)* Trabalho de conclusão(graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

FRAGA, Fabiane de Souza. *A interface literária Revista do Globo/ Editora Globo*. Porto Alegre:PUCRS, 2004. (Dissertação de Mestrado)

FREUND, Gisèle. *La Fotografia como Documento Social*. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

GERMANO, Íris. Rio Grande do Sul, *Brasil e Etiópia*: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930-1940. 1999. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GOMES, Arilson dos Santos. *A formação de oásis: dos movimentos fretenegrinos ao primeiro congresso nacional do negro em Porto Alegre-RS (1931-1958)*. Porto Alegre: PUCRS, 2008. (Dissertação de Mestrado em História)

_____. "Aparecendo na foto": representações do negro na fotografia em Porto Alegre no final do século XIX e início do século XX. *História, Imagem e Narrativas*. N.5, ano 3, p.1-25 , 2007 .Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br>, acesso em 12 de julho de 2009.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *Art Cultura*, Urberlândia, v.8, n.12, jan-jun, 2006, p. 97-115.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris; CARNEIRO, Maria Luiza. *O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *No estúdio do fotógrafo: representação e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*. Campinas: UNICAMP, 2006. (Tese de Doutorado em Multimeios).

LE GOFF, Jaques. *A história nova*. São Paulo:Martins Fontes, 1993.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

LIMA, Aline. "*Ofereço minha foto como recordação*" : representações negras em

álbuns familiares : (Pelotas 1930-1960).Porto Alegre: PUCRS, 2009. (Dissertação de Mestrado em História).

LONER, Beatriz Ana. Negros: organização e luta em Pelotas. In: *História em Revista*, n5, Pelotas/RS, 1999, p.7-28.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. *Imagens da Sociedade Porto - Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

MARROCO, Beatriz. Linhas paralelas: os negros e os jornais na fotografia do século XIX. In: *Quaderns-e*. Número 16, Ano 2011 p.13-115. Disponível em:[http://www.antropologia.cat/files/Quaderns-e16\(1-2\)_Marocco.pdf](http://www.antropologia.cat/files/Quaderns-e16(1-2)_Marocco.pdf). Acesso em: Junho de 2014.

MASSIA, Rodrigo. *Fotógrafos, espaços de produção e usos sociais da fotografia em Porto Alegre nos anos 1940 e 1950*. Porto Alegre: PUCRS, 2008. (Dissertação de Mestrado em História).

MAUD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem: A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX*. Niterói, UFF,1990. (Tese de Doutorado).

_____. Na mira do olhar: um exercício de análise das fotografias nas revistas ilustradas cariocas na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. v. 13, n.1, São Paulo, jan-jun, 2005, p.133-174.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, José Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby; ECKERT, Cornélia (orgs). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. São Paulo: EDUSC, 2005, p.33-56.

MICHELON, Francisca Ferreira; LIMA, Aline Mendes. Mulheres afro-descendentes no século XX, Pelotas–RS: imagens silenciosas e esquecimento. In: *Studium: Projetos especiais Studium Representação imagética das africanidades no Brasil*, novembro de 2007. Disponível em:<http://www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/index.html>; Acesso em Junho de 2014.

MONTEIRO, Charles (org). *Fotografia, história e cultura visual* : pesquisas recentes [documento eletrônico]. Porto Alegre:: EDIPUCRS, 2012. Dados eletrônicos (Série Mundo Contemporâneo;2) Texto Completo em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/fotografia.pdf>.

MULLER, Liane S. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornais e associações negras em Porto Alegre (1889-1920)*, Porto Alegre, Dissertação de Mestrado, IFCH, PUCRS, 1999;LONER,

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa Grandi. *A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX*. Rio de Janeiro:Ed. PUC-Rio: Desiderata, 2005.

NOSSO SÉCULO .São Paulo: Abril Cultural,1980.v4

OLIVEIRA, Lucia Luppi. A questão racial no Brasil dos anos 50.In: *E ele voltou: O Brasil no Segundo Governo Vargas*. Disponível em:<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/SegundoGoverno/QuestaoRacial>. Acesso em Junho de 2014.

PEREIRA, Amilcar Araújo. “ *O Mundo Negro*” :a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995).Niterói: UFF, 2010. (Tese de doutorado em História).

PEREGRINO, Nadja, MAGALHÃES, Ângela. *Fotografia no Brasil*. um olhar das origens ao contemporâneo. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

ROUILLÉ, Andre. *A fotografia: entre documento e expressão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo,2009.

SANTOS, Irene dos (org). *Negro em Preto e Branco: História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre*. Porto Alegre: Edição do Autor, 2005.

_____.*Colonos e quilombolas:Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre*. Funproarte. Porto Alegre:2010.

SANTOS, José Antonio dos. *Raiou A Alvorada: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)*. Niterói: UFF, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).

SIMSOM, Olga Rodrigues de Moraes von. *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano: 1914-1988*. Campinas: UNICAMP, 2007.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo, 1934/1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a Fotografia*. Lisboa: Don Quixote, 1986

SOUZA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

STUMVOLL, Denise; MENEZES, Naida (org.). *Memória Visual de Porto Alegre 1880-1960: acervo de imagens Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa*. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 2007.

WERNEC, Jurema. *Macacas de Auditório? Mulheres negras, racismo e participação na música popular brasileira*.2003. Documento eletrônico disponível em: <http://www.fundodireitoshumanos.org.br/v2/uploads/files/artigo_jurema.pdf>. Acesso em novembro de 2014.

FONTES E LOCAIS DE PESQUISA

Revista do Globo, edições de janeiro de 1955 a dezembro de 1956.

Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre/ RS

ANEXOS

Anexo 1: Relação das edições pesquisadas e das aparições de negros nas fotografias da Revista do Globo

Revista do Globo 1955

Edição nº/ Mês:	Tema/Título	Págs	Resumo/ Trecho do Texto	Categoria
628 23/12/54 a 8/1/55	Retrospectiva 1954: Nossa hora mais dramática	36	Morte de Getúlio Vargas	Política
630 22/1/55 a 4/2/55	O 13° Apóstolo vive na África	10-11	Médico missionário na África	Internacional
631 05 a 18/2/55	A praça é o templo para o povo	46 - 48	XXXVI Congresso Eucarístico no aterro Santa Luzia, Rio de Janeiro.	Manifestações Religiosas
632 19/2 a 4/3/55	Menor Abandonado: um problema.	10-12	Há muita vontade, mas a burocracia e a falta de dinheiro impedem que se possa fazer alguma coisa de útil pelo menor abandonado.	Problemas sociais/ Desenvolvimento Urbano
	Todos os caminhos levam ao Atlântico	20-21	“Rapazes torácicos ou moças que tem tudo para figurarem em fio neo-realista. Da democrática Tramandaí à aristocrática Torres, lá estão eles e elas”	Lazer
	O carnaval em dez anos	33-39	Retrospectiva de carnavais passados. “Apesar do baixo nível de vida e mesmo da miséria geral em que vive o elemento negro no Brasil, por ocasião do carnaval ninguém deixa de preparar sua fantasia, algumas até de certo luxo”. Carnaval é infalível barômetro do estado de espírito da nação, nas marchinhas e sambas o povo expressa seus sentimentos.”	Carnaval
	Carnaval Pesi-cola: Astros e estrelas ao meio-dia	70	Atrações do Programa “Voz dos Pampas” aos domingos da Rádio Gaúcha	Artes/ Comunicação
633 05 a 18/3/55	Corinthians “fumou” o título	26 - 27	Alvinegro Campeão do IV Centenário	Esporte
	Carnaval 1955	33	Pouca gente nas ruas, preços extorsivos e alegria racionada: o passivo momo de Porto Alegre.	Carnaval
	Carnaval 1955	34-35	Carnaval se despede das ruas	Carnaval
		36	Carnaval vale tudo: beijos, mão boba.	Carnaval
	Tudo isto é carnaval	40	Coisas do carnaval: fantasias, confetes, lança-perfume	Carnaval
	Alegria... Só para o ano que vem	48	Fim do carnaval: recordações da fantasia ou de um namoro bem sucedido	Carnaval
	A rádio Record;	55	Cascatinha e Inhana: a dupla	Artes/

	um caminho para todos.		sertaneja de maior cartaz no nosso rádio,.	Comunicação
634 19/3 a 01/04/55	Transformações da moda masculina	32	Moda	Moda/Beleza
635 02 a 15/4/55	Por esses caminhos do mundo	40	Vitórias de brasileiros nos jogos Pan-americanos no México de 1955	Esporte
	A rádio Record	63	os melhores programas com os melhores artistas	Artes/ Comunicação
636 16 a 29/4/55	Aburguesou-se a Lapa	18 - 21	Os anos foram passando e as coisas mudaram muito no típico bairro do Rio	Trabalho
	Cinema Brasileiro	78 - 79	Fechamento da Vera Cruz e possibilidades de salvação	Artes/ Comunicação
637 30/4 a 13/5/55	A longa e árdua travessia	40- 44	Transporte de barca no Guaíba	Problemas sociais/ Desenvolvimento Urbano
638 14 a 27/5/55	Ogum baixou no terreiro da Mãe Apolinária	40 - 44	Branco vão à casa de culto ver ritual de sacrifício de animais	Manifestações Religiosas
	A Cavalhada de Pretos em Cazuzza Ferreira	56 - 60	Uma festa de cunho eminentemente religioso, realizada em honra de Nossa Senhora do Rosário ,onde encontramos Carlos Magno e o farroupilha Bento M. Ribeiro na luta de mouros e cristãos	Manifestações Religiosas
639 28/5 a 10/6/55	São Paulo elegeu seu 15º prefeito	22 - 23	Candidatos à prefeitura de São Paulo	Política
	Caminhos do mundo	47	O peso pesado cubano se arregaça de joelhos no assalto que enfrentou Julio Medeiros	Esporte
	Orgia de sangue na mata tranquila	54 - 59	Os espertos “pastores” arrancaram mais de 200 mil cruzeiros dos fanáticos (...) Quatro crianças foram assassinadas juntamente com dois cachorros e um gato.	Manifestações Religiosas
640	Nada			
641 25/6/ a 13/7/55	Como trabalha um decorador	20 - 21	Etapas do trabalho do decorador e de seus desenhistas auxiliares	Trabalho
	Dois prefeitos em São Paulo: 6 problemas torturam o paulista e exigem solução	41 - 45	Problemas que precisam ser resolvidos na cidade pelo prefeito eleito Lino Marques: Falta de água, transporte, assistência social, saúde, esgotos, educação.	Problemas sociais/ Desenvolvimento Urbano
642 9/7 a 22/7/55	A realidade nordestina	16 - 21	“ o sertanejo, a rendeira , a jangada e a miséria , figuram na paisagem, mas nada excede o nordeste em riqueza de tradição e nitidez de caráter”	Problemas sociais/ Desenvolvimento Urbano

	Vem aí a "Seleção permanente"	26 - 28	Faz parte da onda de reformas prometida pela Confederação Brasileira de desportos	Esporte
643 23/7 a 5/8/55	O estádio marcado:	56 - 60	A Chácara das Camélias, que já foi estádio modelo de Porto Alegre , trava a sua luta para continuar aquilo para o que foi construído há mais de três decênios	Esporte
644	Nada			
645 20/8 a 2/9/55	" A ignorância do povo"	28 - 31	Eleições, a três de outubro o povo vai entrar na fila para. A fragilidade da democracia brasileira	Política
	Os últimos sucessos do teatro no Rio	59- 61	Rio de Janeiro: Grande metrópole do teatro. Alda Garrido em mais um grande sucesso seu: Mulher de Briga.	Artes/ Comunicação
646	Nada			
647	Nada			
648 01/10 a 14/10/55	A voz do povo: perguntamos aos eleitores porto-alegrenses quem vai vencer	26	Alonso P. Da Silva (comerciário) pró-Kubitschek	A voz do povo
	Ajude a policia a ajudar você	36 - 39	A sala do delegado Osmar Barreto anda mais cheia do que bonde de meio-dia São interrogatórios, acareações, sindicâncias que começam com a entrada do sol e terminam com a saída da lua	Problemas sociais/Desenvolvimento Urbano
649 15/10 a 28/10/55	Porto-alegrense madrugou em pé para escolher o senhor prefeito	2 - 5	Eleições para prefeito e presidente	Política
650 29/10 a 11/11/55	O destino está votado	2-5	Resultado das eleições: Juscelino, Juarez, Adhemar, Plinio.	Política
	Bôite Brasileira em Paris	20 - 23	"O gaúcho Caco Velho, e um francês com vários anos de Brasil, George Henri, acrescentaram uma nota original a tão extravagante vida noturna parisiense"	Artes/ Comunicação
651 12/11 a 25/11/55	Caminhos do mundo	56	Aniversário das Nações Unidas	Internacional
652	Nada			
653 10 a 23/12/55	Livreiros atrás de clientes	58 - 59	1ª Feira do Livro do Rio Grande do Sul	Lazer

Revista do Globo 1956

Edição nº	Tema/Título	Págs	Resumo/ Trecho do Texto	Categoria
-----------	-------------	------	-------------------------	-----------

Mês:				
655 14/1 a 27/1/56	Os demolidores: e a velha cidade vai morrendo	3-5	Derrubada de casas velhas para dar lugar a edifícios.	Trabalho
	Wilson Tibério: “ Um gaúcho em Paris”	28-29	“ Após oito anos de lutas e de anonimato, Wilson Tibério conquista os amadores franceses . Esta é a história de um brasileiro de cômico que sabe o que quer e que consegue mesmo.”	Artes/ Comunicação
	Praia de pobre é assim	58-63	“ Os barnabes chegam primeiro com os filhos. A comida será esquentada pela cara-metade nas pedras da praia”	Lazer
656 28/1 a 10/2/56	A voz do povo: A CBD resolveu enviar o selecionado gaúcho como representante do Brasil ao campeonato Pan-Americano e o IPEC foi pesquisar no meio do povo assim: Confia nos gaúchos como representante da CBD?	.32 - 33	“Otavio Vieira da Rosa funcionário público: SIM- Estamos fazendo um bom futebol no Rio G. do Sul. O caso é saber selecionar valores.”	A voz do povo
	O filho esquecido	38-43	Discriminação racial nos EUA	Internacional
	O cinema brasileiro não para.	78-79	RUTH de Souza e Jaime Costa tem papéis em “Quem matou Anabela?”	Artes/ Comunicação
657 11/2 a 24/2/56	Os bumbos já estão batendo	2- 5	Três ou quatro fotos de pessoas tocando instrumentos e dançando	Carnaval
	As bombas do carnaval	11-12	Carnaval do Rio de Janeiro	Carnaval
	O povo carioca ainda goza de seus heróis populares	13	Foto 4:Lutador Waldemar Santana também tem a sua marchinha	Carnaval
	Os onze melhores craques do	51-55	Bom nível técnico do futebol na capital do RS	Esporte

	futebol gaúcho			
658 25 /2 a 9/3/56	Sessenta e um quilos de azul	25-27	Depois de dez nos de garimpagem, mineiro encontra maior água-marinha do mundo, em torno da qual trava-se luta judicial	Trabalho
	O carnaval parou	28-30	Pessoas fogem do carnaval que está desentusiasmado e frio .	Carnaval
	Carnaval em família não é carnaval de rua	54-55	Criticas ao carnaval	Carnaval
659 10/3 a 23/3/56	Os gaúchos no Pan-Americano	54-57	Grupo selecionado que esta hora deverá estar representado o Brasil	Esporte
660 24/3 a 6/4/56	Eles têm direito a um lugar ao sol	24-27	Preconceito racial no Brasil: negros que se elevam intelectual e culturalmente	Trabalho
	Cuaibá, agora vai ou racha.	33-36	Está chegando a vez de Mato Grosso: O Brasil se volta para esse grande estado	Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano
	Chuva vai, chuva vem	66-69	Crianças tiram proveito das más condições de Niterói, em Canas, brincando com a água da chuva.	Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano
661 7/4 a 208/4/56	Vim, vi , Venci	40-43	Jogos Pan-americanos	Esporte
662 21/4 a 4/5/56	Trate dos dentes dormindo	66-68	Hipnotismo aplicado à odontologia	Saúde
663 5/5 a 18/5	A tragédia do Sobrado	2-3	Cinema: sete capítulos da obra de Veríssimo aparecerão no cinema	Artes/ Comunicação
	O que eu vi essa semana (em Paris)	4-5	A rainha das mulatas conquista a Europa.	Moda/Beleza
	Convite ao Cotilon Clube	50-51	Clube de diversão noturna em Porto Alegre	Trabalho
664 19/5 a 1/6/56	O Rio Vive no século XX a sete pragas do Egito	23-25	Falta de água, trânsito, favelas, central do Brasil, camelôs, mendicância , a carestia	Problemas Sociais/ Brasil Distante
665	Nada			
666 16 a 29/6	Nada			
667 30/6 a 13/7/56	N.S. De Nazaré reina no Pará	2-5	Descrição da festa religiosa	Manifestações Religiosas
	Flores de Nina	6-8	Fábrica em que mulheres produzem	Trabalho

	Rosa		flores	
668 14/7 a 27/7	A voz do povo	12-13	Gostaria você de comer carne de cavalo?	A voz do povo
669 28/7 a 10/8/56	Um domingo no Zoo	34-35	Pessoas visitam o zoo do distrito federal	Lazer
	Arte séria a vinte cruzeiros para o povo	56-60	Maracanãzinho lotado, ballet internacional a preços populares	Lazer
670 11 a 24/8/56	O Congresso da Boa Vontade	53-57	Reuniram-se no Rio membros da juventude católica do mundo inteiro	Manifestações Religiosas
671 25/8 a 8/9/56	Roteiro do Moçambique	9-13	“De que maneira São Benedito entra na dança. Há credices e abusões no Vale do Paraíba. Muita fé também..”	Manifestações Religiosas
	Além de grande clube. Agora grande equipe	38	Técnico Foguinho colocou a equipe do grêmio no lugar	Esporte
	A música do coração	50-54	Apresentação do coral de um grupo de detentos	Problemas Sociais/ Desenvolvimento Urbano
672 8/9 a 21/9/56	A bíblia vai ao povo	23-26	“ No Rio de Janeiro, o Exército da Alvação leva a fé a muitos corações vazios por meio de seus compenetrados pregadores , visando somente a purificação da alma e o desprendimento material”	Manifestações Religiosas
673 2/9 a 5/10/56	Olimpíada Universitária	9-15	Os XIII Jogos Universitários Brasileiros foram um espetáculo de esportividade, mas também de beleza	Esporte
	Grenal em tempo de Maracanã	82-86	“ O estádio Olimpico ficou pequeno pela primeira vez”	Esporte
674 6/10 a 20/10/56	Das Peladas ao Maracanã	28-32	Os aspirantes a “craque” treinam muito antes de alcançar a fama, como Leonidas e Ademir.	Esporte
	Um broto em negativo	61-63	A cor da pele tornou ainda mais bonita a moça Nadir Tolentin, que é uma simples empregada doméstica mas gostaria de ser funcionária pública.”	Moda/ Beleza
675 20/10 a 2/11/56	A voz do povo	18-19	“Havendo a Divisão do Trânsito determinado o emprego obrigatório do taxímetro em todos os automóveis de aluguel de Pôrto Alegre, perguntamos: V. É a favor	A voz do povo

			ou contra seu uso?"	
	Aqui os anjos lavaram a cara	33-38	A casa do pequeno jornalista 'Darcy S, Vargas' é uma instituição que reabilita uma classe e nos dá uma lição de compreensão e solidariedade humana. Comporta 120 jovens que trabalham e estudam, forjando desse modo seu próprio destino.	Problemas Sociais/ Brasil Distante
676 3/11 a 16/11	Orfeu da Conceição	26-31	A tragédia mitológica subiu o morro carioca com elenco composto apenas por negros	Artes/ Comunicação
	O Guanabara deixou saudades	45-47	Numa visita ao "Guanabara", navio-escola da Marinha do Brasil a reportagem descobre um pouco de sua gloriosa história e encontra um ambiente alegre com muita disciplina, musica, dança e amor.	Lazer
677 17/11 a 30/11/56	Cabrobó vive um drama de angústia e miséria	82-85 85	" O nordestino abandonado pelos poderes públicos assiste a bonança lhe fugir das mãos quando esta lhe bate a porta pela primeira vez na vida" Sertão pernambucano	Problemas Sociais/ Brasil Distante
678 1 a 14/12/56	A voz do povo	18 - 19	"Tendo o Brasil como nação membro da ONU enviado um contingente militar para o Egito a fim de integrar a policia internacional pergunta-se: V. Concorda com a decisão do Brasil?"	A voz do povo
679 15/12 a 24/12/56	Caminhos do mundo	6-8	Prova de atletismo	Esporte
	Futebol de salão	15-17	Um nova versão do futebol bretão, introduzida com sucesso no Brasil pela ACM	Esporte
680 25/12/56 a 11/1/57	Agostinho Santos : a grande revelação do ano	p.73	Publicidade sobre o novo trabalho do cantor	Artes/ Comunicação

Anexo 2: Folias de Reis e macumba em nome de São Sebastião.
Fonte:Revista do Globo nº530, 17/3/51, p.18





OS TRAIADORES DO FUTEBOL

Eis a segunda-feira dos caddies: surrando a bola e às vezes a grama, eles trocaram as peladas plebéias pela moderada e plástica elegância de um esporte real

Texto e Fotografias de Armando CUNHA

NÃO eram alvos golfistas metidos em *shorts*, medindo com britânica gravidade a próxima tacada. Seus nomes também não tinham a fria dignidade que envolve os *misters*, ou a dureza dos diminutivos com que os lanques se espetam mutuamente, em suas reuniões amistosas. Na verdade eram nomes de um terra-a-terra contudente. Zica, Chico, Tota, a-

fora a meia dúzia de Zés, da qual o Zêluxudo era o mais gravemente prossico. O *caddie* que atendia assim era um tipo atarracado, vestindo camisa de meia e calças remendadas no fundo. Figura acabada de futebolista de bairro, deslocada no gramado do clube grã-fino. Estava inclinado sobre a face polida do *green*, a dez passos da baliza vermelha, e se pro-

punha agora a enfiar a pelota de plástico no *hole*. As suas costas outros pequenos grupos de *caddies* avançavam patulinamente na esteira das bolas, que desta vez estavam sendo atiradas por eles mesmos. Tangiam os tacos sem muita formalidade, vencendo o campo com passadas abertas. Jogavam o *gol* e era flagran-

Anexo 4: Uma caixa de raça (negra)
Fonte: Revista do Globo nº 527. 2/2/1951. p.37



MAS a fusibilidade (outro nome para miscigenação) também é observada em sentido inverso, isto é, brancos mais pretos.



CHAMEMOS, porém, de confraternização esta deliciosa mistura, própria de um Brasil democrático, tolerante e humano.



O GARÇON branco atende (solicito) o cavalheiro negro, que veio com Diva Camargo, famosa cantora de rádio (também

"colored"). Apenas duas gerações após a libertação dos escravos negros, já não há no Brasil ressentimentos puramente raciais.

Anexo 5: Por que é frágil a democracia brasileira?
Fonte: Revista do Globo nº: 639, 28/5/1955, p.22



A TRÊS DE OUTUBRO O POVO VAI ENTRAR NA FILA PARA PROVAR A SUA VOCAÇÃO DEMOCRÁTICA

MEM DE SA



“...a ignorância do povo...”

RESPONSA a esta interrogação há de cair na reiteração de velhas chavões, tão conhecidas e repetidas tem sido as causas geralmente apontadas.

Esquemmatizando-as e resumindo-as, direi que as há fundamentais e permanentes e secundárias ou transitórias.

Fundamentalmente, é a ignorância do povo e a falta de elites a causa das causas. Povo sem instrução, sem discernimento, sem educação cívica, conhece mal a democracia e facilmente a leva às deturpações correntes entre nós. E elites inconsistentes, sem preparação, sem consciência de deveres cívicos, agravam e acabam de deturpar o pouco que existe.

Outra causa substancial para o que

o inquérito desta Revista chama “fragilidade” — está no desgracado sistema presidencial que há quase sete décadas subverte e corroi a República e decompõe ou corrompe a essência da democracia. Só num país do mundo, até hoje, foi possível praticar a democracia apesar do presidencialismo, os Estados Unidos da América. E isto devido à formação histórica, às circunstâncias especialíssimas, ao caráter do povo anglo-saxão e, ainda, às profundas modificações que a prática do regime ali consagrou, tão grandes e profundas, que Wilson, em livro clássico, propôs que o sistema de governo americano fosse denominado “congressual” ou “congressional”, ao em vez de “presidencial”.

Mas, o que aqui temos, o presiden-

em Cazuza Ferreira

ção. Como os mouros recusam, é reiniciado o combate com maior intensidade. Aos poucos os mouros vão retrocedendo e os cristãos cercam o castelo. E quando a Princesa Floripa foge com um cavaleiro cristão, para se converter ao catolicismo, os mouros capitulam. Depois do batismo dos mouros cessam as hostilidades de parte a parte e todos confraternizam. Seguem-se as "provas" que constam de um torneio de habilidade guerreira entre os dois grupos.

HISTÓRICO

As cavalhadas de pretos foram realizadas pela primeira vez, em Cazuza Ferreira, em abril de 1926, nos informa Manoel Pereira Gil, o "seu Manoel", um negro de alma branca e o chefe do grupo. Ele é o "mestre" das cavalhadas", sendo, portanto, quem primeiro comandou o torneio, o que vem fazendo, anualmente, desde aquela data. Seu Manoel fala com desembaraço e faz questão de ver se estamos anotando certo o que nos explica.

Interpelado sobre os motivos que o levaram a realizar cavalhadas entre morenos, nos respondeu:

— "Aqui, até pouco tempo negro não tinha direito a nada. Isto fez com que aprendêssemos a nos defender a nosso modo. Se os brancos "corriam" cavalhadas por que não poderíamos correr? No começo a coisa foi difícil e "eles" tentaram nos ridicularizar. Mas como no dia tudo saiu muito bem e fomos bastante aplaudidos, nunca mais deixamos de "correr" cavalhadas. Enquanto este negro velho

tiver forças as cavalhadas de pretos se realizarão todos os anos". E pode ficar desanimado que aqui sempre saíram cavalhadas, ainda mais agora que a gente se ajuda uns aos outros".

Seu Manoel nos explicou detalhe por detalhe como se desenrolam as cavalhadas, tendo, inclusive, desenhado todas as figuras da luta. Baseados nas suas explicações e no que anotamos, vamos descrever o que observamos.

INDUMENTARIA

A indumentária usada pelos guerreiros consta do seguinte: cristãos — chapéu de palha, quebrado na frente, com um tope de fita encarnada; túnica encarnada, com enfeites dourados, formando uma grande cruz no peito; bombacha branca, com um friso encarnado; bota e espora. Para os mouros a indumentária é a mesma, com a diferença de que a cor é azul e não trazem a cruz no peito. Os cavalos estão enclilhados normalmente, apenas com guizos nas peiteiras. As armas usadas são lança de madeira, pistola de carregar pela boca e espada.

PARTICIPANTES

Tomam parte na cavalhada 24 guerreiros: 12 mouros e 12 cristãos; 2 meninos porta-estandartes; uma me-



A CAPELA de Cazuza Ferreira. No primeiro plano, um palhaço da festa

nina, a Princesa Floripa, rainha dos mouros; e três palhaços, cuja finalidade é divertir os assistentes e policiar a "cancha".

A BATALHA

A luta é feita na parte da manhã. Começa com o reconhecimento do terreno por parte dos cristãos. Um espião mouro tenta assassinar o chefe cristão, mas é infeliz no seu intento e acaba morrendo. Tem início a batalha, que é dividida em mais dez



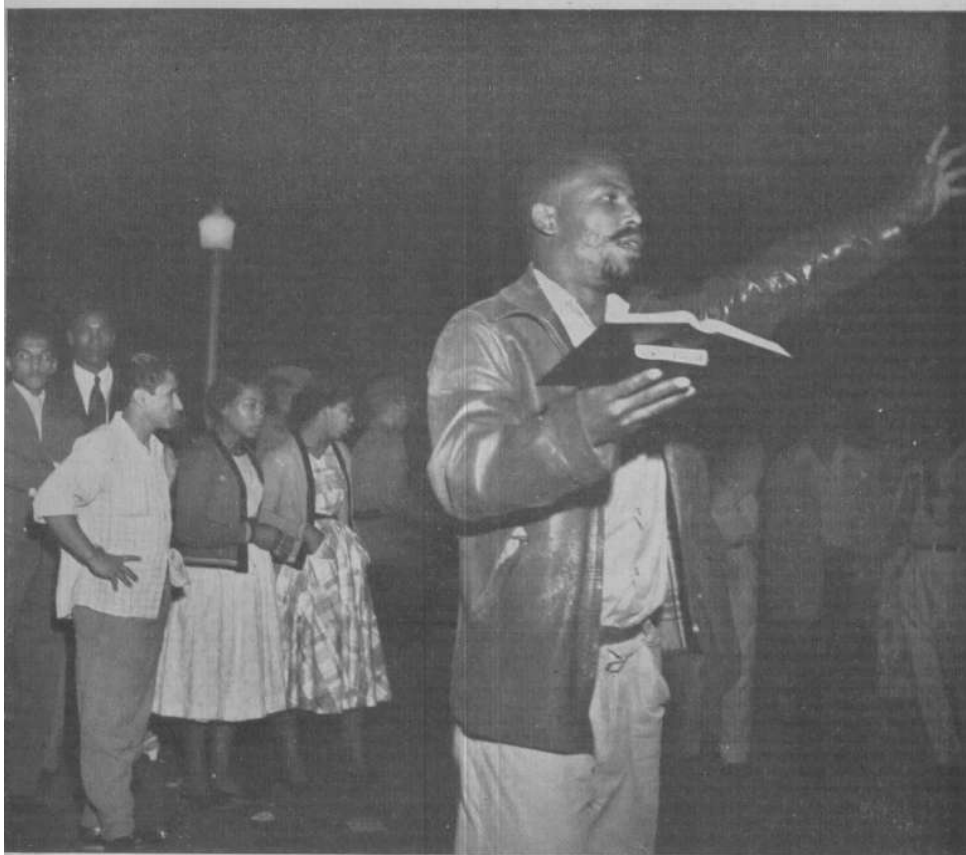
Anexo 7: A bíblia vai ao povo
Fonte: Revista do Globo nº: 672, 8/9/1956, p.23

A BÍBLIA VAI AO POVO

No Rio de Janeiro o Exército de Salvação leva fé a muitos corações vazios por meio de seus penetrados pregadores, visando somente a purificação da alma e o desprendimento material.

Texto de GASPARINO DAMATA

Fotos de WILSON LOPES



"AQUELE QUE NÃO TEM JESUS NO CORAÇÃO É COMO UM BARCO PERDIDO NA VASTIDÃO DO OCEANO

VOCES já devem ter ouvido falar, quando menos por alto, no louro e atlético pastor evangélico norte-americano de nome Billy Graham, que dizem ser "a personagem religiosa mais dis-

cutida em todo o mundo, depois do Papa". As revistas estrangeiras dizem ser elegante, dono de uma charme encantadora, a ponto das senhoras olharem-no como a um astro da Hollywood celestial (sic). Pois bem,

esse moço tão cheio de predicados físicos e espirituais deve toda a sua fama, afirmam os entendidos no assunto "porque lança a Bíblia como um publicista lanque lançaria no

Anexo 8: Ogum baixou no terreiro da Mãe Apolinária
Fonte: Revista do Globo ,nº 638, 14/5/1955,p.40



Anexo 9: Boite Brasileira em Paris
Fonte: Revista do Globo nº: 650, 29/101955, p.20-21

BOÎTE BRASILEIRA E



Anexo 10: Um pintor gaúcho em Paris
 Fonte: Revista do Globo nº: 676, 3/11/1956 p.28



WILSON Tibério é um simples gaúcho com muita vontade de vencer na Pintura. Sem grandes escolas conquista Paris pouco a pouco pelo seu talento.

Após oito anos de lutas e de anonimato, Wilson Tibério conquista os amadores franceses. Esta é a história da forte personalidade de um brasileiro de cor que sabe o que quer e o consegue mesmo.

Texto e fotos de JUSTINO MARTINS

TIBÉRIO expõe seus últimos trabalhos numa galeria nova da Avenue Mozart, no quarteirão mais rico de Paris. Quando ali chego, encontro o salão repleto de brasileiros, na maioria diplomatas que, patrioticamente, foram prestigiar com a sua presença o esforço do pintor negro gaúcho. Mas também se percebe a figura venerável do ex-presidente da República francesa, Albert Sarrauli que, demoradamente, examina a arte por vezes agressiva de Tibério. Como um amador entendido, o que pensará o Presidente de tal pintura? Sua resposta é uma hábil dissecação que nada define, mas que deixa a Tibério um crédito amplo e, por isso mesmo, angustioso:

— Todas as grandes obras têm nêcesso difícil. Quem as julga cômodas, é porque não lhes sate penetrar o coração. Muitas obras-primas francesas, de Hameau a Mollère e Poussin, defendem sua profundidade com uma limpidez aparentemente fácil. De tal modo que pode-se doidivar e elas encerrem algum segredo. Julgase tocar-lhes o fundo em seguida. Mas volta-se dez anos mais tarde e

penetra-se mais fundo nelas... E pela mesma razão que a lingua francesa parece, inicialmente, infantil e fácil de aprender. Pouco a pouco, à medida que a conhecemos melhor, ela se torna cada vez mais difícil...

AVENTURA AFRICANA

Fácil, na aparência, é a pintura de Tibério, um artesão desprovido de intelectualismo, mas cuja alma borbulha mistérios e cuja constância no trabalho chega a ser milagrosa. Se é pintor a cabeça de uma moça, o modelo exclama, ao ver o quadro:

— Sou eu... Mas, é engraçado... Sou eu, completamente outra, com outra forma e com uma expressão que me explica a mim mesma.

Se é retrata três cegos africanos, sua composição é límpida e sumária, mas tão impressionante quanto o "Juízo Universal" de Miguel Angelo, cujas figuras oferecem um desenho anatómico e trabalhado como renda de bilro.

— Pintura não se explica — costuma dizer Tibério. — "As palavras nada têm a ver com o pincel. As pa-

UM PINT

lavras falsificam tudo. O pincel, não. Quando eu pinto, meu cérebro é apenas um instrumento do coração..."

Pois Tibério é, antes de tudo, um apaixonado, um impulsivo como todo o gaúcho de boa cepa. Nasceu no pampa, rústico como uma guanxuma e não há Paris que o transforme. Oito anos atrás, quando ele chegou às margens do Sena, trazia uma bolsa de estudos que lhe rendia 10.000 francos mensais. Um ano depois, quando a bolsa acabou, Tibério ganhou uma viagem à África Equatorial Francesa, onde quis entrar em contato com os seus "irmãos de raça."

— Embarafustei-me nas grandes plantações dos arredores de Dakar e fiquei chocado com o regime de escravidão ali existente. Uma tarde, enquanto pintava os trabalhadores de uma pedreira (centenas de negros carregando pedras enormes na cabeça), vi um capataz branco agitar os homens para atirá-los. Larguei a palheta e apliquei uma surra violenta no capataz, sem qualquer discussão... Uma semana mais tarde, o comissário francês expulsou-me do território como agitador e elemento subversivo..."

"TODA A ARTE VEM DO NEGRO"

Voltando a Paris, Tibério isolou-se num "lar" de estudantes localizado na famosa Rue Blondel, uma das ruas mais tenebrosas do quarteirão denominado "Porte Saint Martin". Ali, fui visitá-lo uma noite, com uma curiosidade mal disfarçada. Tibério habitava um quarto que dava a impressão de um galpão de peças de fazenda do Rio Grande do Sul. Só faltava o fogo no meio do soalho. Mas, por toda parte, havia telas pintadas na África. Nenhum livro nas estantes



"TRES CEGOS", admirável trabalho todo êle feito em marron e branco.

Anexo 11: Orfeu da Conceição
Revista do Globo, nº676, 3/11/1956,p.26

BOLOS... BOLOS E BOLOS...



1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª edições esgotadas, saiu a 6.ª com cerca de 100 páginas a mais, ao preço de Cr\$ 400,00.

Um volume c/ 600 páginas em finíssima encadernação em percalina, todo impresso em papel couché.

Agora V. poderá decorar seus bolos com toda a facilidade, nesse livro V. encontrará um CURSO DE CORRESPONDÊNCIA com 46 lições, desenhos e movimentos, num total de 440 figuras.

BOLOS: 60 fotografias das quais 18 em coloridos. SALGADINHOS: 22 fotos sendo 9 em cores.

Pedidos pelo Reembolso Postal, vale, cheque etc. — PREÇO: CR\$ 400,00.

**EDITORA E ESTAMPARIA
CALÇADA LTDA.**

Peça prospectos.

R. PELotas, 557 — TEL. 70-47-99
SÃO PAULO

Fabricamos de tudo para confeitores, doceliras e particulares. Bicos para decorar, formas para bolo de Margarida, Fonte Luminosa, Bota, Roda Gigante, Violino, Tamanco Holandês, Lira, Xadrês e mais 68 tipos diferentes.

Enviamos pelo Reembolso Postal para Qualquer localidade do Brasil.

Mande-nos dizer em que revista leu este anúncio.

Vinícius vai ficar no teatro

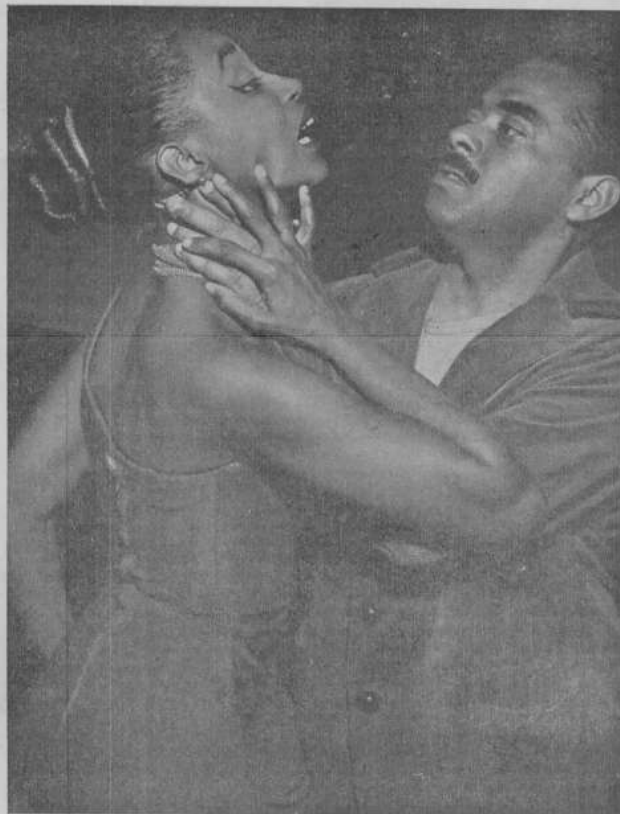
"The Cocktail Party", do "Crime na Catedral", esta já nossa conhecida através do "Teatro do Largo", de Martin Gonçalves. E é seria erro, porém, confrontar "Orfeu da Conceição", só porque tem uma partitura musical de sambas, um elenco só de negros, com "Porgy and Bess" levado há pouco menos de um ano no mesmo Municipal. E será grande erro também, embora neste último caso ainda seja admissível, fazer-se um confronto com o cinematográfico Carmen Jones. A peça de Vinícius de Moraes, talvez não sob todos os aspectos — o espetáculo em si, mas como texto, é qualquer coisa de no-

tável, sem comparação superior a tudo que conhecemos até então no gênero.

A IDÉIA DA PEÇA

O poeta Vinícius de Moraes, que já está encanecendo (deve ter os seus quarenta e tantos anos), explica-nos em rápidas palavras momentos antes de iniciar-se o espetáculo, nos bastidores:

— A idéia da peça nasceu aí por volta de 1942, num jantar com o meu amigo e escritor americano Waldo Frank. Acompanhava eu então o autor de "América Hispânica" em



LEA GARCIA (Mira) teve uma atuação soberba. Aqui é vista numa cena com Abdias do Nascimento (Aristeu). A cena do pileque foi das melhores.

Anexo 12: Eles têm direito a um lugar ao sol
 Fonte: Revista do Globo nº: 660, 24/3/1956,p.24-25



Assistência Social
SEBASTIAO RODRIGUES ALVES

SEBASTIAO Rodrigues Alves nasceu em Guaçuru, Estado de Espírito Santo e costuma dizer: "Sou capichaba de nascimento, paulista de coração e carioca honorário". Sua mãe faleceu muito cedo e ele ficou órfão aos sete anos. Seu pai, um lavrador, aproveitou o filho ainda menino para colaborar no cultivo de sua propriedade, levando-o para cozinheiro de uma turma de lavoureira num dos seus sítios.

Mais tarde, ele foi candieiro de bois, foi madrinha de tropa de burros e trabalhou na enxada, de sol a sol. Estudou pouco em criança e costuma dizer: "Sou analfabeto de pai e mãe"; entretanto, conseguiu por esforço próprio estudar e colar grau em um curso de nível superior, tendo defendido uma tese brilhante por ocasião da conclusão do curso. A tese vai ser publicada, aliás, pelo "Serviço de Documentação e Cultura" do Ministério da Educação, conforme nos informou o seu atual diretor, Dr. Silmeão Leal.

Rodrigues Alves tem uma experiência de vida fabulosa, pois viveu em todas as camadas sociais possíveis; já esteve exercendo diversas atividades, tendo inclusive contato desde os facinoras dos morros, onde ele incursiona sempre, até os chamados Presidentes de Escolas de Samba, Associações e Clubes Carnavalescos, pelos quais tem sido constantemente homenageado (e já foi citado também em crônicas de "gente-bem").

O nosso entrevistado, que já exerceu em menino várias atividades, na mocidade foi aos 16 anos soldado do Corpo de Bombeiros, soldado, cabo, sargento e 2.º Tte. do Exército, comissionado na Revolução de 30. Em 1936 deixou a farda e refugiou-se no claustro (Convento dos Frades Franciscanos) onde recebeu o burel franciscano e o nome de Frei Miguel. E saiu do convento com o consentimen-

to da Ordem Franciscana, e mantém boas relações com seus irmãos de fé. Agora mesmo tem no Convento de Sto. Antônio, do Rio, o seu Padre-mestre Frei Janário Bauer. Além disso tudo, ainda foi pedreiro e mestre de obras, vendedor de doce, sorveteiro e comprador de cristal de rocha, no interior; mas sempre dedicado aos estudos de valorização do negro.

Sebastião Rodrigues Alves já compareceu, apresentando teses e relatando trabalhos, a vários Congressos e convenções do negro. Atualmente dedica-se aos estudos dos desajustados e é Assistente-Social; vem empreendendo uma pesquisa social-científica no sentido de levantar as causas da marginalidade. É fundador do "Sindicato dos Assistentes" em fase de reconhecimento, pelo Ministério do Trabalho e vem lutando muito pela elevação da profissão sacerdotal que abraçou, gozando por isso mesmo de muito prestígio e amizade no meio profissional.

O Prof. Roger Bastide, da Faculdade de Paris, prefaciando o livro de Sebastião Rodrigues Alves "A Ecologia do Grupo Afro-Brasileiro Ante o Serviço Social" disse que se tratava de um jovem sociólogo de valor e de cultura.

E, quando nós deparamos com tipos como este Sebastião Rodrigues Alves, pensamos nas suas próprias palavras: "É realmente melancólica a tarefa de escrever a odisséia de um negro para ter um lugar ao sol neste nosso Brasil sem preconceito. É claro que aqui não se trata de um negro que já venceu, nenhum Luiz da Gama, Juliano Moreira, André Rebouças, José do Patrocínio e muitos outros, mas de um homem que se encontra diariamente nas ruas, com sua gravata branca e uma postura de nobre..."

ÊLES TÊM D

Reportagem de
GASPARINO DAMATA

A FINALIDADE desta reportagem não é, como pode parecer à primeira vista, provar por a mais há que existe ou não preconceito de cor em nosso país. Preconceito mais forte e mais arraigado na alma do branco contra os seus irmãos de cor — preconceito de origem, como é o caso do povo norte-americano. Ou preconceito mais leve, porém mais complexo — o de marca, como é o caso do que o brasileiro branco nutre pelos seus irmãos de cor, às vezes até sem querer... mas, isso é assunto muito sério, que cabe aos estudiosos e não a um simples repórter, como é o nosso caso.

E qual seria então a finalidade desta reportagem? perguntará o leitor. É simples. É apenas o de chamar a atenção para o seguinte fato. Quando um branco se eleva intelectual, social ou financeiramente, to-



CRIADA no seio de família humilde, mas de extremamente rigorosa moral protestante, foi muito difícil para a jovem Milka conseguir consentimento dos pais para descer o morro e frequentar os ensaios do Teatro Experimental do Negro. Antes de pisar o palco pela primeira vez, integrou o Conselho Nacional das Mulheres Negras, um organismo de luta pela valorização da mulher de cor fundado por Da. Maria de Lourdes Vale. Nesse Conselho Milka teve

Anexo 13: Aburguesou-se a Lapa
 Fonte: Revista do Globo nº: 636, 16/9/1955 p.20

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Crime de Alfice "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observa-se como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira respira e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfice "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfice "Brilhante". Experimente-o.

É um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.

Empresa Santo Anjo da Guarda Ltda.

Ônibus diariamente menos segundas para

TUBARÃO — GUARDA — CRICIUMA — ARARANGUÁ

Aos domingos, quartas e sextas-feiras para

FLORIANÓPOLIS e LAGUNA

(Em um dia)

Mantém tráfego mútuo com a Catarinense até Curitiba

Informações com AUTO VIAÇÃO EXPRESSO

Praça Rui Barbosa, 119 — Fone:

9-1382 — Pôrto Alegre



So as coisas tradicionais, como a igreja, o marco de feitiço português, no centro, e o abrigo para se tomar o bonde, permanecem na Lapa de nossos dias.

ABURGUESOU-SE... cont.

meio ao *brou-ha-ha* intenso da multidão, por entre bancas e barracas, mulheres, senhoras de família e donas de pensões, a comprar e a barganhar no mesmo plano social, porque dinheiro não estabelece diferença em tais casos, com o vendedor, português ou nativo, o preço do feijão, da carne, do peixe e da hortaliça. Mas até a feira, que lhe emprestava um certo sabor e um ar poético e que punha ao menos uma vez por semana no mesmo pé de igualdade pecadoras e santas, esta

também desapareceu: sob os Arcos existe hoje uma espécie de garagem ao ar-livre onde peças enferrujadas e velhas ficam soltas ao relento; onde também ao relento dormem banidos e indesejáveis e onde nas madrugada ou em pleno dia se satisfaz necessidades fisiológicas mais prementes à falta deatórios públicos na capital.

Algum dia quando um de vocês vier ao Rio e procurar a Lapa, não espere encontrar nem a sombra daquele centro de boêmia e de convite à perdição e ao vício; cujas zoelras e cantorias e a música dos seus cabarés se ouviam há centena de me-

ATê as mariposas têm agora um aspecto de "família" e mais parecem distintas senhoras casadas numa noite alegre com o respectivo. Tudo mudou na Lapa...



Anexo 14: Flores de Nina Rosa
Fonte: Revista do Globo nº: 667, 30/6/1956 p.6



POUCAS INDÚSTRIAS TÊM EM SUA BASE TÃO LINDA HISTÓRIA QUANTO A DESSA INDÚSTRIA

Texto de RUTH GUIMARAES

Fotos de BOTELHO NETO

POCAS indústrias têm em sua base tão linda história, quanto a dessa primitiva e delicada indústria manufatureira de flores, praticada em pequeníssima escala nas cidades do interior, geralmente atrasadas de duzentos anos, em relação ao progresso das metrópoles. Nelas se repete a história das corporações de artesãos, do século XVI.

Queria eu argumentar tão bem quanto Viana Moog, e apreciaria a diferença entre a maneira como influi nos operários uma fábrica e como influi essa casa vetusta, onde as mãos aprendem a elaborar pétalas



É UM ofício de mulheres, na idade de amar, pois que lhes preserva a feminilidade e a ternura, a delicadeza das mãos que criam as maravilhas...



Anexo 15: Demolidores
Revista do Globo, nº655, 14/4/1956, p.3.

e a velha cidade vai morrendo...

toras. O movimento de homens e instrumentos de trabalho, ali dentro, se intensifica como num preparativo de guerras. E as casas tentam morrer com dignidade dentro do seu círculo de madeira. As casas velhas morrem no verão.

II

João Firmino acordou cedo. É um bom madrugador. Agora que o sol vai alto, ele pode parar um pouco lá em cima do oitão do telhado e olhar o céu. Sempre gostou das nuvens, costumava mesmo dizer:

— As nuvens são minhas namoradas...

Namoradas que o vento leva. Mas o braço acostumado torna a levantar a picareta, às vezes é a marreta ou um martelo, para ferir uma parede, um assoalho ou um toro apodrecido.

João Firmino gosta do trabalho. Ele fica sempre pensando nas coisas desta vida enquanto seu instrumento fere a casa em muitos pontos. Quantas vezes ele pensou nas marcas que tinham ficado, nas paredes, até mesmo nos tijolos, nas ma-

DE PÉ sôbre o oitão do telhado o operário parece tocar o céu. Ele pode sentir-se irmão, amigo ou noivo das nuvens que o vento vai levando embora.



CASA demolida, edifício construído. Na terra que há quase século não

deiras que agora caem. Como é divertido pensar, quando um tijolo cai, "lá se vai uma recordação"... Duma feita seu amigo Antônio ficou enterrado numa demolição. Soterrado pelas recordações. Morreu. "A gente sente, mas são os cavacos do ofício." João Firmino é por vezes homem duro.

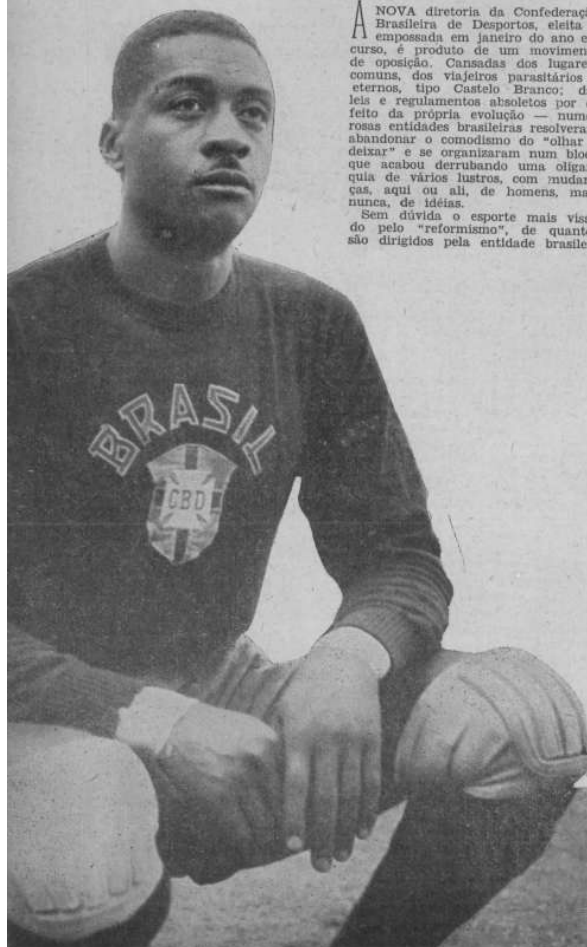
III

A cidade aumenta. Morrem as casas velhas. Com elas a cidade da infância, a de meu pai, a de meu avô... "Ali naquele lugar em que está aquele edifício havia uma casa muito antiga com azulejos coloridos na fachada..." Morreu. Foi derrubada. Foi João Firmino. Foram muitos João Firminos. Eles continuam ainda a demolir as poucas casas velhas que robram na cidade. Ela se transforma, progride mas perde um pouco de si

Vem aí a "Seleção Permanente"

Faz parte da onda de reformas prometida pela nova diretoria da Confederação Brasileira de Desportos — Luta por posições em todos os setores, a começar pelo arco, onde Veludo e Gilmar deverão repetir o antigo duelo Barbosa versus Castilhos, mas também pelas outras posições.

Reportagem de CID PINHEIRO CABRAL



A NOVA diretoria da Confederação Brasileira de Desportos, eileta e empossada em janeiro do ano em curso, é produto de um movimento de oposição. Cansadas dos lugares-comuns, dos viajeros parasitários e eternos, tipo Castelo Branco; das leis e regulamentos absolutos por efeito da própria evolução — numerosas entidades brasileiras resolveram abandonar o comodismo do "olhar e deixar" e se organizaram num bloco que acabou derrubando uma oligarquia de vários lustros, com mudanças, aqui ou ali, de homens, mas, nunca, de idéias.

Sem dúvida o esporte mais visado pelo "reformismo", de quantos são dirigidos pela entidade brasilei-

ra, é o futebol. O novo estatuto da Mater já está sendo objeto de estudos e, na parte que diz respeito ao esporte preferido dos brasileiros, inclui transformações radicais. Prevê, inclusive, uma nova fórmula de disputa do campeonato brasileiro, que era feito sob medida para que, no final, todas as facilidades fossem concedidas ao Rio e São Paulo, no que tange à disputa das finais...

Diz-se, por outro lado, que legisladores experientes e evolucionados já estão bem adiantados na redação do novo Código Brasileiro de Futebol — o mesmo que substituirá o monstro em vigor, pelo qual, por exemplo, o clube que não reservar a sua cadeira mais fora ao presidente da entidade regional, no seu estádio, fica sujeito a sérias penalidades...

Mas parece que a mais popular das reformas é, sem dúvida, a organização do "Selecionado Permanente", que se anuncia para ser posta em prática nos próximos dias, isto é, tão logo entrem na sua disputa normal os certames cariocas e paulistas e possa a entidade máxima, então, através da sua Comissão de Seleção, ou do técnico tão-sómente, indicar os jogadores que, uma vez ou duas por mês terão de reunir-se para se sujeitarem a treinamentos.

Num país como o nosso, onde as distâncias, separando os principais centros futebolísticos, são enormes, não será tão fácil manter a Seleção Permanente como, por exemplo, na Inglaterra, na Argentina onde os jogadores provêm de Buenos Aires e Rosário, ou no Uruguai, onde o mundo se chama Montevideu para o técnico que tiver a "Celeste" a seu cargo.

Terá, assim, a CBD de contar, mais do que nunca, com as entidades de São Paulo e Rio, as mais próximas e que dispõem na nata do "soccer" nacional, para levar avante essa idéia. E só mesmo quando noutra região mais distante aparecer um verdadeiro fenômeno, é que, certo, ganhará um olhar de interesse dos responsáveis ou responsável pela organização permanente. De qualquer forma, temos a impressão de que a "Seleção Permanente" é um passo à frente, que os frutos colhidos de em-

NENHUM arqueiro foi senhor do pósto na seleção brasileira mais tempo, na era profissionalista, do que Barbosa. Mas nunca, infelizmente, Barbosa foi, na seleção, o grande inigualável goleiro do time do Vasco do Rio.

Anexo:17 O rio vive no século XX as Sete Pragas do Egito
 Fonte: Revista do Globo nº: 664, 19/5/1956, p.24



AS FAVELAS constituem motivo para sambas, no entanto a vida ali é dura...

O RIO... Cont.

de justificar o pedido de 50 milhões de cruzeiros para a chamada "Cruzada São Sebastião", Dom Helder Câmara classificou de aguda e explosiva realidade social, aquela que se desenha nas favelas do Rio de Janeiro. E frisou, também, que nenhum plano de reforma econômica pode des-

conhecê-la (O que me dizem diáto os capitães da indústria do Rio Grande do Sul?). Acrescentou que "o proletariado se tornará invencível no dia em que arrastar, nas grandes cidades, a massa do subproletariado que se aglomera nas favelas". Aludiu, ainda, ao êxito da exploração dos comunistas no meio desses grupos subdesenvolvidos, e disse que a minoria dirigente, "não só está tendo senti-

mentos humanos e cristão", como "nem mesmo está agindo com negligência". O bispo auxiliar do Rio de Janeiro esclareceu, por outro lado, que paralelamente ao combate às favelas cariocas, onde — como é dura a realidade, — a degradação dos aglomerados torna impossível o sentimento de dignidade, desenvolver-se-á uma situação eficiente para a fixação do homem do campo, de forma a evitar ou diminuir as emigrações estrangeiras. O conjunto residencial das faveladas da Praia do Pinto é uma prova esmagadora de que um Prefeito, com auxílio do clero e dos capitães



A CARESTIA não é privilégio do Rio.

da indústria poderá fazer para ir lentamente sanando uma das piores mazelas da capital do país.

4

A CENTRAL DO BRASIL

A história da Central do Brasil é um vasto relatório de angústias diárias, de desastres sobre desastres, de morte e de sangue. É o que se chama na capital do país, um doloroso problema de "salir-e-cozinha", porque está ligado a outros... Ainda não apareceu, nesses últimos anos ou desde que começou a funcionar e servir (?) ao carioca, um diretor, uma administração que conseguisse evitar o desmazelo e a insegurança de se viajar numa das suas unidades elétricas. E, no entanto, a Central está aí de pé, a servir, queira quer não, a 2 milhões e meio de habitantes. É um verdadeiro desafio à morte, por parte do povo. Agora mesmo entram em funcionamento vinte e tantas unidades novas. Mas, conseguirão solucionar o problema de transporte para o milhão e tanto de habitantes, que mora espalhado pelos subúrbios? E até quando essas vinte e tantas unidades novas manter-se-ão em dia? É um problema grave e que parece eterno. O espetáculo contrastador do



OS CAMELOS tomaram conta da cidade mas não há remédio. Têm padrinhos.



TRACOS indidítico, idade não sabida nem por ele mesmo, descalço, e por bagagem um cobertor, assim chega há já sete anos Pedro "o louco" a Tramandai. Terminada a temporada, é e enrola o cobertor no braço, engole uma cachaça (para animar) e volta como veio (à pé) para a cidade de Taquara.

É deles o reino da praia

A TÔDA geografia física corresponde de uma humanidade inconfundível. Imagine-se junto ao Atlântico, a ausência de rapazes torácicos ou de moças com tudo para figurarem num

elenco neo-realista. Da democrática Tramandai à aristocrática Tôres, lá estão eles e elas. Mas o que dá muito é candidato a ambas as coisas. Desde crianças de carrinho.



Anexo 19: Broto em negativo
Fonte: Revista do Globo nº: 674, 6/10/1956 p.61



NADIR Tolentin é bonita e seria capaz de eclipsar a famosa Dorothy Dandridge não fosse ela uma simples

empregada doméstica. Mesmo assim a cor de sua pele e a graça de seus gestos são uma verdadeira beleza.

UM BROTO EM NEGATIVO

A cor da pele tornou ainda mais bonita a moça Nadir Tolentin, que é uma simples empregada doméstica mas gostaria de ser funcionária pública.

N^o Rio de Janeiro a gente de cor tomou conta dos espetáculos noturnos. Nenhum show de categoria é apresentado sem que nele se dê um toque sestroso de brasilidade através de elementos negros que, obtêm um sucesso garantido. Assim, destacam-se as mulatas dos espetáculos de Silveira Sam-

palo e Carlos Machado e as cabrochas de Ataúlfo Alves.

Em Porto Alegre também há mulatas notáveis, só que elas não precisam do teatro como instrumento de valorização da raça. Sua beleza é notada em qualquer cenário. Um exemplo é o da moça Nadir Tolentin.

→→→